

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

GABRIEL PUOPOLO DE ALMEIDA

A visão de potência no pensamento de Wilhelm Reich:
contribuições para o Esporte

São Paulo

2015

GABRIEL PUOPOLO DE ALMEIDA

A visão de potência no pensamento de Wilhelm Reich:
contribuições para o Esporte

- Versão Corrigida

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano

Orientador: Prof. Dr. Paulo Albertini

São Paulo

2015

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Puopolo de Almeida, Gabriel.

A visão de potência no pensamento de Wilhelm Reich: contribuições para o esporte / Gabriel Puopolo Alves de Almeida; orientador Paulo Albertini. -- São Paulo, 2015.

164 f.

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Reich, Wilhelm, 1897-1957 2. Potência orgástica 3. Encontros potentes 4. Esporte 5. Desempenho esportivo I. Título.

RC506

FOLHA DE APROVAÇÃO

Gabriel Puopolo Alves de Almeida

A visão de potência no pensamento de Wilhelm Reich: contribuições para o Esporte

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia Escolar e do Desenvolvimento humano

Aprovada em: ____ / ____ / ____

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Assinatura: _____

À Flávia e nossos filhos Gael e Cecília,
imprescindíveis coadjuvantes deste
trabalho. E verdadeiros protagonistas
da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Em sua carta aos Coríntios, Apóstolo Paulo diz que “*ainda que eu tivesse o dom da profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência...e não tivesse amor, nada seria*”. Penso que, tanto quanto o amor, tudo o que sabemos e somos capazes de fazer deixa de ter valor se não houver também *gratidão*. Por isso é importante dizer que esta dissertação, mesmo sendo fruto de uma escrita diligente e solitária, se originou e evoluiu a partir de uma rede criativa e participativa de apoio. Um grupo de pessoas que influenciou não apenas o texto e as ideias nele presentes, como também compõe a teia de relações em meio a qual cresci e continuo me desenvolvendo, e por quem sou profundamente grato.

Procurarei aqui prestar a devida homenagem àqueles que, direta e indiretamente, participam da minha vida e contribuem de toda forma possível para mantê-la repleta de trabalho, de conhecimento, e de amor.

Primeiramente, agradeço ao querido Prof. Dr. Paulo Albertini, que me orientou em muito mais que somente a pesquisa. Por sua calma e exigência, por seu exemplo e rigor. Pela honra que me concedeu ao me “presentear” com a oportunidade de desenvolver uma parte do seu pensamento;

Ao Dr. Claudio Mello Wagner, pelo exame cuidadoso e pelas incríveis contribuições a esse trabalho, pelos almoços no Real e por ajudar a me descobrir psicoterapeuta;

À Dra. Sara Matthiesen, pelo interesse, incentivo e inestimáveis contribuições dadas no exame de qualificação;

Ao Dr. Dimas Calegari, grande mestre “casamenteiro”, que me iniciou na prática e teoria da terapia reichiana e de certa maneira revelou, a mim mesmo, o homem que eu sou;

Ao Presidente “Waltão” Sanchez e aos queridos Jaime Matsumoto e Roberto Campos, por terem me dado a primeira oportunidade no difícil meio do futebol profissional. Meu muito obrigado pela “corda” que me deram para poder desenvolver minhas ideias no Grêmio Barueri, onde durante quase 3 anos fui muito vitorioso, e feliz;

Ao “patrão” Reginaldo Senna, a Diego Jeleilate, Diego Falcão, José Neto, André Germano, João Gomes e tantos outros amigos que fiz durante as peripécias de CBB;

Ao São Paulo Futebol Clube e seu corpo gestor, pela oportunidade, pelo incentivo e por todo apoio e compreensão demonstrados durante os 3 anos de confecção deste trabalho. Aos colegas do CFA Presidente Laudo Natel. Tantos que seria injusto indicar apenas alguns. Obrigado pelas dicas de leitura, apontamentos e questionamentos que muito me ajudaram no desenvolvimento das ideias presentes nessa dissertação;

À Confederação Brasileira de Hipismo, que neste último ano me possibilitou um trabalho inovador junto aos “conjuntos” olímpicos, me proporcionando grandes insights sobre a relação entre o atleta e seu corpo “animal”;

Aos atletas e pacientes que durante todos esses anos me ensinam sobre a vida, sobre a psicologia, sobre o Esporte. E principalmente sobre mim mesmo;

À Zé Anibal, Eduardo Cillo, Paula Korsakas, Eva Tesch, Fábio Silvestre, Roberto Campos, Sergio Kuroda, Roberta Freitas e Jô Miraglia. Obrigado pelo incentivo e companheirismo durante meus primeiros passos na Psicologia do Esporte. E obrigado pela amizade que até hoje, após tantos anos, ainda se mantém;

Aos colegas do IABSP. À Liane Zink, Odila Weigang, Mila Freitas, Karin de Marval, Marina Pedroso, Leia Cardenuto, Eliana Zmetek, Elaine Gloeden. Obrigado pelos ensinamentos, pelo incentivo, pelo apoio e pela grande torcida! Em especial à turma de 2017, nossa “gangue bioenergética”, obrigado!

À Bruno Prates de Almeida. Amigo bioenergético e, como convém, um reichiano bom de bola. Meu muito obrigado;

À Beth Haga, “Dadá” Borba e ao “Gigante” Gentil. Sócios e grandes companheiros da nossa querida “quitanda”. Muito obrigado por me ajudarem a realizar sonhos sonhados em tempos mais difíceis da vida!

Ao querido Leo Lamas, amigo de EEFUEUSP, admirável pesquisador e grande incentivador deste trabalho;

À Carlos Thiengo, inestimável interlocutor e ladrão de sobremesas. Meu muito obrigado por ouvir minhas sandices e por também acreditar em um Esporte mais humano;

Aos *Cavaleiros* “Chima” Mattar, “Zula” Balthazar, Rosé, “Drigo” Mônaco, Barletta, Erick, Rapha Terra, Cássio, e tantos outros amigos de escola, de campo e de copo, de risada e de velório. Meu muito obrigado pela amizade!

Aos colegas da antiga república. Ao “maestro” Felipe de Campos D’Utra Vaz, por me ter apresentado às palavras reichianas e por ser um amigo tão provocador. E à Rodrigo “Pascoal”, por sua sensibilidade que tanto me ensina, pelos bons papos e por tocar no tom para eu não desafinar;

Aos *Confratores* “Bini” Ribeiro, “Dal” Correia, “Lelo”, “Led”, “Beto”. Excelentes companheiros de jornada. Meu muito obrigado pela boa comida, boa bebida e por me darem tantos motivos para cair na gargalhada!

Ao querido Lima “Canga-Açu”, grande amigo e admirável colega de profissão, a quem devo muito do que aprendi sobre o glorioso esporte bretão, e por quem possuo o mais profundo respeito como ser humano. Meu muito obrigado!!

À Família De Campos Padgurschi, por serem sempre um porto seguro em momentos de tormenta. E ao meu compadre Diego Padgurschi, a pessoa mais excelente que conheço. Bom e amoroso em tudo o que faz e diz. Que nossas famílias continuem sendo uma só. Obrigado por ser meu amigo;

Aos meus avós, que deixaram aos meus pais o legado mais precioso e a herança mais valiosa: o incentivo pela busca do saber e do conhecer;

À Bruno Puopolo de Almeida, o “Tio Brunão”, também conhecido pela alcunha de “Barça, o petardo catalão”. Meu maninho que virou gigante, meu irmão em todos os sentidos;

À Mauro e Lella, meus pais, pela vida, pelos exemplos, pelas oportunidades. E principalmente por terem me ensinado que “a aranha vive do que tece”;

Ao Gael, meu primogênito. E à minha filha Cecília, minha porção menina, praticamente gêmea dessa dissertação. Obrigado por fazerem de mim um rapaz sorridente com a “continuidade do sonho de Adão”;

E, finalmente, o agradecimento mais importante. À Ana Flávia Martins Puopolo de Almeida, minha namorada, minha cúmplice. A mãe de meus filhos, sem a qual esse trabalho não teria nem começado, tampouco teria alguma razão de existir. Meu muito obrigado pela compreensão, pela paciência, pelos beijos e recadinhos de incentivo. Obrigado por me manter conectado à vida e ao amor que ela possui.

Puopolo de Almeida, G. (2015). *A visão de potência no pensamento de Wilhelm Reich: contribuições para o Esporte*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

RESUMO

Esta investigação teórica procura identificar pontos de aproximação entre o conceito de *potência orgástica*, formulado pelo psiquiatra e psicanalista austríaco Wilhelm Reich (1897-1957), e o desempenho esportivo. Para isso procuramos focalizar o processo de evolução do conceito tendo como base os textos em que o apresenta e o define, partindo então para a exploração a respeito do conjunto de matizes e nuances que constituem a visão particular que Reich atribui ao termo potência. Em seguida, buscamos realizar essa aproximação com o desempenho esportivo nos sustentando em pesquisadores do tema, de modo a estabelecer pontos comuns de diálogo e similitudes que permitem um olhar sobre o desempenho esportivo à luz da obra reichiana, com especial ênfase à sua visão de potência. Por fim, fazemos uso da contribuição original de Albertini (1997) a respeito dos “encontros potentes” como forma de adicionar elementos à nossa reflexão e oferecer contribuições à compreensão do desempenho esportivo sob a ótica da psicologia profunda. Entendido primeiramente como a capacidade do indivíduo de se entregar ao fluxo de suas excitações sexuais no ato amoroso, de modo a atingir o orgasmo e assim descarregar sua libido represada, a evolução da obra de Reich aponta para a utilização do conceito de potência em outras dimensões da vida, nos levando a compreender que a visão de potência em Reich se refere à capacidade de ser humano estar presente e entregar-se em tudo aquilo que realiza. Essa visão se aproxima de conceitos utilizados na psicologia do esporte a respeito de estados ótimos de prontidão para o desempenho esportivo, apontados por alguns autores como ideais para a obtenção de resultados superiores. Essa aproximação, quando colocada sob o prisma da ideia de encontros potentes, nos permite reavaliar os aspectos estruturais que o conceito de potência possui no pensamento reichiano, assim como considerar a interferência dos processos transferenciais no desempenho esportivo, apontando para a ideia de que o desempenho esportivo não é afetado apenas por condições psíquicas individuais e isoladas do meio, mas especialmente pelo campo transferencial que se compõe no momento em que o desempenho ocorre.

Palavras-Chave: REICH, WILHELM, 1897-1957; POTÊNCIA ORGÁSTICA; ENCONTROS POTENTES; ESPORTE; DESEMPENHO ESPORTIVO.

Puopolo de Almeida, G. (2015). *The vision of potency in Wilhelm Reich's thought: contributions to Sport*. Master Dissertation, Institute of Psychology, University of São Paulo, São Paulo.

ABSTRACT

This theoretical investigation aims at the identification of approach points between the concept of orgasmic potency, formulated by the Austrian psychiatrist and psychoanalyst Wilhelm Reich (1897-1957), and sport performance. To achieve this intent we first try to focus on the concept's development process, based on the writings in which Reich presents it and defines it. Then, we continue to search and exploit the set of shades and nuances that make up the particular vision that Reich gives to the term potency. Following, we seek to achieve this approach to sports performance with the support of researchers in this area, in order to establish a common ground of dialogue and point out similarities that allow a glimpse into sports performance through the light of Reich's work, with special emphasis on his vision of potency. Finally, we use the original contribution of Albertini (1997) about the "potent encounters" as a way to add elements to our reflection and offer contributions to the understanding of sports performance from the perspective of depth psychology. Understood primarily as the ability of an individual to surrender to the free flow of his sexual excitations in lovemaking, in order to achieve orgasm and so discharge their repressed libido, the evolution of this concept points to the use of the term potency in other dimensions of life. Thus, leading us to the understanding that potency, in Reich's view, refers to the ability of human beings to surrender and be present in everything they do in life. This view is similar to some sport psychology's concepts about optimal states and readiness for performance, pointed out by some authors as ideal for achieving superior results. This approach, when placed under the light of the potent encounter's notion, allows us to re-evaluate the structural aspects that the potency concept has on Reich's thinking, as well as to consider the interference of transference processes in sports performance. With this we were able to point at the idea that sport performance are not influenced only by individual and isolated psychological conditions, but specially by the transference field composed at/in the moment the performance occurs.

Keywords: REICH, Wilhelm 1897-1957; ORGASTIC POTENCY; POTENT ENCOUNTERS; SPORT; SPORT PERFORMANCE.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
Preâmbulo.....	14
Objetivo da Pesquisa.....	16
Considerações sobre o Problema da Pesquisa.....	16
Considerações sobre o Procedimento e Método da Pesquisa.....	28
1. DESENVOLVIMENTO DA NOÇÃO DE POTÊNCIA ORGÁSTICA.....	32
1.1. Wilhelm Reich.....	33
1.2. Estudo dos textos a respeito do conceito de Potência Orgástica.....	34
1.2.1. On Genitality: from the standpoint of psychoanalytic prognosis and therapy.....	35
1.2.2. Further remarks on the therapeutic significance of Genital Libido.....	40
1.2.3. Psicopatologia e Sociologia da Vida Sexual.....	50
2. POTÊNCIA VITAL.....	61
2.1. Sublimação, Monismo Energético e o “Bom Selvagem”.....	71
2.2. Potência e Caráter.....	77
3. POTÊNCIA ESPORTIVA.....	87
3.1. Observações complementares sobre o desempenho esportivo.....	89

3.2. Potência, estados ideais e desempenho esportivo.....	95
3.3. Reich, potência, reatividade e o Esporte.....	101
3.4. A questão do espectro.....	106
3.5. A questão do movimento.....	111
4. ENCONTROS ESPORTIVOS.....	126
4.1 Encontros potentes.....	127
4.2. Nas curvas dos encontros esportivos.....	144
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS: POR UMA <i>ARTE ESPORTIVA</i>	150
REFERÊNCIAS.....	156

INTRODUÇÃO

“O sapo não pula por boniteza, mas por precisão”

Guimarães Rosa

PREÂMBULO

A epígrafe desta introdução procura esclarecer, com a devida licença poética, a intenção presente nesta dissertação. Para muito além da “boniteza” de concluir mais uma etapa no processo de formação e adquirir um título acadêmico, o empenho disposto na confecção deste texto tem como fonte a necessidade de buscar um melhor entendimento sobre questões que perseguem este pesquisador há muito tempo. Sem dúvida, tal como qualquer pesquisa científica, a intenção aqui é apenas a de contribuir para a compreensão destas questões, não havendo a pretensão de apresentar respostas prontas, herméticas ou definitivas sobre os temas a que se propõe dissertar. No entanto, procurando honrar o ditado acima, pode-se dizer que as considerações que serão apresentadas a seguir se originaram tanto da necessidade de compreender estas questões como também da necessidade de ser preciso, rigoroso e um tanto exato, mesmo que não absoluto, nessa compreensão.

Ao longo de toda uma vida dedicada ao esporte, como “brincante”, expectador, torcedor, atleta, professor, treinador e ultimamente como psicólogo, sempre me senti muito impressionado e intrigado por aqueles momentos em que os gestos técnicos são executados com maior leveza e graciosidade, e que ao mesmo tempo são também esportivamente bem sucedidos, configurando algo que se aproxima de uma “arte” esportiva, tal como se preconiza na filosofia das artes marciais. Momentos em que a sensação é a de se estar inteiro, presente e entregue ao que se está fazendo, realizando tudo sem esforço e com muito prazer. Foram esses momentos, nos quais o tempo para, os pensamentos se aquietam e a prática esportiva adquire ares artísticos, que me

permitiram deduzir que há algo além da preparação física, técnica e mental, ou mesmo algo mais que a pura sorte ou talento.

O prazer que tais momentos sempre proporcionaram me levou a graduar-me bacharel em Esporte, assim como foram justamente as indagações sobre esses momentos que me conduziram posteriormente a tornar-me psicólogo e psicólogo do esporte. Tornar-me psicoterapeuta foi algo que ocorreu naturalmente, ao perceber que meus interesses transcendiam a questão esportiva.

E foi conhecendo a obra de Wilhelm Reich que encontrei a chave de que tanto precisava para compreender a relação do corpo com a mente, mostrando-me, da forma mais clara possível, que as coisas não são separadas. Nem a psicologia, nem o esporte, tampouco a psicologia do esporte. Afinal, estamos falando da vida, não é?

Busquei por muito tempo algo que pudesse me explicar o que nos faz “virar água”, como nos pedia Bruce Lee, a nos mexer com força e leveza ao mesmo tempo, como Muhammad Ali, a ver todos os ângulos do campo ao mesmo tempo, como Magic Johnson, a ser preciso e calmo nos momentos decisivos de um jogo, como Michael Jordan e Romário. A tal como um experiente enxadrista saber o que vai acontecer no jogo muito antes dos demais, como Pelé.

Mas pouco encontrei nessa busca, e o que de fato encontrei não me satisfez, não supriu minha necessidade. Percebi que precisava eu mesmo criar algo que me contentasse a curiosidade, mesmo que por um tempo.

Objetivo da Pesquisa

O presente estudo tem como objetivo contribuir para o aprofundamento do conhecimento sobre a visão de potência no pensamento de Wilhelm Reich e apontar possíveis desdobramentos desta visão sobre o tema do desempenho esportivo.

Esperamos que, uma vez atingidos tais objetivos, estaremos contribuindo tanto para a compreensão do conceito de potência na obra reichiana, como ao mesmo tempo sugerindo novas articulações e pontos de diálogo entre a psicologia profunda e o Esporte.

Considerações Sobre o Problema da Pesquisa

Apontar o estudo do desempenho esportivo como um objetivo de pesquisa não é tarefa das mais simples. Como nos indica Silva (2006): “o desempenho esportivo pode ser entendido como um sistema composto de muitos elementos que interagem, formando padrões macroscópicos complexos” (p. 219). Antes de iniciarmos a problematização desta investigação, porém, é importante tecer algumas considerações sobre os conceitos de atividade física e esporte, com o intuito de apresentar um recorte mais bem definido sobre o seu foco, evitando assim a incursão em mal-entendidos e imprecisões.

A atividade física pode ser definida como “o movimento intencional, voluntário e dirigido para alcançar um objetivo identificável” (Hoffman & Harris, 2002, p. 22). Nesse sentido temos todas as atividades – físicas - realizadas com base na intenção voluntária e que possuem um objetivo

explícito cujo significado é compartilhado pelos demais envolvidos, como as atividades lúdicas e recreativas; as voltadas ao bem estar e qualidade de vida; as pedagógicas e inseridas numa perspectiva educacional de desenvolvimento humano; assim como as competitivas, organizadas e institucionalizadas. Essa definição se aproxima do que Tubino (2006), considera como Esporte. Em uma visão mais ampla, o autor inclui em sua definição três tipos distintos de manifestação esportiva: “o *esporte-educação*, o *esporte-lazer* e o *esporte de desempenho*” (p. 23, itálicos originais).

Sobre o esporte de desempenho, ou de rendimento, Tubino (2006) esclarece ser este um tipo de Esporte “disputado obedecendo rigidamente as regras e os códigos existentes, específicos de cada modalidade esportiva. Por isso é considerado um tipo de esporte institucionalizado, do qual fazem parte federações internacionais e nacionais que organizam competições no mundo todo” (p. 24).

Barbanti (2006), por sua vez, traz a seguinte definição: “Esporte é uma atividade competitiva institucionalizada que envolve esforço físico vigoroso ou o uso de habilidades motoras relativamente complexas, por indivíduos, cuja participação é motivada por uma combinação de fatores intrínsecos e extrínsecos” (p. 57). Acrescenta que essa é uma definição de cunho sociológico, relativo ao que se conhece por esporte organizado.

Gomes e Zakharov (2003) contribuem com noção de “cultura física”, que se realiza “na experiência, conhecimento metódico com utilização orientada de diversos fatores para a obtenção dos objetivos do aperfeiçoamento físico do homem; realiza-se também em ideias sobre os critérios estéticos do desenvolvimento físico do homem, nas normas éticas, etc.” (p. 27). Para os autores a cultura física é uma forma de expressão cultural, que possui pontos de intersecção com outro fenômeno, o Esporte, entendido por eles como “parte da cultura da sociedade, cuja essência representa a atividade orientada para a obtenção de vitória e realizada nas competições consideradas dentro do sistema de preparação especial” (2003, p. 28).

Portanto, podemos entender que se o Esporte envolve a busca da vitória por meio de ações motoras voluntárias, vigorosas e/ou complexas, que demandam uma preparação especial, o estudo sobre o *desempenho esportivo* precisa ser considerado a partir de um lugar privilegiado.

Como observação, vale mencionar o seguinte: ainda que as diferentes definições tenham como objetivo a precisão teórica e epistemológica dos estudos, entende-se que o estudo sobre o desempenho esportivo no ambiente competitivo de alto nível possa ser replicado, com as devidas ponderações e ajustamentos, a outras áreas do esporte e da prática física. Da mesma maneira, entendemos que ao tratarmos de um tema como o desempenho esportivo podemos lançar luz à compreensão sobre diversas outras *modalidades de expressão do desempenho humano*.

Poderíamos nos contentar em utilizar uma definição mais óbvia e simplista de desempenho esportivo, relativa apenas à obtenção da vitória. Quem vence possui um melhor desempenho que os demais. Esta seria uma possibilidade, dada as definições de esporte que apresentamos. Gomes e Zakharov (2003), por exemplo, afirmam que “em nossa opinião, a obtenção da vitória é o único indício específico que é próprio somente da atividade esportiva” (p. 28). Assim, o desempenho poderia ser considerado apenas em função do resultado que ele produz.

Mas há outros elementos para levarmos em conta. Justus (2010), nos auxilia comentando que “desempenho excede a concepção reducionista de vitória. Seu significado se relaciona à proximidade maior da perfeição” (p. 14). Ainda que a autora considere que “desempenho quer dizer realização de uma atividade que exige competência e eficiência” (p. 14), sendo portanto o rendimento – a vitória – um fator importante, a competência, manifestada pela capacidade dos atletas expressarem “ao máximo suas performances individuais e de grupo” (p. 14), também faz parte do que poderia ser entendido como desempenho esportivo.

Chegamos então em um ponto importante. Desempenho não se resume ao *que se faz*, mas também ao *como* aquilo é feito. Vencer é importante, mas a maneira, a forma por meio da qual se vence é parte fundamental de uma compreensão mais ampla sobre desempenho esportivo.

Além disso, o fator temporal e a compreensão do desempenho como um “sistema aberto” nos auxilia a compreender de maneira aprofundada o conceito de desempenho esportivo. De acordo com Kiss, Böhme, Mansoldo, Degaki e Regazzini. (2004), o desempenho esportivo “expressa em determinado instante temporal a Condição Global do indivíduo” (p. 89). Os autores entendem este indivíduo e sua condição global como “um estado físico no espaço-tempo, resultante de seu embasamento genético expresso através das condições física e psico-emocional, o qual é modulado na sua expressão por diferentes variáveis ambientais” (p. 89).

Podemos então considerar o desempenho esportivo como a relação entre o resultado (rendimento, eficiência, produtividade, etc) e a maneira com a qual se atinge o mesmo. A busca por este resultado, por sua vez, é realizada por meio de movimentos vigorosos e/ ou complexos com vistas a um objetivo identificável e que, como apontam Gomes e Zakharov (2003), “possuem valor para o homem e para a sociedade” (p. 29). E é decorrente da relação do indivíduo com o ambiente no que diz respeito a maneira como seus fatores físicos e psicológicos interagem com este ambiente nos diferentes momentos de sua vida (aspecto temporal) e nas diferentes situações nas quais se envolve (competição institucionalizada).

Seria possível, portanto, indicar que a compreensão dos *fatores psicológicos* do desempenho esportivo é de suma importância, dada a sua influência nesta relação aberta entre o homem, seu ambiente e sua prática. No caso, sua prática esportiva.

O estudo dos aspectos psicológicos do desempenho esportivo representa um dos ramos da Psicologia do Esporte (Samulski, 2007). A busca pela compreensão dos elementos psíquicos que permitem, assim como as tentativas de se encontrar meios de intervenção que desenvolvam a prontidão psicológica para se atingir – e se manter - níveis cada vez mais altos de desempenho fazem parte do cotidiano de profissionais e acadêmicos envolvidos no estudo da Psicologia do Esporte.

Dentre os diferentes temas relacionados ao estudo psicológico do desempenho esportivo, podemos destacar a “performance de excelência”, definida por Samulski (2007) como “um desempenho atlético superior e consistente dentro de um período de tempo estendido” (p. 40). Essa visão é corroborada e completada por Ericsson e Starkes (2003) da seguinte maneira: “para obter o status de experts, os atletas precisam atingir excelência em não menos que quatro domínios: fisiológico, técnico, cognitivo (tático/estratégico; perceptivo e de tomada de decisão) e emocional (regulação/lidar com adversidade/psicológico)” (p. 21, parênteses originais). Como forma de atestar a importância dos fatores psicológicos na obtenção da excelência, alertam que “as habilidades psicológicas influenciam a capacidade do atleta de desempenhar em cada um desses domínios” (p. 25). Desse modo, acrescentamos novos elementos que atestam a importância do estudo dos aspectos psicológicos relativos a desempenhos superiores. Por essa razão este assunto recebe a atenção principalmente daqueles que atuam junto a equipes esportivas envolvidas em competições de alto nível.

Sob um ponto de vista mais técnico podemos encontrar, sustentados pelas múltiplas abordagens psicológicas, estudos que compreendem uma variada gama de assuntos que se acredita estarem presentes no processo de aquisição e manutenção de desempenhos superiores. Fatores como por exemplo ansiedade, motivação e autoconfiança são examinados em relação à influência que exercem no desempenho, auxiliando no desenvolvimento de inúmeras técnicas e métodos de

intervenção cujo objetivo é preparar o indivíduo – ou grupo de indivíduos – no caminho pela busca da excelência.

De modo ainda mais específico, em meio aos estudos sobre a excelência esportiva, encontramos trabalhos voltados à compreensão dos estados de prontidão psíquica adequados para o alto desempenho. Diversos relatos de atletas mencionam algum tipo de alteração em seu estado psíquico nos momentos em que realizaram grandes feitos, alcançaram marcas importantes ou executaram lindas jogadas e gestos técnicos. Momentos que existem na prática esportiva, assim como nas artes, em que a precisão, a força e a velocidade se unem à beleza, à graciosidade e leveza dos movimentos, compondo algo que é ao mesmo tempo esteticamente admirável e esportivamente bem sucedido. Experiências de plena presença que, de acordo com Gumbrecht (2005), também compõem uma definição do Esporte.

Aqui temos um ponto que merece ser mencionado. Para além da compreensão dos fatores que conduzem a vitória (o que) e condicionam um modo particular de atingi-la (como), é fundamental buscar o entendimento sobre as oscilações observadas no desempenho de atletas nos mais variados níveis e momentos de competição (onde e quando). Considerando que o desempenho é algo a ser analisado a partir de uma posição no tempo (Kiss et al., 2004) e que a excelência se refere à capacidade de manutenção da performance por um tempo estendido (Samulski, 2007), compreender os fatores psicológicos implicados na variação do grau de expressão da performance se mostra importante para o entendimento e a intervenção – direta e indireta – sobre o desempenho.

Os modelos teóricos mais conhecidos indicam que desempenhos superiores de fato dependem de algum tipo de experiência psíquica diferenciada. Muitos fazem referência a uma espécie de presença e entrega do atleta à sua tarefa que se aproxima do que poderia ser considerado

um “estado de graça” esportivo. Gaertner (2007), por exemplo, atesta que “as descrições dos atletas [a respeito deste estado] se assemelham a descrições de experiências meditativas de escolas do oriente, em especial do Yoga e do Zen” (p. 184). O mesmo autor esclarece que “esse estado no qual o desempenho esportivo é acima da média e descrito como sem esforço é denominado estado de fluidez, fluxo ou zona” (p. 184).

Tais estudos buscam identificar o processo que leva à obtenção destes estados. Os modelos mais conhecidos se mostram bastante descritivos ao identificar as “barreiras” que impedem a entrada dos atletas em sua “zona ótima de funcionamento” (Ruiz & Hanin, 2003), ou fazer levantamentos sobre os “componentes” do “estado de fluxo” (Jackson & Csikszentimihaly, 1999).

No entanto, ainda que Weinberg e Gould (2001) afirmem que um dos objetivos da Psicologia do Esporte é o de “entender os efeitos de fatores psicológicos sobre o desempenho físico ou motor” (p. 28), há ainda espaço para uma melhor compreensão sobre *o que está em jogo, quando se está no jogo*. Mesmo sendo possível recorrer a uma série de referências descritivas sobre a influência dos fatores psicológicos no desempenho esportivo, em meio aos estudos que procuram compreender como os estados psíquicos influenciam os fatores que conduzem ao alto rendimento, um olhar atento sobre as abordagens psicológicas que sustentam estas teorias irá notar que o pensamento psicanalítico possui ainda um espaço reduzido nessa compreensão (Ramirez, 2003).

Como nos aponta Dias (2009):

Nessa área de atuação [Psicologia do Esporte], a psicologia tem se feito presente basicamente com o uso de teorias oriundas de uma ciência positivista, que minimizam o sujeito, muitas vezes reduzindo sua prática à aplicação de técnicas destinadas a

melhorar a capacidade cognitiva de variáveis, como atenção e concentração, com o intuito de colaborar com a melhora da performance (p. 14).

Cabe-nos, portanto, alguns questionamentos. Não seria adequado pensar que ao considerarmos a existência de uma instância inconsciente em nosso psiquismo, que se relaciona dinâmica e energeticamente¹ com a consciência e a vontade humanas, estaríamos contribuindo de forma contundente para uma compreensão mais profunda sobre como o psiquismo afeta o desempenho? Ao mesmo tempo, não seria interessante imaginar que, ao examinarmos estes fatores sob o olhar psicanalítico, estaríamos não apenas realizando um exercício teórico, como também acrescentando elementos fundamentais para o incremento dos próprios métodos e técnicas de intervenção? Mais ainda, não seria oportuno poder dispor do conhecimento - já existente na Psicologia e em especial na psicanálise - sobre a relação entre os aspectos físicos e psíquicos na compreensão sobre como os diferentes estados psíquicos interferem no desempenho esportivo?

Em nossa pesquisa encontramos alguns estudos dedicados ao estabelecimento de um olhar psicanalítico ao fenômeno esportivo. Em alguns encontramos alusões a esse já mencionado estado de presença, como por exemplo em Moraguès (2003), que ao apresentar seu trabalho sobre o “contradesempenho” examina o desempenho esportivo sob a ótica psicanalítica e nos esclarece pontos importantes, que iremos abordar mais adiante. No entanto, dentro da multiplicidade de escolas de origem psicanalítica, há uma em especial ainda pouco utilizada para o entendimento do fenômeno esportivo. Mesmo se mostrando uma abordagem possível – para não dizer extremamente

¹ Aqui nos referimos à maneira pela qual Freud abordou a organização e o funcionamento do psiquismo. De acordo com o pai da psicanálise, nossa psique possui um aspecto tópico (de “topografia”, relativo às noções de consciente e inconsciente; id, ego e superego), um aspecto dinâmico (que diz respeito ao relacionamento estabelecido entre esses “lugares” do psiquismo) e um aspecto econômico (energético, relativo às quantidades de energia existentes em cada instância – lugar – psíquica e o jogo de forças – excitações – existentes entre elas).

útil – para o entendimento dos fatores psicológicos presentes no desempenho esportivo, em nossa pesquisa encontramos poucos estudos dedicados à compreensão do fenômeno esportivo sob a *ótica reichiana*.

Dentre estes poucos estudos específicos, podemos por exemplo citar Wagner (2006), que nos apresenta importantes considerações sobre essa relação, com especial ênfase ao aspecto orgástico do espetáculo esportivo. Gaertner (2002), por sua vez, realiza uma extensa revisão teórica sobre a relação entre a “psicologia somática” e o esporte de alto rendimento, contribuindo com elementos de ordem prática para a atuação da psicologia do esporte. Bichara (2003), também busca por uma articulação entre a teoria reichiana e o movimento esportivo, embora dentro do contexto da educação física escolar, assim como Matthiesen (1996), que procura esclarecer as diferenças existentes entre a abordagem reichiana e as práticas corporais “alternativas”.

Ainda que a contribuição destes estudos seja importante para uma melhor compreensão sobre as possíveis articulações entre a teoria reichiana e o Esporte, pensamos ser importante seguirmos com esse empenho de buscar outros pontos de diálogo nesta relação. Assim, por não termos encontrado em nossa revisão nenhum trabalho que volte sua atenção especificamente à compreensão dos questionamentos acima propostos, a dizer, a relação do desempenho esportivo e seus “estados ótimos” com a visão reichiana de potência, acreditamos ser este um estudo inédito que, somado a outros que possuem intenções similares, trará contribuições para a inserção do pensamento de Reich nos estudos sobre o Esporte.

Wilhelm Reich, psiquiatra austríaco que durante 14 anos - de 1920 a 1934 - frequentou o círculo íntimo da psicanálise, procurou contribuir para o pensamento psicanalítico no que diz respeito à sua técnica e teoria. Reconhecido como um dos grandes dissidentes da segunda geração

de psicanalistas, teve sua obra marcada pela tentativa de aproximar ainda mais os postulados freudianos às ciências biológicas (Roudinesco & Plon, 1998).

Ao longo de sua vida desenvolveu um corpo teórico que, tal como o fenômeno esportivo, inclui as dimensões orgânicas, psíquicas, sociais, culturais e políticas da existência humana, oferecendo, a nosso ver, um suporte teórico extremamente amplo, útil e fértil para compreendê-lo. Da mesma forma, dada a maneira como abordou a relação entre mente e corpo, entre soma e psique, Reich pode nos abrir um caminho interessante para o entendimento de certos temas contemplados pela Psicologia do Esporte, especialmente nos oferecendo referências teóricas para melhor compreender *como* se dá a influência dos estados psíquicos no desempenho esportivo.

O pensamento reichiano nos orienta para uma visão sobre a vida que implica em presença, em entrega, nos mesmos moldes mencionados anteriormente, nos dando inclusive o instrumental teórico necessário para compreender como se dá a influência destes estados de presença no desempenho. Nesse sentido, a descrição dos modelos conhecidos sobre estes estados “ótimos” em muito se aproximam do conceito reichiano de *potência*², tema central desta dissertação.

As ideias de Reich a respeito da relação soma-psique, quando analisadas em sua complexidade e amplitude, permitem não apenas uma aproximação descritiva, na qual se utiliza os conceitos de uma teoria para se “ler” os fenômenos. Tampouco possibilitam somente uma articulação, na qual se contribui com conceitos de uma área a uma outra, acrescentando elementos que sejam importantes mas ainda pouco endereçados. No caso do pensamento de Reich é possível realizar – ao seu estilo, é bom se dizer - uma verdadeira *integração* dos conceitos relativos à

² É importante se atentar que o conceito de potência na obra de Reich possui nuances que o difere do comumente empregado em outras áreas do conhecimento, como por exemplo no esporte, principalmente na área de preparação física, onde é entendido como a “natureza explosiva de produzir força” (Barbanti, 2002, p. 13).

psicologia e o Esporte, permitindo assim uma visão mais clara e objetiva sobre o impacto do psiquismo no desempenho esportivo.

Será preciso, portanto, percorrer a trajetória do raciocínio de Reich no desenvolvimento da sua visão sobre a noção de potência para que sejamos capazes de apresentar, com a devida organização e rigor, uma aproximação plausível entre esta visão e o tema do desempenho esportivo de alto nível. Para tanto, será necessário iniciar “do começo”, considerando que a visão reichiana de potência, um dos marcos centrais de seu pensamento, tem sua origem em suas considerações sobre o tema da sexualidade e sua influência no comportamento e nas aflições humanas.

A questão da relação entre a sexualidade e o comportamento humano se apresenta desde as origens do pensamento psicanalítico. Sendo um grande interessado pelo tema da sexualidade, Reich procurou contribuir com elementos que visavam aprofundar e sistematizar a compreensão sobre essa questão no terreno da psicanálise. No entanto, ainda que fundamentalmente orientadas pela psicanálise, suas investigações em torno da sexualidade e suas diversas implicações na condição humana o levaram a migrar para um caminho teórico original, diverso àquele que o movimento psicanalítico trilhava na época.

O exame da trajetória do pensamento de Reich, auxiliado por estudos, análises e descrições desenvolvidas por estudiosos desse percurso, nos permite compreender que a visão de Reich sobre a sexualidade, inspirada na teoria psicanalítica e por outras bases epistemológicas, tornou-se um dos eixos centrais de todo o seu pensamento. A partir de suas considerações a respeito da sexualidade, Reich enveredou por um caminho que o levou à pedagogia, à biologia e ao estudo dos fenômenos sociais e políticos. Suas reflexões o conduziram a investigar a origem da vida e os fenômenos climáticos e astronômicos. Suas elaborações sobre a sexualidade estiveram no cerne de suas

proposições a respeito de uma vida governada pelo amor, pelo trabalho e pelo conhecimento. Na base desse eixo, invariavelmente, encontramos considerações referentes ao que ficou conhecido como teoria do orgasmo e, em última instância, à noção de *potência orgástica*. Tal como nos indica Sharaf (1983): “Reich considerava sua elucidação sobre a potência orgástica como a pedra fundamental de todo seu trabalho subsequente” (p. 86). Nessa mesma linha, o próprio Reich (1949/2003), fazendo uma analogia às descobertas das navegações empreendidas nos séculos XV e XVI, nas quais Colombo descobriu “trechos de litoral” (p. 5), que dariam origem ao que mais tarde se tornaria um inteiro novo continente, afirma que a descoberta da potência orgástica “representa o trecho de litoral a partir do qual tudo o mais se desenvolveu” (p. 5).

Sendo comparado pelo próprio Reich ao papel exercido pelo complexo de Édipo na psicanálise (Reich, 1942/1975a, p. 93), o papel da potência orgástica na obra reichiana adquiriu, acompanhando o percurso do seu pensamento, novos graus de sofisticação e complexidade. Na medida em que Reich foi desenvolvendo seu trabalho em torno da matriz da sexualidade, pode-se entender que à noção de potência orgástica se somaram novos matizes e sentidos, que fazem referência a suas propostas de uma vida mais autônoma e livre, constituindo assim uma visão própria e original a respeito do termo potência.

A partir da análise sobre o desenvolvimento da noção de potência orgástica, com especial ênfase à visão que o conceito de potência assume no percurso da obra de Reich, visamos contribuir para a compreensão de pontos sensíveis no pensamento de um autor que, em função da amplitude de suas ideias e pelo fato de ainda se encontrar envolto por certos preconceitos, como nos aponta Wagner (1996), merece ser investigado com atenção e rigor. Nas palavras de outros dois pesquisadores e comentadores, temos Albertini (2012), para quem a obra de Reich, “dada a sua fertilidade, pede avaliação e continuidade” (p. 35), ou mesmo Sharaf (1983), que faz a seguinte

consideração: “ainda que as evidências sobre o grau de exatidão das concepções sexuais de Reich estejam longe de serem conclusivas, a potência orgástica permanece como um conceito imensamente frutífero” (p. 98).

A presente pesquisa tem como orientadores as seguintes indagações: 1) Como se deu o processo de desenvolvimento da noção de potência orgástica na obra de Reich? 2) Como, e sobre quais bases, podemos entender a articulação de sentidos presentes na visão de Reich sobre a potência? 3) Considerando a visão reichiana de potência, como seria possível identificar um campo de integração adequado com o tema do desempenho esportivo? 4) Como podemos acrescentar à visão reichiana de potência a contribuição original de Albertini (1997), sobre os “encontros potentes” e qual seu impacto em nossa discussão sobre o desempenho esportivo?

Considerações sobre o procedimento e o método da pesquisa

Antes de iniciarmos a nossa exposição sobre o método e procedimento da pesquisa, é importante entender que embora estejamos desde o início nos referindo ao tema do desempenho esportivo, o subtítulo “contribuições para o Esporte” foi mantido não apenas porque o primeiro integra o último. Sua manutenção se deu em função da ideia de que o trabalho que estamos apresentando possui a intenção – para não dizer a pretensão – de criar uma base firme de diálogo entre o pensamento de Reich e o Esporte, ou mesmo a prática esportiva, como um todo. Entendemos ser este o primeiro passo na direção de se definir um campo comum de articulação que permita futuras investigações aos estudiosos da área.

Também, dado o ineditismo deste estudo e a ampla gama de conceitos que pretende abordar, pedimos ao leitor que nos acompanhe pacientemente nesta jornada. Não há como garantir, mas acreditamos que eventualmente essa articulação a que nos propomos fará sentido ao seu final.

Trataremos de assuntos um tanto diversos, transitando em meio a conceitos específicos da psicanálise, do pensamento de Reich e de seus comentadores, passando por alguns estudiosos da psicologia do esporte e fazendo uso de noções teóricas bastante particulares ao Esporte. Temos, por isso, consciência de que muitos dos termos, conceitos e proposições podem ser um tanto alheios ou mesmo estranhos a alguns dos leitores a quem dirigimos este texto. Na tentativa de redimir imprecisões, evitar falhas de entendimento e proporcionar uma leitura clara e fecunda de ideias, procuraremos posicionar e esclarecer conceitos chaves destas diferentes áreas, seja ao longo do próprio texto ou em notas, de modo a guiar o leitor em meio ao emaranhado teórico-conceitual com o qual irá se deparar.

Sendo um estudo que entre outras intenções visa contribuir para a compreensão de uma noção teórica, no caso o entendimento sobre a visão de potência no pensamento de Wilhelm Reich, pretendemos examinar, descritiva e analiticamente, o processo de sua construção e evolução de sentidos, tendo por base uma parte da sua obra. Apresentaremos essa descrição de modo a sistematizar e organizar temporalmente esse processo.

Em função do nosso intento em examinar os sentidos presentes na noção de potência, buscaremos contextualizar seu desenvolvimento, esclarecendo as teorias e os elementos de ordem histórica que participaram da sua constituição. Valendo-nos do contexto, faremos com que a visão de Reich sobre a potência apareça de forma mais clara em seus diferentes matizes.

No que diz respeito à articulação do pensamento reichiano com o tema do desempenho esportivo, traremos autores das áreas do esporte e da psicologia do esporte cujas ideias permitem este “enlace”, de modo a propor não apenas um exercício teórico, como uma visão mais objetiva e prática sobre a interferência do psiquismo no desempenho esportivo.

Quanto à organização do trabalho, manteremos a seguinte sequência: no primeiro momento, traremos um breve histórico sobre Reich, sua obra e vida, de modo a contextualizar a compreensão sobre o processo de constituição do seu pensamento em torno da noção de potência orgástica. Seguiremos então para o estudo de três artigos fundamentais. São eles: *On Genitality: From the Standpoint of Psychoanalytic Prognosis and Therapy* (1924/1975b); *Further Remarks on Therapeutic Significance of Genital Libido* (1925/1975c) e *Psicopatologia e Sociologia da Vida Sexual* (1927/19__). A partir desses escritos delinearemos o processo de constituição da noção de potência orgástica, que nos servirá para as análises subsequentes.

Em seguida, partiremos para o exame a respeito da articulação de sentidos atribuídos à noção de potência no conjunto de sua obra, constituindo o que pode ser considerada a *visão* que Reich possuía desta noção. Traremos algumas considerações a respeito do(s) papel(eis) desempenhado(s) e suas relações com outras formulações do autor, de modo a esclarecer esta visão, utilizando como base textos representativos escolhidos em função da forma específica como abordam os conceitos e da maneira como compõem o quadro que pretendemos apresentar. Além disso, nos aproveitaremos de teses, livros e artigos publicados por outros autores que nos auxiliarão nesse exame mais detalhado.

Visando o estabelecimento de uma articulação tangível entre a visão de potência em Reich e o desempenho esportivo, faremos uso de alguns estudos já existentes sobre os fatores psicológicos

do desempenho esportivo, como também dos trabalhos publicados que realizam a articulação entre a psicanálise e o esporte.

Enfim, no sentido de trazer contribuições atuais à visão de potência e esclarecer de maneira mais específica esta integração que estamos propondo, nos deteremos na análise sobre as implicações da noção de Albertini (1997) de “encontros potentes” à visão de potência em Reich, e seus possíveis desdobramentos no entendimento do desempenho esportivo.

1. DESENVOLVIMENTO DA NOÇÃO DE POTÊNCIA ORGÁSTICA

“Os seguidores tendem a tornar todas as questões muito fáceis para si mesmos. Tomam a matéria duramente elaborada e operam com ela da maneira mais cômoda possível. Não fazem nenhum esforço para encontrar novas aplicações para todas as sutilezas do método. Tornam-se indolentes, e o complexo de problemas deixa de ser um desafio.”

(Reich, 1942/1975a, p. 105-106)

1.1 Wilhelm Reich

Nascido em 1897, na região rural periférica do antigo Império Austro-Húngaro, Wilhelm Reich possui uma trajetória de vida marcante, repleta de perdas e conquistas. Primeiro filho e herdeiro de “pais não de todo desfavorecidos” (Reich, 1996, p. 11), perdeu tudo o que possuía no eclodir da 1ª grande guerra. Já órfão de pai e mãe, cujas mortes foram envoltas de elementos trágicos, assume carreira de oficial no exército austríaco. Após o fim da guerra forma-se médico, tendo antes feito contato com Freud e se tornado psicanalista. Mesmo já com uma prática clínica psicanalítica em andamento quando da conclusão do curso de medicina, ingressa em uma residência em psiquiatria, tornando-se médico psiquiatra. Em meio a tudo isso, produz textos, artigos e livros voltados a contribuir para o movimento da psicanálise. Ao final da década de 1920 integra sua prática médica/ psicanalítica a uma postura política, motivado, dentre outros fatores, pela reação policial ante os movimentos de greve que assolavam Viena nessa época. Foi a partir desse envolvimento que sua obra adquire um caráter mais social, preventivo. Até então suas contribuições se focavam nos aspectos teóricos e terapêuticos da psicanálise. Seu empenho em apontar o cerceamento da sexualidade como causa primeira e definitiva das aflições humanas, e a forma como se utilizou desta abordagem para apontar falhas na estrutura econômica, social e moral da civilização da época causaram-lhe diversas dificuldades. Mudou-se várias vezes de país, sendo algumas dessas vezes “para não mudar de opinião” (Wagner, 2006, p. 56). Foi expulso da Associação Psicanalítica Internacional e do Partido Comunista, foi perseguido na Alemanha, difamado na Escandinávia, investigado e condenado à prisão nos EUA, onde veio a falecer em 03 de novembro de 1957, aos 60 anos.

Em relação aos seus principais temas de pesquisa, podemos destacar, com o auxílio de Albertini (1994, 2012), Boadella (1985) e do próprio Reich (1975a), as seguintes: 1) questão da sexualidade e sua importância na etiologia das neuroses; 2) equilíbrio – ou desequilíbrio - econômico-energético presente nos conflitos entre a cultura e os impulsos do homem, ao que chamava de *economia sexual*; 3) reflexões sobre a possibilidade de harmonia nesse conflito e estabelecimento de bases educacionais para a profilaxia das neuroses; 4) elaboração e constante revisão das técnicas de tratamento analítico; 5) crescente atenção dada a temas de ordem biológica e fisiológica na compreensão e no tratamento das aflições nervosas.

Embora se possa apontar diversas contribuições de sua obra ao pensamento psicanalítico, terapêutico, político, socioeconômico e outras várias áreas do saber, o que realmente precisamos destacar, não apenas para fazer jus ao autor, como também para melhor posicionar o leitor diante do nosso tema de pesquisa, são suas ideias relativas à sexualidade e à vida de modo geral. Em meio a essas ideias, a noção de potência assume lugar de destaque, por representar a utopia do projeto reichiano de liberdade e de uma vida – auto – regulada, pelo amor.

1.2. Estudo dos textos de apresentação da noção de potência orgástica

Procurando cumprir nossa proposta de método, daremos início à leitura, descrição e análise dos textos de Reich em que estão presentes a definição e os conceitos centrais em torno dos quais a noção de potência orgástica foi desenvolvida. Importante dizer que o tema da sexualidade perpassa grande parte da obra do autor, sendo um de seus grandes focos de interesse. Em 1942, ao revisar o percurso do seu pensamento, Reich faz a seguinte afirmação: “Lembrarei ao leitor que cheguei a

Freud através da sexualidade” (Reich, 1942/1975a, p. 83). Entendemos que o conceito de potência orgástica nasce como fruto desse interesse.

No título de cada sessão utilizaremos a versão traduzida dos títulos originalmente escritos em alemão. Faremos isso pelo fato de termos tido acesso aos textos já traduzidos. Nos falta conhecimento da língua alemã para termos uma maior compreensão do texto em sua versão original. A “história” de cada texto, suas versões e diferentes publicações será apresentada no início da sessão. Também, em se tratando de trabalhos pesquisados em outra língua que não a do autor, vale mencionar que as traduções dos trechos citados foram feitas por nós.

1.2.1. *On Genitality: from the standpoint of psychoanalytic prognosis and therapy*

Em 1923, Reich apresenta à Sociedade Psicanalítica de Viena o estudo: *Über Genitalität vom Standpunkt der Psychoanalytische Prognose und Therapie* (Sobre a Genitalidade do Ponto de Vista do Prognóstico Psicanalítico e Terapia). Como artigo, foi publicado no ano seguinte no *Zeitschrift für Psychoanalyse* (v. X, p. 164-179). Em 1975, traduzido para o inglês, passa a integrar o livro *Early Writings*, sob o título *On Genitality: From the Standpoint of Psychoanalytic Prognosis and Therapy* (1924/1975b, p. 158-179).

Já no primeiro parágrafo, a apresentação do objetivo central do artigo se dá na seguinte forma: “Eu devo discutir o papel que a genitalidade³ exerce no prognóstico e no tratamento das

³ O termo “genitalidade” faz referência à noção freudiana de “primazia genital”. De acordo com teoria psicanalítica freudiana, a organização sexual da criança se dá por meio da evolução de impulsos sexuais parciais, também conhecidos como “pulsões parciais” ou pulsões “pré-genitais”, que se desenvolvem em etapas. A etapa genital, à qual Freud atribui um sentido mais próximo do da saúde, seria o momento em que estas pulsões pré-genitais se

neuroses de transferência⁴” (p. 158). Alegando que entre os 28 homens e 14 mulheres neuróticas que havia tratado até o momento, “não havia um que não manifestasse sintomas de impotência, frigidez e abstinência sexual. Um levantamento feito com vários outros analistas revelou o mesmo” (p. 158).

Reich inicia sua reflexão sobre o tema da genitalidade nesse artigo apontando para a questão da cura analítica. “Intensos esforços precisam ser feitos no sentido de se atingir clareza com relação aos mecanismos da cura analítica” (p. 158). Sustenta que os processos terapêuticos da psicanálise, entendidos por ele como a liberação da tensão acumulada por meio da lembrança ou da atuação, pela transferência⁵ e pela convicção do analista, ainda que possam auxiliar o paciente “dar o passo do princípio do prazer para o princípio da realidade.”⁶ (p. 159), “são meros modi operandi de materiais basicamente biológicos-psicológicos apresentados pelo paciente, dos quais o analista não pode nem adicionar nem subtrair” (p. 159). Segundo Reich, pelo fato destes processos possuírem um substrato biológico, o qual entende como as pulsões, o tratamento analítico deveria considerar, juntamente aos fatores representacionais, os elementos biológicos que constituem a neurose. Em suas palavras, uma “análise profunda de uma neurose severa envolve basicamente um processo *biológico* em que devemos contar com os fatores causados biologicamente dentro do paciente” (p.

agrupariam, ou se subordinariam em torno das genitálias de ambos meninos e meninas, constituindo assim o “primado genital”, entendido também como a “última fase por que passa a organização sexual” (Freud, 1905/1992, p. 181). Laplanche & Pontalis (1988), no auxilia a estender a compreensão de genitalidade afirmando ser esta “uma forma de amor que o indivíduo alcançaria no aperfeiçoamento do seu desenvolvimento psicosssexual” (p. 271).

⁴ Podemos resumir a compreensão das neuroses de transferência da seguinte maneira: são “afecções psíquicas em que os sintomas são a expressão simbólica dos conflitos infantis” (Laplanche & Pontalis, 1988, p. 500), com o adendo de serem também neuroses nas quais “o paciente *repete* na transferência os seus conflitos infantis” (Laplanche & Pontalis, 1988, p. 398 – itálico original).

⁵ Abordaremos em detalhe o conceito de transferência adiante neste trabalho. Por hora, vale mencionar apenas a transferência ser a atualização de desejos infantis, que são “transferidos” para outras figuras (objetos) do convívio do sujeito.

⁶ Os princípios do prazer e da realidade são entendidos por Freud como os regentes do funcionamento da vida mental. O primeiro evita o desprazer e busca o prazer (descarga de excitação), enquanto o segundo atua como regulador do primeiro.

159; *italico original*). Como veremos, suas alegações a respeito das pulsões e dos “fatores causados biologicamente” dizem respeito ao comportamento sexual ou, mais precisamente, à genitalidade e sua implicação na terapêutica analítica.

Buscando se aprofundar na temática terapêutica, Reich acena para dois pontos importantes, porém pouco estudados até o momento: 1) uma melhora pode ocorrer antes de se completar a análise; 2) sintomas podem “teimosamente” resistir ao tratamento, independente do avanço analítico.

Para elucidar esses aspectos, tece considerações a partir da apresentação de sete casos clínicos.

Nos cinco primeiros, procura esclarecer como “a solução favorável destes casos, apesar de uma análise insuficiente, aponta para a possibilidade de se soltar, dentro do inconsciente, posições fixas da libido⁷ sem processamento consciente” (p. 164). Seguindo a lógica psicanalítica de uma cura como a passagem do princípio do prazer para o da realidade, alega que “nenhuma pulsão parcial é mais adequada para o contato com o mundo externo que a genitalidade” (p. 164). Ressaltando o aspecto reorganizador, ou mesmo sintético, das pulsões no curso de um tratamento, avalia que nesses casos “uma porção da libido fixada liberada na análise se estabeleceu na realidade e paralisou a satisfação indireta da libido ainda represada por meio da obtenção de satisfação real” (p. 164). Nessa passagem podemos salientar a ideia de que a função da análise seria a de promover a liberação de porções da libido reprimida.

⁷ O termo libido é compreendido por Laplanche & Pontalis (1988) como o “substrato das transformações da pulsão sexual” (p. 343). Reich (1922/1975d) nos aponta ser a libido a “energia” da pulsão sexual, enquanto Wagner (2006), resume e simplifica sua definição dizendo ser esta “a energia que nos faz estar vivos” (p. 53).

No decurso do artigo adverte, portanto, sobre os riscos de se ater a essas descobertas de modo simplista. Enfatiza que a cura apresentada nesses casos não se deu simplesmente por uma experiência sexual satisfatória. “Elas precisaram se tornar capazes de terem essas experiências por meio da liberação analítica de seus padrões reativos neuróticos” (p. 166).

Os dois últimos casos são apresentados como forma de contrastar situações em que “os impulsos genitais eram mais ou menos fortemente pronunciados e parcialmente reprimidos” (p. 168) com pacientes em que “o analista não pode de início contar nem com a presença de uma genitalidade reprimida capaz de funcionar” (p. 169).

Assim, discorrendo sobre neuroses cuja etiologia remontava a fases primitivas da infância, anteriores ao estágio genital do desenvolvimento, Reich alerta para o fato de que o prognóstico das neuroses “velhas” depende da identificação do período em que se deu o dano e de como a libido genital se desenvolveu, se é que se desenvolveu, a partir das experiências danosas.

De acordo com a identificação a respeito da ausência ou da forma com a qual se deu o desenvolvimento da libido genital, entende-se as perturbações em suas tendências, em função das “rígidas constelações pulsionais baseadas em fixações infantis”, assim como se compreende o quanto “toda a personalidade é permeada pela distorção, em função da longa duração da enfermidade e o apego às atitudes neuróticas” (p. 169). É a partir dessas considerações que afirma, mais adiante no artigo, que

O prognóstico para neuroses de longa duração é mais favorável se um desenvolvimento genital menos perturbado foi capaz de florescer na infância. Se a repressão da libido genital ocorrer cedo ou tarde não tem significância

para o prognóstico. O que é importante é que existiu de alguma forma (1924/1975b, p. 173).

Por fim, traz algumas considerações a respeito da definição de genitalidade, dizendo que “as complicadas conexões, transformações, e substituições da organização pré-genital, e suas relações com os vários componentes libidinais correspondentes às zonas erógenas, estão destinadas a se tornarem questões centrais da patologia psicanalítica” (p. 175). Com isso, alerta para o fato de que embora suas descobertas clínicas estejam apontando para tudo o que fora exposto até o momento, ainda havia dúvidas com relação às formas com as quais as pulsões pré-genitais se organizavam em torno da genitalidade, assim como ainda haviam questões a respeito de como defini-la e caracterizá-la. Isso fica explícito quando, ao expor a pergunta “o que é o eroticismo genital”, Reich alega que “o que chamamos de genitalidade é provavelmente alguma coisa altamente complexa para a qual todas as posições da libido pré-genital contribuem” (p. 176).

A exposição do artigo causou frieza, desconfiança e discordância por parte de seus colegas (Reich, 1942/1975a), que alegavam receberem pacientes em suas clínicas particulares que eram neuróticos e ao mesmo tempo capazes de plena satisfação genital. Em seu relato sobre esse episódio, publicado em 1942, o próprio Reich se recorda que à época teve de “admitir que havia muitos pacientes masculinos que não pareciam ter qualquer perturbação genital” (Reich, 1942/1975a, p. 91). Desse modo, dois pontos tornaram-se críticos para o desenvolvimento teórico de suas descobertas clínicas: em primeiro lugar, era fundamental aprofundar a compreensão a respeito do que exatamente se entendia como “satisfação genital”; além disso, era importante esclarecer, de uma forma mais ampla, a afirmação a respeito da presença indiscutível de perturbações genitais em todos os tipos de neurose.

1.2.2 *Further remarks on the therapeutic significance of Genital Libido*

Em 1924, mesmo ano da publicação mencionada anteriormente, Reich apresenta no Congresso Internacional de Psicanálise, realizado em Salzburg, o trabalho *Die Therapeutische Bedeutung der Genitallibido* (A importância terapêutica da libido genital), publicado no ano seguinte, possivelmente com algumas alterações, no *Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse* (v. XI, p, 297- 317, 1925) sob o título de *Weitere Bemerkungen Über Die Therapeutische Bedeutung des Genitallibido* (Observações complementares sobre a importância terapêutica da libido genital). Em 1975, traduzido para o inglês, passa a integrar o livro *Early Writings*, sob o título *Further Remarks on the Therapeutic Significance of Genital Libido* (1925/1975c, p. 199-221).

Nesse artigo, procurando demonstrar de forma mais clara sua visão sobre a importância da satisfação genital como referência prognóstica e elemento norteador do tratamento, Reich apresenta um conceito que como já dissemos se mostrará central em toda sua obra. A esse conceito, objeto da presente pesquisa, Reich dá o nome de *potência orgástica*.

Cuidadoso, procura diferenciar aquilo que pode ser entendido como potência eretiva e/ ou ejaculatória com o que ele apresenta como potência orgástica. Segundo sua teorização, a primeira pode ocorrer *apesar* da presença de um conflito, que embora ativo, é isolado em “algum lugar” do inconsciente, enquanto “uma porção suficientemente forte do impulso libidinal se foca nos genitais e funciona normalmente” (Reich, 1925/1975c, p. 204). Sendo assim, pondera que a capacidade de ereção e ejaculação não necessariamente se referem à capacidade de descarga da libido represada: “o relaxamento que normalmente se segue ao orgasmo, que pode ser atrelado, de acordo com a teoria da libido, a uma redução do nível de tensão libidinal, é contingente ao orgasmo e não à

ejaculação” (Reich, 1925/1975c, p. 205; *itálicos originais*). A respeito do mesmo assunto afirma que “apenas o orgasmo, e não a ejaculação de sêmen, possui um efeito de descarga de libido” (Reich, 1925/1975c, p. 206).

Da forma como foi apresentado, o conceito de potência orgástica serviria de contraponto a potência sexual (eretiva e/ou ejaculatória) normalmente aceita pelos psicanalistas. Enquanto a última faz referência apenas à capacidade do indivíduo *realizar* o ato sexual, de maneira geral e inespecífica, a primeira considera como potente o indivíduo capaz de atingir o orgasmo nesta relação, sendo essa a característica fundamental de um sujeito “genitalmente sadio” e, portanto, livre de neuroses.

A partir da descrição de casos e de dados coletados em uma investigação realizada entre os anos de 1923 e 1924, Reich apresenta critérios para a “avaliação da função genital” (Reich, 1925/1975c, p. 209). Tais pontos deveriam servir como referências para a identificação da presença ou da ausência de orgasmo nas relações sexuais de seus pacientes. Posto de outra forma, seriam indicadores do grau de potência orgástica dos pacientes. Apresentaremos abaixo a descrição destes indicadores, traduzidos da versão em inglês do artigo:

- 1) Os atos preliminares não devem ser prolongados de maneira desproporcional; a libido descarregada em preliminares extensas enfraquece o orgasmo.
- 2) Cansaço, moleza, e um forte desejo de dormir após o ato são essenciais.
- 3) Mulheres orgasticamente potentes com frequência sentem necessidade de gritar durante o clímax.
- 4) Nos orgasticamente potentes, uma breve turvação da consciência ocorre regularmente no ato se não for empregado com muita frequência.

- 5) Nojo, aversão, ou diminuição dos impulsos ternos em relação ao parceiro após a relação implica na ausência de potencia orgástica e indicam que a presença durante o ato de impulsos contrários e ideias reprimidas. Quem quer que tenha cunhado a expressão “*Post coitum omnia animalia tristia sunt*” (todo animal fica triste depois do coito) deveria ser orgasticamente impotente.
- 6) A falta de consideração do homem pela satisfação da mulher indica falta de ternura na união.
- 7) O medo de algumas mulheres durante o coito de que o membro masculino amolecerá cedo, e ela não será capaz de ‘terminar’ faz com que a presença de potência orgástica seja questionável, ou ao menos indica uma instabilidade severa. Usualmente o desejo ativo de castração está na raiz deste medo, e o pênis se tornando flácido após a ejaculação é interpretada como castração. A reação pode também se causada pelo medo de perder o pênis, que a mulher fantasia como sendo seu.
- 8) É também importante descobrir a posição assumida durante o coito, especialmente a da mulher. A incapacidade de movimentos rítmicos responsivos inibe o orgasmo; da mesma forma, a extensão máxima dos músculos localizados na parte baixa da pélvis alcançada pela abertura das pernas é indispensável para a obtenção de intensas sensações orgásticas (Reich, 1925/1975c, p. 209-210; itálicos originais).

Além destes pontos, Reich apresenta a noção de “abandono de si em direção ao outro” como elemento fundamental da potência orgástica. Envolve a participação do corpo todo, de modo que

A libido do corpo inteiro flui para fora através dos genitais. O orgasmo não pode ser considerado completamente bem sucedido se é experienciado apenas nos genitais; movimentos convulsivos de toda musculatura e um breve turvamento da consciência são seus atributos normais e são a indicação da participação de todo o organismo (p. 216-217).

Um dos biógrafos de Reich, Sharaf (1983), sumariza a exposição presente no artigo sob as características do ato sexual potente da seguinte maneira: “movimentos rítmicos de fricção durante o ato sexual, uma pequena perda de consciência durante o ápice da excitação sexual, ‘vibrações de toda a musculatura’ durante a fase de descarga, e sentimentos de fadiga gratificante após a relação” (p. 91; aspas originais).

Já logo nas primeiras páginas do artigo *Observações Complementares...*, ao refletir sobre os dados encontrados relacionando os sintomas neuróticos com perturbações da sexualidade, Reich faz a seguinte consideração:

Surpreendentes como estes achados podem parecer à primeira vista, eles são evidentes em si mesmo se considerarmos a primeira, e ainda irrefutável, formulação de Freud sobre a etiologia das neuroses: Nenhuma neurose sem conflito sexual. Nisso ele interpreta “sexual” no sentido amplo, e “genital” no específico. Baseado na minha pesquisa, e também na teoria psicanalítica das neuroses, podemos reformular a afirmação acima de maneira ainda mais explícita: Virtualmente nenhuma neurose sem distúrbios da função genital (1925/1975c, p. 203; aspas originais).

O que Reich apresentou nesse trabalho foi uma maneira de avaliar como se dava o processo de tensão e descarga libidinal, além de determinar os fatores psíquicos e fisiológicos que deveriam estar presentes no momento do ato sexual para que a satisfação pudesse ser plena.

Nesse artigo certos aspectos são dignos de serem destacados. Em primeiro lugar, temos uma descrição mais detalhada do funcionamento saudável da genitalidade, e de como deveria se dar a descarga satisfatória da libido genital. Também, encontramos uma mais clara e sistematizada

aproximação entre os elementos de ordem psíquica e fisiológica presentes no ato sexual, e que deveriam ser considerados na identificação e tratamento das aflições neuróticas. Da mesma forma, há uma mais aprofundada explanação, com base na ideia de potência orgástica, sobre a presença praticamente incontestável de perturbações sexuais nas neuroses de todo tipo. Vale mencionar que em 1925, mesmo ano da publicação do artigo *Observações Complementares...*, Sandor Ferenczi, em seu artigo *Psicanálise dos Hábitos Sexuais*, cita em nota de rodapé a apresentação do trabalho de Reich no congresso de Salzburgo em 1924 e expressa sua concordância com relação a este aspecto: “compartilho inteiramente da opinião de Wilhelm Reich, segundo o qual todos os casos de neurose e não apenas os casos de impotência manifesta, são acompanhados de distúrbios mais ou menos importantes da genitalidade” (1925/1993a, p. 331).

Coerente com boa parte de sua produção sobre o tema até o momento, Reich reitera nesse artigo a importância de, durante o tratamento, se investigar, em detalhe e com profundidade, a vida sexual dos pacientes, como forma de identificar possíveis perturbações na potência orgástica dos mesmos e, assim, avaliar a gravidade do distúrbio nervoso e estabelecer prognósticos mais precisos. Defende, portanto, a noção de que a gravidade da neurose é proporcional ao nível de satisfação possível ao paciente.

Vale dizer que, embora a teoria psicanalítica devesse em muitos aspectos sua origem ao estudo sobre a sexualidade, tal nível de detalhe a respeito do comportamento sexual dos pacientes, como nos aponta Oliveira e Silva (2009): “não era habitual entre os analistas de Viena” (p. 114). A respeito disso, o próprio Reich menciona que a investigação a respeito de detalhes mais precisos sobre a vida sexual dos pacientes era “absolutamente proibida na psicanálise”, aspecto esse que fez com que ele próprio levasse mais de dois anos para livrar-se “completamente dessa reserva delicada” (Reich, 1942/1975a, p. 92).

Como uma consideração prática oriunda dessa definição teórica acerca da relação entre genitalidade e neurose, encontramos indicações importantes sobre os objetivos terapêuticos da análise, como quando afirma que “eu devo dar um passo adiante e dizer que nenhuma análise pode ser considerada completa enquanto a potência orgástica genital não for garantida” (Reich, 1925/1975c, p. 214). Importante salientar que, implícito nesta afirmação, encontramos uma menção à possibilidade de “cura” de uma neurose, referente ao orgasmo genital, noção essa já apresentada no artigo anterior. Tal como afirma Oliveira e Silva (2009), a noção básica da teoria do orgasmo seria: “o caráter curativo da libido genital” (p. 115).

A cura de uma neurose se daria, portanto, a partir da liberação da libido de suas fixações infantis (pré-genitais), que possibilitariam o alcance do primado da genitalidade sobre as outras pulsões e, conseqüentemente, o desenvolvimento da potência orgástica, definindo assim uma finalidade específica para o tratamento das neuroses, como observamos no trecho acima, em que Reich associa a cura analítica à potência orgástica. O maior objetivo do processo terapêutico seria, então, o de “conduzir” o paciente na direção de sua primazia genital. Isso pode ser notado na seguinte consideração: “o estabelecimento da primazia genital, um pré-requisito indispensável para a potência orgástica, demanda uma regulação analítica [através da psicanálise] da economia da libido” (Reich, 1925/1975c p. 206).

Partindo dessa premissa, Reich procura demonstrar que o desenvolvimento da potência orgástica, que se dá por meio da conquista da primazia da genitalidade sobre as demais pulsões, implica na condução analítica, ou melhor – psicanalítica – do processo. A respeito disso faz a seguinte consideração: “Ferenczi justamente elaborou o termo da genitalidade como a ‘percepção da realidade dos sentimentos eróticos’. Eu agora sinto que o objetivo de toda análise deve ser ‘educar’ o indivíduo a perceber esta realidade” (Reich, 1925/1975c p. 213-214; aspas originais). Ao

mesmo tempo, alerta sobre as implicações desta “educação”, dizendo que “não é uma questão de ‘forçar’ a tendência genital mas sim de conduzir uma análise suficientemente profunda que habilite a primazia genital a prevalecer sobre outras demandas pulsionais” (Reich, 1925/1975c p. 215; aspas originais). Também, aponta o desenvolvimento da potência orgástica como elemento preventivo contra a recorrência: “Os fatos indicam de forma inequívoca que *a libido genital funciona como um ponto libidinal de ligação com a realidade e como prevenção contra recorrência*” (Reich, 1925/1975c p. 218; itálicos originais).

Reich, portanto, apresenta nesse texto o termo “potência orgástica” como o critério mais importante de identificação do grau de perturbação psíquica de um indivíduo e como principal objetivo de uma análise bem sucedida. Em certa medida inicia o desenvolvimento de um quadro referencial que permite analisar e avaliar os graus e níveis de perturbação das aflições psíquicas, ao mesmo tempo em que oferta uma possível definição para o conceito de saúde.

É importante estender nosso comentário sobre a implicação da noção da potência orgástica enquanto conceito de saúde. Raknes (1970), por exemplo, ao apresentar seu conceito de saúde, tendo por base o pensamento reichiano, nos mostra uma definição bem próxima do que seria a própria potência, atestando ser a saúde “uma condição na qual o organismo funciona biologicamente sem resistências ou conflitos internos” (p. 116). Albertini (1994), por sua vez, nos dá a medida do impacto desta noção: “inserida no todo do pensamento reichiano, a potência orgástica significa, ao mesmo tempo, uma *expressão de saúde* e também *um fator fundamental para sua manutenção*”. (p. 36; itálicos originais). Já Dadoun (1991), corrobora com estes outros comentadores e nos traz a medida da amplitude da potência no pensamento de Reich ao afirmar que esta “reúne em si a totalidade dos elementos constitutivos da existência” (p. 320). Como veremos, é principalmente a partir do desenvolvimento da noção de potência que Reich ruma na direção de uma atuação

profilática e política, o que nos dá uma medida do quanto as noções de potência e saúde estão próximas em seu pensamento.

Nesse artigo, no entanto, apesar dos minuciosos argumentos, Reich, a nosso ver, não oferece uma descrição precisa sobre o que significaria o termo. Isto é, embora tenha mencionado as características presentes em uma relação sexual em que há descarga completa da libido genital (orgasmo), não define especificamente o que quer dizer com o termo “potência orgástica”. Essa falta é corrigida apenas dois anos depois, em 1927, com a publicação do livro *Die Funktion des Orgasmus*.

Antes de passarmos para o próximo texto, no entanto, entendemos como importante atentarmos para três pontos a respeito desse artigo que merecem uma atenção especial.

Em primeiro lugar, fica muito claro, no decorrer da sua argumentação a respeito da genitalidade como ponto central na identificação e tratamento das neuroses, o quanto o viés biológico já se apresenta como fundamental no pensamento de Reich. Em vários trechos é possível notar sua preocupação em caracterizar a libido como uma energia orgânica (real) que atua economicamente no psiquismo e a sexualidade como uma função natural, expressa em sua plenitude através da genitalidade.

Também, ainda que alguns membros da comunidade psicanalítica mantivessem uma atitude cética em relação a essa contribuição, vale mencionar, de acordo com Oliveira e Silva (2009), que ativos e importantes autores da psicanálise estavam se debruçando sobre possíveis aprofundamentos e esclarecimentos a respeito do tema da sexualidade e de sua relação com as aflições nervosas, entendendo a “necessidade da psicanálise de abordar esse tema, necessidade essa tanto clínica quanto teórica” (p. 117). Nesse aspecto, o da inserção das contribuições de Reich sobre o tema da

sexualidade e a ênfase dada à genitalidade, podemos também recorrer a Wagner (2004), que cita Ferenczi (já citado por nós) e Fenichel como alguns daqueles que mantinham uma preocupação semelhante sobre a importância, tanto teórica como terapêutica, em relação ao tema da sexualidade, em especial à questão da satisfação direta da libido genital: “Percebemos Reich como o mais ferrenho defensor da teoria sexual. Hoje pode parecer que Reich estivesse sozinho, na contramão da história. Mas isto não foi bem assim. A teoria sexual foi assunto caro a muitos psicanalistas de sua época.” (p. 49).

Em terceiro lugar, há que se destacar um ponto que se mostrará interessante para nossa argumentação subsequente: a importância da genitalidade como fator de contato com a realidade. Ferenczi, em seu estudo *Thalassa: Ensaio Geral sobre a Teoria da Genitalidade* (1924/1993b), afirma que “o desenvolvimento da função genital, representa o paralelo erótico da ‘função de realidade’, ou seja, o acesso ao ‘sentido de realidade erótica’” (p. 270, aspas originais). O autor parte do princípio de que há uma tendência biológica em todo ser humano em retornar ao ventre materno, sendo cada etapa do desenvolvimento psicosexual, e portanto cada uma das pulsões pré-genitais, um meio representativo de se realizar esse *retorno*. Considera a chegada à fase genital do desenvolvimento como o momento em que a criança assume uma postura mais ativa ante a busca pela satisfação desse desejo, conforme alerta alegando que “o pênis erétil seria perfeitamente capaz de encontrar o caminho da vagina materna e de atingir esse objetivo” (p. 272). No entanto, o que atesta em sua teoria sobre a genitalidade é que “para que o sentido de realidade possa atingir seu pleno desenvolvimento, é preciso que o homem tenha renunciado, de uma vez por todas, a essa regressão e lhe encontre um substituto no mundo da realidade” (p. 270). Se considerarmos que, tal como Reich, Ferenczi entende a satisfação sexual como uma forma de “liquidação dos traumas menores sofridos no decorrer da existência, superando-os com jovial desenvoltura” (p. 285), entenderemos essa “realidade erótica” acessada pela genitalidade como o recurso de que o ser

humano dispõe para abandonar – ou descarregar – as tendências insatisfeitas em prol da autonomia. Como afirma em seu ensaio: “o aparelho genital é, ao mesmo tempo, um órgão ‘útil’ que favorece as intenções e os objetivos da função da realidade” (p. 283, aspas originais).

Desse modo, nos é possível compreender que para ambos autores, Reich e Ferenczi, *a genitalidade constitui uma espécie de fator propiciador do contato com a realidade*. Por ora, vale apenas mencionar o quanto essa perspectiva se mostra interessante quando se pressupõe, como veremos adiante, que a visão de potência orgástica no pensamento reichiano implica na ideia de uma potência vital, relacionada não apenas ao ato sexual como também a quaisquer outras ações humanas.

Além desses comentários finais, a dizer, o da importância do fator biológico, o da coerência das contribuições de Reich em relação às preocupações de alguns dos demais psicanalistas da época e o de suas formulações acordarem às de Ferenczi ao considerar a genitalidade como fator de contato com a realidade, outro comentário se mostra digno de ser tecido. O da importância da relação entre prática clínica e a elaboração teórica no desenvolvimento do pensamento reichiano. Iremos nos deter com atenção sobre esse assunto mais adiante, mas vale notar o quanto Reich faz da prática clínica o ponto de partida de suas reflexões. Sustentado por uma teoria psicanalítica já existente, procura trazer contribuições de acordo com o que investiga e descobre em seu ofício como psicanalista. Por exemplo, segundo Wagner: “A tese reichiana sobre a genitalidade tem seu ponto de partida na prática clínica” (2004, p. 47). Ainda que esses dois artigos de Reich tragam contribuições teóricas ao tema da sexualidade na psicanálise, centradas em um novo dimensionamento da questão da genitalidade dentro da teoria sexual freudiana, é importante apontar o teor prático destas contribuições, evidenciado inclusive pelos seus respectivos títulos. Tal postura o levou não apenas a desenvolver um corpo de conhecimento em relação à técnica terapêutica, como a apresentar contribuições teóricas originais à psicanálise. E, em função do modo “ferrenho” como

as defendeu, da maneira como não abriu mão de suas convicções, uma vez que eram oriundas do que observava na prática, sofreu toda uma série de atribulações em sua vida profissional e particular.

1.2.3. Psicopatologia e Sociologia da Vida Sexual

Em 1927 Reich publica o livro intitulado: *Die Funktion des Orgasmus: zur psychopathologie und zur soziologie des Geschlechtslebens* (A Função do Orgasmo: psicopatologia e sociologia da vida sexual). De acordo com Sharaf (1983), Reich havia apresentado o manuscrito a Freud em maio de 1926, como presente pela comemoração do seu aniversário de 70 anos, contendo a seguinte dedicatória: “Ao meu mestre, o professor Sigmund Freud, como prova de profundo respeito”. No entanto, a frieza com a qual o manuscrito fora recebido pelo aniversariante e o longo tempo que se seguiu para que seu mestre apresentasse algum tipo de comentário a respeito do texto, foram suficientes para que Reich adiasse a publicação do livro para janeiro de 1927.

Nesse livro, Reich procura aumentar o escopo das investigações apresentadas nos artigos anteriores, dando continuidade ao tema “das relações causais sistemáticas entre os processos de neurose e as perturbações da função genital”. (Reich, 1927/19__ __, p. 25-26). Comprovando a ideia de que suas intenções repousavam na tentativa de trazer contribuições originais ao pensamento psicanalítico, Reich, já no prefácio, faz a seguinte consideração:

Embora este trabalho se baseie inteiramente na teoria sexual de Freud e na sua teoria das neuroses, não posso, com certeza, pretender que a concepção aqui exposta da dinâmica da terapia e das suas tarefas tem lugar entre as

concepções já admitidas pela escola daquele psicanalista; esta concepção corresponde às minhas próprias experiências clínicas. Contudo, a minha maneira de entender o que significa a genitalidade e, em particular, o orgasmo genital, para a teoria e terapêutica das neuroses e dos caracteres neuróticos é, creio eu, o prolongamento direto das teorias da psicanálise e permite uma melhor aplicação da teoria das neuroses à terapêutica (p. 26).

Reich inicia suas proposições discorrendo sobre o pouco interesse de seus colegas na compreensão sobre os elementos somáticos envolvidos na neurose, alertando para o fato de que “nos últimos dez anos nunca mais se falou dele” (Reich, 1927/19___, p. 29). Além disso, procura justificar seus esforços e talvez melhor esclarecer sua intenção de *honrar* o trabalho do seu *mestre* (a dedicatória do manuscrito foi mantida na versão publicada), dizendo que “este trabalho tem igualmente por objetivo relembrar que Freud nos indicou uma solução do problema da base orgânica das neuroses e demonstrar que podemos tirar partido, teórica e praticamente, da sua descoberta por demais e por muito tempo menosprezada” (Reich, 1927/19___, p. 29).

Já no primeiro capítulo do texto Reich procura endereçar a questão presente desde o artigo de 1924 sobre a relação entre sexualidade e genitalidade. Argumenta que entende a insistência de Freud em defender um conceito “lato” de sexualidade como forma de “atenuar a oposição de ordem afetiva à sua teoria das neuroses” (Reich, 1927/19___, p. 33). Seguindo na mesma linha, considera que “em muitos escritos de Freud, essa insistência sobre a diferença conceitual entre o que é ‘genital’ e o que é ‘sexual’ dá muito a ideia de uma vontade de tranquilizar os espíritos quanto às consequências da sua descoberta”. (Reich, 1927/19___, p. 33-34; aspas originais). Apenas a título de comentário, faz-se notar, em função do conjunto da obra e da biografia de Reich, o quanto ele

não se preocupou em *tranquilizar os espíritos* evocados quanto aos desdobramentos de suas próprias descobertas a respeito da sexualidade humana.

A partir desse *alargamento do conceito de sexualidade*, Freud, de acordo com Reich (1927/19__), concluiu que as neuroses advinham de perturbações da sexualidade, de conflitos entre as pulsões sexuais no seu caminho em busca da satisfação. Os sintomas, portanto, seriam uma forma de *satisfação disfarçada* das pulsões recalcadas ao inconsciente. Contextualizando desta maneira, Reich (1927/19__) apresenta assim seus objetivos específicos:

Queremos agora provar que os conflitos sexuais no sentido restrito (inibições, recalçamento e fragmentações das tendências genitais) são a causa do sintoma e do conflito neuróticos; é certo que nem sempre se originam diretamente, mas desempenham sistematicamente um papel *dinâmico importante na formação da base reacional* sobre que se edifica o conflito da neurose. Ou melhor, como os conflitos sexuais se encontram ligados à perpetuação do processo neurótico, a sua eliminação desempenha, segundo pensamos, um papel crucial na terapia psicanalítica das neuroses; para nós, essa terapia consiste, acima de tudo, em exercer uma influência sobre a base reacional das neuroses (p. 34-35; *itálicos originais*).

Tendo manifestado seus objetivos, anuncia de forma ainda mais contundente a sua afirmação de 1925. No artigo *Observações complementares...* havia dito “virtualmente nenhuma neurose sem distúrbios da função genital”. Agora, no texto de 1927, a afirmação aparece da seguinte maneira: “Não há neuroses sem perturbações da função genital” (Reich, 1927/19__, p. 35).

É importante notar que esta conclusão, apresentada após anos de estudos e investigações, torna-se um anátema no pensamento e na vida de Reich. Foi a partir desta conclusão que Reich

enveredou por um caminho que, em função do radicalismo com o qual o assumiu, marcou sua biografia.

Ao longo do texto Reich procura ampliar as noções apresentadas nos trabalhos anteriores, conferindo-lhes mais clareza e riqueza de detalhes, sustentando sua visão de que a satisfação genital (o orgasmo) seria o único caminho através do qual a tensão causada pelo acúmulo de libido genital poderia ser plenamente descarregada. A potência orgástica, assim, é novamente apresentada como uma referência, cuja função seria a de permitir se compreender o grau de perturbação na capacidade do indivíduo para a satisfação genital.

Reparando a falta de uma conceituação mais clara do termo potência orgástica, apresentado no artigo de 1925, onde havia apenas elencado as características principais de um ato sexual satisfatório, Reich procura defini-lo com mais precisão, como

a capacidade do ser humano de atingir uma satisfação de acordo com a estase libidinal do momento; mas também a capacidade de atingir frequentemente essa satisfação, permanecendo pouco sujeito às perturbações da genitalidade, que afetam por vezes o orgasmo mesmo num indivíduo relativamente são. A potência orgástica existe sob certas condições, que encontramos apenas no indivíduo capaz de satisfação e atividade; no indivíduo neurótico, estas condições estão total ou parcialmente ausentes (p. 41).

Em seguida passa a descrever, por meio de uma representação gráfica, as características presentes em uma relação sexual sadia, isto é, uma relação orgasticamente potente. Diferentemente da descrição apresentada no texto de 1925, pautada apenas por traços de comportamento e de

sensação característicos de uma relação sexual com a presença de orgasmo, Reich procura descrever de maneira mais organizada e temporalmente estruturada os critérios que devem ser considerados ao se avaliar um ato sexual como genitalmente satisfatório, isto é, em se identificar a presença de orgasmo na relação amorosa. Em sua concepção, o ato sexual consiste de duas grandes etapas: Fase Voluntária e Fase Involuntária. A primeira é caracterizada pela presença do ato voluntário e pela sutil fricção dos corpos e genitais. A segunda, no entanto, é vista como a fase em que o organismo se manifesta livre de qualquer inibição psíquica, culminando assim no clímax (orgasmo) e na descarga plena da libido represada, assim como no subsequente relaxamento.

Como forma de ilustrar graficamente o processo de acúmulo de libido e sua consequente descarga, Reich apresenta aquilo que passou a ser considerada a “curva orgástica”. A partir dela, demonstra visualmente o processo de satisfação libidinal, assim como aponta claramente o curso e comportamento da excitação nos distúrbios psíquicos. Em função da maneira como se observa o processo de aumento e descarga da excitação, a curva adquire diferentes formas, sendo então possível visualizar o processo de acúmulo e descarga da libido. A título de exemplos, apresentaremos um modelo de curva orgástica que descreve o curso da excitação e descarga em uma relação orgasticamente potente (Fig. 1), e uma amostra de curva orgástica que descreve o processo de ejaculação precoce (Fig. 2). As descrições de cada fase foram extraídas de Reich (1927/19__):

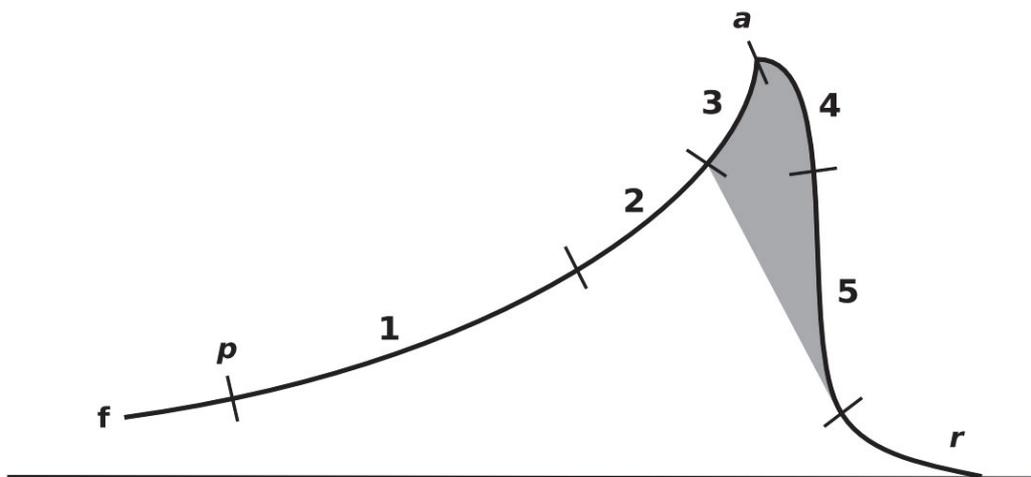


Fig. 1

Neste exemplo observamos o início da atividade, representados pelos indicadores “f” (de *foreplay* – preliminares) e “p” (de penetração), acompanhados pela fase 1 (controle voluntário da excitação). A fase 2 é caracterizada pelas contrações involuntárias da musculatura, assim como pelo aumento “automático” da excitação (p. 48). Na fase 3 há uma “subida brusca e abrupta para o clímax” (p. 48), que ocorre em “a”. Na fase 4 há um “*toldar* mais ou menos profundo da *consciência*” (p. 51; *itálicos originais*) Na fase 5 “a excitação orgástica apodera-se então de todo o corpo e provoca uma viva atividade de toda a musculatura” (p. 51), além de, em “r” (de relaxamento) haver uma “*agradável descontração física e mental*”, acompanhada de um “*intenso desejo de dormir*” (p. 52; *itálicos originais*).

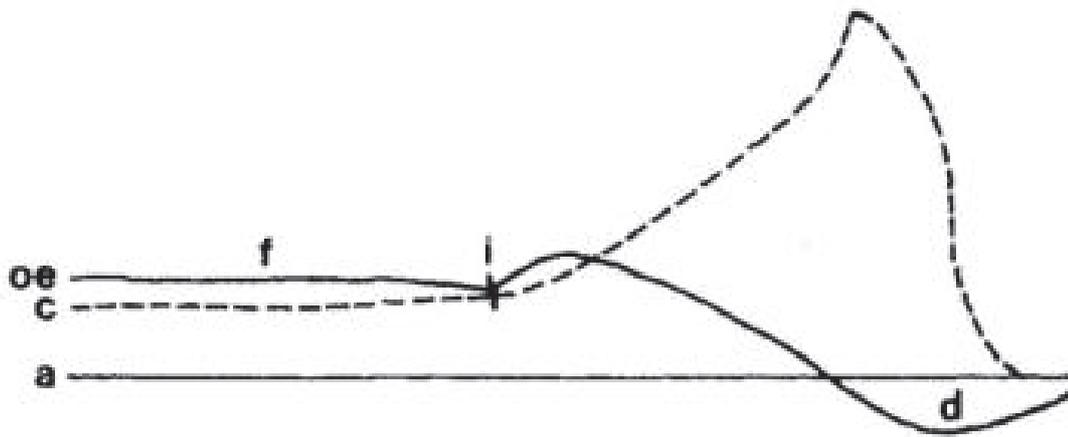


Fig. 2

Neste outro exemplo, referente à atividade sexual em que há ejaculação precoce, é possível, em comparação à Fig. 1, representada na Fig. 2 pela linha pontilhada, compreender as diferenças de comportamento do curso da excitação. A fase “oe” (de *overexcitation* – sobreexcitação) é acompanhada da fase “f” (de *foreplay* – ou preliminares). Estas, por sua vez, são seguidas de uma “introdução e clímax plano” (p. 44), representadas por “i”. Por fim, há um “desprazer consecutivo intenso” (p. 44), seguido, no caso do homem, da sensação de “lassidão pesada, nojo, repugnância, repulsa, por vezes ódio pela mulher” (p. 52).

Com base nesta descrição, nos atentaremos em alguns pontos que merecem ser destacados, por serem representantes do aumento no grau de sofisticação do conceito em relação ao que fora apresentado em 1925.

Reich nesse artigo acrescenta a idéia de uma *qualidade rítmica*, na qual uma relação saudável tende a acontecer. Nela está representada a união da ternura e da agressividade natural relativa à sexualidade, além de também ilustrar a “capacidade de identificação” entre os amantes. Em relação a isso, afirma que “num como no outro sexo, o orgasmo é mais intenso quando os

máximos das duas excitações genitais coincidem. Isto acontece muito frequentemente nos indivíduos que podem concentrar num companheiro a sua ternura e a sua sensualidade e nele encontram eco” (Reich, 1927/ 19__ , p. 54). Implícita nessa ideia está a noção de um processo físico e natural, que culmina com o orgasmo e produz efeitos posteriores de relaxamento, que dele fazem parte. Tal sistematização não havia sido desenvolvida nos artigos anteriores e, como veremos adiante, se mostrará fundamental para as inovações e expansões do pensamento reichiano.

Nesta descrição mais detalhada do orgasmo, Reich evidencia o fato de que a excitação “se apodera de todo o indivíduo” (p. 51). Embora isso já estivesse presente antes, podemos notar a maior nitidez que pretende dar a esse aspecto através das seguintes passagens: “A excitação física concentra-se mais ainda nos órgãos genitais, sem que, por isso, diminua a excitação do corpo” (p. 51) e “A excitação orgástica apodera-se então de todo o corpo e provoca uma viva atividade de toda a musculatura” (p. 52). Essa compreensão, também, indica a preocupação de Reich em considerar o fenômeno do orgasmo a partir de uma leitura totalizante, entendendo a potência orgástica como a “concentração momentânea de toda a personalidade na experiência genital” (p. 54). O fato do orgasmo provocar uma “breve turvação da consciência” (Reich, 1925/1975c, p. 209) volta a aparecer nesta descrição, porém de modo mais elaborado, na medida em que justifica esse ofuscamento como uma absorção integral do ego pela percepção de prazer.

Seguindo na descrição dos aspectos psíquicos envolvidos no ato, o autor estabelece uma diferenciação, com vistas a sustentar a ideia de um orgasmo no qual “o ego está *integralmente* absorvido pela percepção de prazer e integra-se nele sem dispersão” (p. 54; itálico original), entre uma possível “transferência autêntica” (p. 54), em que o sujeito pode concentrar, através de uma substituição momentânea, todos os seus interesses libidinais em uma pessoa, substituindo o objeto primitivo pelo real e com isso obtendo plena satisfação genital; e uma “transferência não autêntica”

(p. 54), onde o companheiro não corresponde ao objeto fantasioso, acarretando em uma “busca neurótica do objeto primitivo” (p. 54). Nesta concepção, o orgasmo poderia ocorrer apenas quando há uma verdadeira transferência dos objetos. Inclusive, ele estabelece uma relação causal na qual “quanto mais a imaginação tem de funcionar para identificar o objeto real com o objeto primitivo, mais a satisfação perde em intensidade e em valor da economia sexual”. (p. 55).

Ao permitir o livre fluxo de sua excitação sexual através dos genitais na direção do clímax satisfatório, o indivíduo dissolveria a estase da libido e conseqüentemente eliminaria a base energética que serviria de “fonte” orgânica para a formação de neuroses. Essa seria então a *função do orgasmo*, título do texto.

Também, nessa publicação de 1927 o autor, à medida que investigava a questão da relação direta existente entre as perturbações da genitalidade e a presença de neuroses, se viu diante da necessidade de reconsiderar alguns conceitos sustentadores da psicopatologia psicanalítica.

A leitura padrão que a psicanálise possuía na época mencionava dois grandes grupos de aflições nervosas. As neuroses atuais e as psiconeuroses. As primeiras, divididas em neurose de angústia e neurastenia, seriam fruto de comportamentos sexuais perturbados, tais como a abstinência, *coitus interruptus* ou a masturbação excessiva. Presumindo que esses sintomas não apresentavam “qualquer conteúdo psíquico” (Reich, 1942/1975a, p. 84), o tratamento, nesses casos, seria o de orientar o paciente a mudar seu comportamento, descartando assim a necessidade de uma intervenção psicanalítica.

Já as psiconeuroses, grosso modo, eram causadas por fixações, interrupções ou perturbações no curso do desenvolvimento libidinal do paciente - portanto, referentes à sua infância - e que à época da puberdade seriam alimentadas pelo natural aumento da excitação sexual relativo a esta

fase da vida. Com base nisso, a estrutura libidinal do sujeito seria afetada, criando assim a base reacional a partir da qual se formariam os sintomas. O método psicanalítico, então, seria indicado no tratamento. Nas palavras de Reich:

Era convicção de Freud que as neuroses atuais podiam ser curadas libertando-se o paciente das atividades sexuais prejudiciais, i.e., da abstinência ou do *coitus interruptus* no caso da neurose de angústia, e da masturbação excessiva no caso da neurastenia. As psiconeuroses, por outro lado, deviam ser tratadas psicanaliticamente. A despeito dessa dicotomia, admitia uma relação entre os dois grupos. Tinha a opinião de que toda psiconeurose se desenvolvia em torno de um ‘cerne neurótico atual’. Foi essa expressão brilhante que constituiu o ponto de partida das minhas investigações da angústia estásica. (1942/1975a, p. 84; aspas originais; itálicos originais)

O que Reich propõe, portanto, é uma nova leitura, argumentando sobre a ideia de que as neuroses atuais são precedidas por distúrbios da função genital, que a princípio desencadearam os comportamentos perturbados e geraram os sintomas. Da mesma forma, os sintomas psiconeuróticos dependiam de um determinado grau de estase somática, fornecida por comportamentos sexuais insatisfatórios, para que se desenvolvessem. Isso fica claro a partir da seguinte afirmação: “*nenhuma neurose atual pode desenvolver-se se não existirem inibições psicológicas ou perturbações da função genital, nem nenhuma psiconeurose se pode desenvolver sem estase da libido somática.*” (Reich, 1927/19__ , p.119; itálicos originais). Em 1942, ao relatar o desenvolvimento da teoria do orgasmo, Reich reitera essa afirmação, dizendo que “não havia dúvidas de que as psiconeuroses tinham um cerne neurótico atual (estase) e que as neuroses estásicas [atuais] tinham uma

superestrutura neurótica”. (Reich, 1942/1975a, p. 85). Importante notar o quanto essas reflexões serviram à teorização da potência orgástica como identificador geral do grau de saúde de um indivíduo, presente, tal como mencionado, em todas as neuroses, independentemente de sua etiologia e eventos deflagradores.

Como forma de introduzir uma consideração que fará parte do exame que realizaremos a respeito da visão dessa noção no pensamento reichiano, vale frisar que o final do livro, no capítulo *Significado Social das Tendências Genitais* (p. 219) Reich já traz indícios sobre o quanto os conceitos por eles desenvolvidos no texto transcendiam os aspectos médicos e psicológicos aos quais inicialmente estavam direcionados. Como veremos, com o passar do tempo seu empenho passaria a ser mais focado na prevenção, em detrimento do tratamento individual das neuroses, o que além de ter condicionado seu pensamento por um rumo higienista, ainda que “peculiar”, tal como aponta Albertini et al (2007), implicou no seu envolvimento com causas políticas e sociais e na sua liderança em organizações que visavam esclarecer à população em geral temas ligados à sexualidade. No último parágrafo do livro, Reich ilustra sua visão sobre o tema: “a via que a psicanálise indica para a fisiologia das neuroses encontra-se obstruída por um tabu. Resta-nos a esperança de virmos eliminar radicalmente os preconceitos sociais que atingem a sexualidade” (p. 264).

2. POTÊNCIA VITAL

“Para ser grande, sê inteiro: nada
Teu exagera ou exclui.
Sê todo em cada coisa. Põe quanto és
No mínimo que fazes.
Assim em cada lago a lua toda
Brilha, porque alta vive.”

Ricardo Reis (Fernando Pessoa), 14-2-1933

Tendo abordado o percurso trilhado por Reich no desenvolvimento da noção de potência orgástica, somos convidados a examinar o processo no qual este conceito, tal como aponta Albertini (1994), “desempenharia um papel fundamental em todo o seu pensamento teórico” (p. 35).

A noção de potência orgástica, associada às suas contribuições a respeito da teoria do caráter, à qual mencionaremos mais adiante, com o tempo passam a orientar boa parte do trabalho teórico-investigativo, assim como a atuação prática de Reich. A partir de suas concepções sobre a natureza da sexualidade e a influência desta na vida cotidiana, nas suas dimensões particulares e sociais, o autor se dedica ao estudo das relações entre os fatores políticos, econômicos e culturais envolvidos na repressão da sexualidade, assim como, a partir de meados da década de 1930, avança em pesquisas sobre a fisiologia humana que tinham como intuito “aproximar-se das fontes de excitações somáticas e compreender a relação destas com as pulsões e a vida anímica” (Wagner, 2004, p. 50).

Além de sua atuação no campo teórico, outro aspecto evidente diz respeito à atuação social de Reich como médico e psicanalista. Como exemplo, além do já mencionado envolvimento do autor com as causas sociais, numa espécie de atuação higienista, podemos mencionar seu ingresso, em 1927, mesmo ano da publicação do *Die Funktion des Orgasmus*, ao Partido Comunista austríaco, “dando início à militância política” (Matthiesen, 2007, p. 58). Essa militância, iniciada em 1927, se expandiu nos seis anos seguintes, acarretando, por exemplo, na abertura de *Sexualberatungs Klinik* (clínicas de consulta sexual) em Viena, no envolvimento de Reich, a partir de 1930, com o Partido Comunista Alemão e a criação das *Sexpol*, que em 1931 chegou a reunir em suas assembléias mais de 40.000 pessoas afiliadas (Matthiesen, 2007).

No entanto, o que é importante salientar a respeito desse percurso é que os objetivos dessa militância, ou ao menos os princípios que a orientavam, eram sustentados pela ideia, desenvolvida com base em suas investigações clínicas sobre a repressão sexual, de que a satisfação genital – ou a falta dela - mais do que um aspecto circunscrito ao âmbito do consultório psicanalítico, eram

decorrentes de um código moral específico, em que residiam os aspectos repressores da sexualidade.

Tal como aponta Ramalho (2001):

Se para Reich, os problemas relacionados à sexualidade promotores de adoecimento, estavam na maioria das vezes ligados à moral cultural vigente, que ao regular os comportamentos por meio de seus códigos rígidos de conduta impedia a satisfação sexual, fazia-se também necessária a crítica da cultura – a cultura ocidental, patriarcal, capitalista (p. 56).

Mais além, inspirado pelos princípios revolucionários marxistas, Reich entende que sua visão crítica à moralidade não dizia respeito apenas ao quanto esta restringia a possibilidade de satisfação sexual, como também, exatamente por conta disso, impedia o próprio processo revolucionário, como esclarece Albertini (1994):

Ao conceber uma articulação visceral entre a esfera privada e a esfera pública, o projeto revolucionário reichiano em nenhum momento perde de vista a luta pela transformação social. Ao contrário, já que é sempre o mesmo indivíduo que age, aquele que é capaz de entregar-se ao fluxo do amor é também capaz de entregar-se à luta contra a opressão (p. 46).

Desse modo, podemos entender que Reich percebe que a repressão da sexualidade, que levava à impossibilidade de satisfação genital, não tinha sua origem restrita ao âmbito da educação familiar, mas era produto de uma estrutura cultural, econômica e política, cuja moralidade servia à repressão. E inspirado pelas teorias socialistas sobre luta de classes, estabelece uma conexão direta entre a impotência orgástica e a dominação social. Fazia parte das indagações de Reich o questionamento sobre o que impedia o trabalhador, pobre, oprimido e renegado socialmente, de se levantar contra a ordem dominante e lutar por melhores condições de existência. Isso fica bastante

evidente no seguinte questionamento, publicado por Reich em 1933, no livro *Psicologia de Massas do Fascismo*: "O que se pretende explicar não é por que motivo o esfomeado rouba ou o explorado faz greve, mas por que motivo a maioria dos esfomeados *não* rouba e a maioria dos explorados *não* faz greve" (Reich, 1933/1946/2001b, p. 18/19; *italicos originais*).

Vale mencionar que este tipo de questionamento não se restringia a uma leitura sobre a situação cultural e política específica daquele período. O próprio autor, ao apresentar suas considerações sobre este aspecto servil do homem, faz uma crítica à falta de estudos sobre "os motivos por que há milênios os homens aceitam a exploração e a humilhação moral, por que, numa palavra, se submetem à escravidão" (Reich, 1933/2001b, p. 24).

Da mesma maneira, tais apontamentos tampouco são exclusivos do pensamento reichiano. Ramalho (2001) comenta sobre "a proximidade desse questionamento com uma tradição de pensamento que se ocupa deste problema no humano" (p. 87), trazendo como exemplo desta tradição a obra clássica de La Boétie *Discurso sobre a Servidão Voluntária*, "escrito na metade do século XVI e entendido por alguns autores como uma resposta à repressão monárquica à Revolta das Gabelles na França Meridional" (p. 87). De acordo com a autora, esta obra, ainda que escrita mais de um século antes de Reich, torna

tentadora a identificação de semelhanças com os temas desenvolvidos por Reich, sendo possível mesmo arriscar dizer de um parentesco entre as ideias de La Boétie contidas no *Discurso* ao pensamento reichiano, uma vez que a inquietação do filósofo muito se aproxima daquela insistentemente anunciada por Reich (p. 90, *italico original*).

Ávila (2010), por sua vez, em sua pesquisa sobre a relação entre as ideias de Reich e as do filósofo Baruch de Espinosa (1632-1677) “a respeito das forças que aproximam ou distanciam o homem da potência da vida” (p. 93), atesta que tanto um como outro autor “denunciam uma vida tomada pelo medo, que, todavia, persevera em existir por meio da paixão a uma segurança transcendente” (p. 93).

Rouanet (1989), a respeito de uma comparação entre Reich e os demais pensadores que lhe foram contemporâneos e que também se empenharam em “investigar as raízes do processo de ideologização, e seus efeitos sobre a consciência operária” (p. 27), afirma que “como os demais, Reich estava interessado, antes de mais nada, em compreender as razões da defasagem entre a consciência e a existência social, e como os demais atribuía essa defasagem à influência da ideologia dominante” (p. 27).

Dentro da psicanálise, podemos citar Freud, que em 1908 publica o artigo *Moral Sexual Civilizada e Doença Nervosa Moderna*, em que aponta as influências nocivas na moral sexual e dos avanços da modernidade para a saúde psíquica das pessoas (Freud, 1908/1993a). Segundo Makari (2008), quatro anos antes, em 1904, Freud havia se envolvido em uma comissão, apontada pelo governo austríaco, dedicada a discutir assuntos relacionados à reforma sexual. De acordo com o estudo citado, Freud teria advogado em prol de um maior relaxamento sobre as leis do divórcio, defendendo a ideia de que “uma maior medida de liberdade sexual era a única maneira de realmente encorajar a moralidade” (2008, p. 148). Curioso notar o quanto essa posição de Freud se aproxima da visão reichiana, na qual, de acordo com Rouanet (1989) “o interesse político predominava sobre a tendência ‘naturalista’” (p. 27, aspas originais). Reich não apenas se empenhou em refutar a instituição do casamento enquanto parte de uma estrutura patriarcal repressora, como por exemplo em uma publicação de 1930, intitulada *Maturidade Sexual, abstinência, moral conjugal: crítica da*

*reforma sexual burguesa*⁸, como defendeu a noção de que, uma vez superadas as amarras repressoras da moral patriarcal, emergiria na pessoa uma espécie de *moralidade natural*, fundada na capacidade de satisfação genital, na qual as “injunções moralistas” seriam “totalmente dispensadas e substituídas por melhores e mais convincentes garantias contra o comportamento anti-social” (Reich, 1942/1975a, p. 158). Mais ainda, em relação às formulações teóricas que surgiram desses questionamentos sobre a influência da ideologia vigente sobre o comportamento humano, Rouanet alerta que “sua resposta [a esse questionamento] não derivava da aplicação pura e simples da psicanálise, mas de uma reformulação importante de certos aspectos fundamentais da teoria freudiana” (p. 27)

Enquanto médico psicanalista, atuando em prol da profilaxia das neuroses, para além da publicação de textos com vistas ao esclarecimento à população em geral sobre temas ligados à sexualidade, envolve-se na luta política. Como pano de fundo de seus esforços, está a tese de que a *capacidade de satisfação sexual do indivíduo corresponde diretamente à sua capacidade de se satisfazer em outras dimensões da sua existência*. Nesse sentido, aquilo que fora inicialmente entendido como potência orgástica, potência essa relativa ao ato sexual satisfatório – em que se atinge orgasmo – pode ser interpretado como potência vital, relativa à vida como um todo. Como aponta Dadoun (1991): “As descrições e interpretações propostas por Reich para a potência orgástica nada mais efetuam, como ele reconhece, que aproximar-se da realidade extremamente *final* de um fenômeno que é ao mesmo tempo rigorosamente pessoal, profundamente social e universal e total” (p. 320; itálico original).

⁸ Segundo Matthiesen (2007), esse texto fora publicado originalmente em 1930 no Münster Verlag. Ampliado e com o novo título de “A Sexualidade no Combate Sexual – por uma reestruturação socialista do homem”, uma segunda edição foi publicada em 1936. Em 1945 passou a integrar a primeira parte do livro *A Revolução Sexual* (1968)

À primeira vista, poderíamos entender que essa associação entre a potência orgástica e a potência na vida de modo geral representaria uma *ampliação* no conceito de genitalidade e, conseqüentemente, uma *ampliação* do conceito de potência orgástica.

Em relação a isso, talvez, em primeiro lugar, seja importante dizer que essa ampliação a que nos referimos não necessariamente significa uma ampliação do *conceito* de genitalidade, tampouco de potência orgástica. Segundo Wagner (1995):

Um conceito, que pode ser aqui visto como um enunciado sintético de uma determinada questão, é passível de diferentes interpretações, na medida em que privilegiem ou enfatizem alguns aspectos desse conceito e releguem ao segundo plano outros aspectos dele. Tomando como exemplo o conceito psicanalítico de *sexualidade*, Reich (como eu o entendo) parece interpretá-lo a partir do ponto de vista econômico, ressaltando a importância da *genitalidade* como fator fundamental e imprescindível para a saúde mental e, conseqüentemente, psíquica. Reich parece enfatizar um dos aspectos da sexualidade, que é a genitalidade. Isso é uma interpretação. Mas ele não altera o conceito psicanalítico de sexualidade, não o reduz a uma genitalidade biológica, e não o faz voltar ao que era antes de Freud (p. 62, *itálicos originais*).

A operação teórica proposta por Reich apontou na direção de tornar mais evidente a importância dos aspectos econômicos da vida pulsional no tratamento das neuroses e perversões. Centrado nos destinos e descaminhos da libido genital, Reich encontrou meios de não apenas tornar os tratamentos mais efetivos e bem direcionados, como também de “assentar em bases físicas e biológicas a teoria sexual de Freud” (Wagner, 2004, p. 47).

A interpretação de Reich para a genitalidade permitiu posicionar o conceito em um lugar privilegiado na construção de seu pensamento, o que não necessariamente implica em uma

ampliação conceitual. Talvez o mais apropriado seria dizer que o autor soube, a despeito daqueles que se opunham às suas contribuições no movimento psicanalítico, melhor “diferenciar sexualidade e genitalidade” (Wagner, 1995, p. 95). Desse modo, entendemos que Reich não amplia o conceito de genitalidade, mas sim o interpreta à sua maneira, atribuindo-lhe uma maior importância no tratamento e no estudo etiológico e profilático das neuroses.

Mas e quanto à potência orgástica? Não seria possível admitir que, como apontamos, Reich teria ampliado sua visão a respeito desse conceito? Nossa revisão permitiu entender que não. Ainda que a noção de potência orgástica tenha, desde a sua primeira aparição em 1925, se inserido de forma cada vez mais constante e contundente como um dos elementos centrais no pensamento de Reich, a análise dos textos que focalizamos para compreender o processo de definição do conceito nos indica que, ainda que de maneira rudimentar, a associação entre a vida sexual e o comportamento geral do indivíduo já está presente.

Importante salientar que tal relação entre o comportamento sexual e a postura ante a vida não pode ser atribuída originalmente a Reich. Freud, em 1908, já salientava que “a conduta sexual de um ser humano costuma ser arquetípica em relação a todos os outros modos de relação no mundo” (1908/1993a, p. 177), assim como:

Se alguém conquista como homem energeticamente seu objeto sexual, podemos confiar que mostrará uma energia parecida sem constrangimentos também na perseguição de outras metas. Por outro lado, quem renuncia, por todo tipo de constrangimento, à satisfação de suas intensas pulsões sexuais, também em outros campos da vida se mostrará mais conciliador e resignado que vigoroso na ação. (1908/1993a, p. 177).

Em concordância a esta ideia de uma relação direta entre potência sexual e potencial social, Ferenczi (1924/1993b) afirma que “um ser vivo que disponha de uma função genital evoluída é capaz de melhor adaptação às tarefas da existência, mesmo em suas atividades não eróticas” (p. 282)

Já ao descrever os casos no artigo de 1924 *On Genitality...*, antes mesmo de apresentar o termo potência orgástica, Reich faz alusões à correspondência entre o grau de repressão da libido genital e o comportamento geral da pessoa, associando as variações da prontidão genital com “flutuações afetivas da personalidade inteira” (Reich, 1924/1975b, p. 167). No artigo de 1925, *Further Remarks...*, associa a libido genital à capacidade de percepção da realidade e à prevenção contra recorrência neurótica. Como dissemos anteriormente, Reich apresenta seu conceito de potência orgástica como um possível indicador de saúde mental, entendido por ele como: “capacidade de conquista e integração social, assim como uma predominante sensação subjetiva de bem estar” (Reich, 1925/1975c, p. 210-211). Também, ao mencionar os aspectos curativos da potência orgástica, afirma que o processo curativo se mantém apenas quando “a libido se libertou da repressão e foi direcionada para as conquistas sociais” (Reich, 1925/1975c, p. 218).

Seguindo nesse mesmo raciocínio, temos que na própria definição do conceito, apresentada no livro de 1927, *Psicopatologia e Sociologia da Vida Sexual*, Reich afirma que as condições para a potência orgástica ocorrer são encontradas “apenas no indivíduo capaz de satisfação e *de atividade*” (Reich, 1927/19__ , p. 41, *itálicos nossos*)

No último capítulo dessa publicação, traz outra contribuição a essa visão, ao dizer que:

A função do orgasmo influencia também de maneira decisiva as funções diferenciadas da atividade social e cultural dos indivíduos... A comparação entre as capacidades sociais e sexuais dos doentes e dos homens saudáveis revela relações sistemáticas entre as funções primitivas e as mais elevadas; e

para ajuizarmos da terapêutica a levar a cabo, não podemos menosprezar tais correspondências (1927/19__ , p. 248-249).

Nota-se também o quanto essa relação entre comportamento e sexualidade, para além de ser o acompanhamento fiel dos postulados freudianos, que insistia na “importância da vida sexual para todas as atividades humanas” (Freud, 1905/1992, p. 121) se estabeleceu firmemente no pensamento reichiano por meio de suas experiências clínicas. Ainda que fruto de suas elaborações teóricas sobre o tema, é importante evidenciar o quanto as revelações da clínica auxiliaram a sustentar esse ponto de vista. Em 1942, ao recordar este processo, Reich descreve-o da seguinte maneira: “Com a capacidade de experimentar completa entrega genital, a personalidade do paciente passava por uma mudança tão completa e rápida que, inicialmente, fiquei confuso...Não desapareciam apenas os sintomas de angústia neurótica: mudava toda a personalidade do paciente.” (Reich, 1942/1975a, p. 154). Cita neste trecho mudanças na relação de seus pacientes com o trabalho, em suas ligações conjugais, em sua relação com a moral sexual vigente. Em suma, Reich observou, na prática, o quanto o estabelecimento da potência orgástica implicava também em uma atitude mais espontânea, autônoma e potente diante da vida.

Essa associação potência orgástica-potência vital é fruto das interpretações de Reich sobre os pilares conceituais da psicanálise de Freud. Como já vimos, o autor não opera uma ampliação conceitual, nem em relação àquilo postulado por Freud, tampouco em relação à sua própria leitura. Em um sentido mais amplo, Wagner (2004) nos ensina que: “podemos dizer que algumas teorias e conceitos psicanalíticos funcionaram como *apoio*, para o desenvolvimento da psicologia reichiana” (p. 41, itálico original). Exatamente por conta disso, precisamos tecer alguns comentários sobre como se deu este apoio, sobre quais foram as influências teóricas, dentro e fora da psicanálise, que

levaram Reich a fazer essas interpretações, que com o tempo implicaram em certas divergências com sua filiação psicanalítica.

2.1. Sublimação, Monismo energético e o “Bom Selvagem”

De acordo com Wagner (1995): “Reich nunca abriu mão de sua convicção de que as pulsões genitais (diferentemente das pré-genitais) não admitem uma sublimação absoluta” (p. 95). O que o autor citado pretende dizer é que, já desde o texto de 1924, *On Genitality*, Reich associa a capacidade de sublimação à satisfação da libido genital. Por conceber as neuroses como oriundas de fixações da libido pré-genital, ocasionadas por meio de repressão, e que por isso interferem no pleno desenvolvimento do primado genital, implicando, portanto, na não satisfação da libido genital, Reich estabelece uma lógica para a economia libidinal que em certos aspectos se afasta do que era compreendido no meio psicanalítico. Nesse artigo de 1924, Reich atesta que a libido genital liberada da repressão torna as pulsões mais “flexíveis e reconciliáveis no embate transferencial ou em conflitos recentes, finalmente ou se submetendo aos principais impulsos genitais ou conquistando sublimação por outros meios” (1924/1975b, p. 170). No artigo seguinte por nós focalizado, *Further Remarks*, Reich afirma que: “a capacidade de sublimar desempenha um importante papel mas não deve ser sobrevalorizada; acima de tudo, não pode nunca eliminar adequadamente a estase da libido. Esta é uma prerrogativa exclusiva do orgasmo” (1925/1975c, p. 216).

Em 1929, no artigo *O Caráter Genital e o Caráter Neurótico*, publicado novamente em 1933 como capítulo no livro *Análise do Caráter* (1933/2001a), Reich contrapõe sua opinião com a de Freud da seguinte maneira. Primeiro, apresentando a visão de Freud: “Segundo Freud, a sublimação é o resultado do desvio de um empenho libidinal de seu objetivo original e seu redirecionamento

para um objetivo socialmente válido mais ‘elevado’” (1933/ 2001a, p. 180; aspas originais). Em seguida, elucida sua abordagem ao tema:

A psicanálise das perturbações do trabalho ensina-nos que, quanto maior for a estase da libido como um todo, tanto mais difícil será sublimar a libido pré-genital. As fantasias sexuais absorvem e distraem do trabalho; ou as próprias realizações culturais são sexualizadas e, dessa maneira, apanhadas na esfera do recalque (p. 180).

Como nota de rodapé da página em que se encontram as afirmações acima citadas, Reich recupera um trecho do texto de Freud (1908/1993a), já mencionado por nós. Nesse trecho Freud alega que, embora “a proporção entre a sublimação possível e a atividade sexual necessária varia muito” (p. 176); é de sua opinião que,

Em geral, não me [Freud] ficou a impressão de que a abstinência sexual contribua para formar homens de ação autônomos ou pensadores originais, ousados libertadores e reformistas. Muito mais frequentemente, cria covardes de bom comportamento que mais tarde se submergem na grande massa para geralmente seguir os impulsos que partem de indivíduos fortes (Freud, 1908/1993a, p. 176)

Assim, temos a estreita associação entre uma potência diante da vida – ligada à idéia de vitalidade, confiança e poder de realização – e a potência orgástica, que, no pensamento reichiano, andam de mãos dadas. Albertini (2003) nos mostra que a visão de Reich sobre a sublimação implica na capacidade de reorientar as pulsões pré-genitais, como o próprio Freud sugeriu. No entanto, inverte o modelo freudiano de “uma quantidade fixa de energia que, se for gasta inteiramente de uma forma, impossibilita outra maneira de emprego” (Albertini, 2003, p. 77). Para Reich, por

depender da liberação das pulsões pré-genitais, a potência orgástica “geraria as melhores condições para a ocorrência de sublimações” (Albertini, 2003, p. 77).

O que talvez seja o mais interessante apontar, à luz do presente estudo, é o quanto a abordagem de Reich sobre os próprios requisitos da sublimação implicam na possibilidade de uma relação positiva e harmônica entre a sexualidade e a sociedade. Como falamos, essa visão, que levou Reich a estabelecer bases para uma profilaxia das neuroses, ao mesmo tempo em que o tornou um dedicado pensador da revolução sexual, se insere dentro de uma visão de mundo e de vida que não contrapõe a civilização à satisfação dos instintos primários humanos. Pelo contrário, acredita ser possível o ser humano satisfazer diretamente seus imperiosos impulsos sexuais, ao mesmo tempo em que produz cultura e civilização. Conforme Albertini (2003), “pode-se afirmar que o autor [Reich] substitui a tese freudiana da ‘sexualidade ou cultura’, pela da ‘sexualidade e cultura’” (p. 77, aspas originais). Opondo-se às inovações de Freud sobre um impulso primário de destruição, e negando a existência de um “recalque orgânico”, ambas concepções que definitivamente impossibilitariam a relação harmônica entre a sexualidade humana e sua necessidade de viver em comunidade, Reich tende a “relacionar às dificuldades humanas, especialmente as sexuais, circunstâncias passíveis de serem alteradas, e não conteúdos constitucionais do próprio homem” (Albertini, 2003, p.77).

Esse enfoque nos permite identificar que, presente no pensamento reichiano, há a ideia de um princípio natural, essencial – e essencialmente sexual - que anima a vida. Ao negar a noção de pulsão de morte freudiana, Reich deixa clara sua posição em defesa daquilo que Albertini (2003) considera um “monismo energético” (p. 81).

A título de comentário, vale registrar que o conceito de pulsão de morte já se encontrava no pensamento freudiano, mesmo que de modo rudimentar, desde o ingresso de Reich na psicanálise. No texto *Além do Princípio do Prazer*, publicado em 1920⁹, Freud apresenta a seguinte consideração

Contradiria a natureza conservadora das pulsões se a meta da vida fosse um estado nunca alcançado antes. Melhor haveria de ser um estado antigo, inicial, que o vivo abandonou uma vez à que aspira a regressar por todos os rodeios da evolução. Se nos é lícito admitir como experiência sem exceções que todo o vivo morre, regressa ao inorgânico, por razões *internas*, não podemos dizer outra coisa que isso: *A meta de toda vida é a morte*; e, retrospectivamente: *O inanimado esteve aqui antes do vivo*.
(Freud, 1920/1993b, p. 38, itálicos originais)

Na *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (2006), encontramos o seguinte comentário de Strachey: “na primeira metade de 1920, [Freud] ainda trabalhava nele [no artigo *Além...*] e então – pela primeira vez, aparentemente – surge uma referência aos ‘instintos de morte’, numa carta a Eitigon, de 20 de fevereiro” (p.14)

A respeito desse aspecto do pensamento de Reich, há um trecho que acreditamos ser esclarecedor no sentido de demonstrar a maneira como o autor concebe a natureza e sua relação com a civilização e a cultura. Em 1926, Reich finaliza da seguinte maneira o artigo *Os pais como educadores: a compulsão por educar e suas causas*:

Devemos pensar que a primitiva força vital que a compulsão por educar pretende dominar foi capaz de criar cultura. É lícito outorgar-lhe uma ampla

⁹ 1920 foi o ano de ingresso de Reich na Sociedade Psicanalítica de Viena

margem de confiança. Será excessivamente ousado declarar que a vida sabe criar melhor do que ninguém as suas necessárias formas de existência? (1926/1975f, p. 68)

Este artigo, publicado, segundo Matthiesen (2007), inicialmente no *Zeitschrift für psychoanalytische Pädagogik* em 1926, versava sobre temas relacionados à educação das crianças pelos seus pais. Este final citado por nós ilustra a visão de Reich a respeito de um princípio governador da vida, dotado de uma capacidade que garantiria a criação das formas mais adequadas de existência. Fica, portanto, mais evidente ainda a compreensão de Reich a respeito de uma força espontânea da vida e, porque não dizer, em uma *potência natural da vida*, de origem fundamentalmente sexual, e cuja expressão plena representaria a possibilidade do ser humano, uma vez livre para satisfazer-se sexualmente, se tornar também, em sua plenitude, potente.

Há bastante coerência nessa visão ao longo do percurso do pensamento de Reich. Em 1942, após ter realizado diversos experimentos no sentido de, como vimos, buscar as bases físicas e fisiológicas das pulsões, chega à seguinte consideração: “o processo vital e o processo sexual são um só e mesmo processo” (1942/1975a, p. 105). Nesse mesmo texto, ao mencionar a economia sexual¹⁰, diz que esta “pretende ser hoje uma teoria unitária e científico-natural do sexo, em cujas bases seria possível ressuscitar e fecundar todos os aspectos da vida humana” (1942/1975a, p. 105).

Em relação às principais influências filosóficas que levam Reich a desenvolver essa visão positiva e totalizante da natureza, Albertini (1997) alerta para “três pensadores vistos de forma favorável em seus textos” (p. 59). São eles, Giordano Bruno (1548-1600), morto pela inquisição por ter “defendido ideias como a da alma universal que animava o mundo” (p. 59); Henri Bérghson

¹⁰ Denominação a que atribui seu conjunto de teorias; segundo o próprio autor, a alcunha remete ao ano de 1928, no entanto, Wagner (2004) nos esclarece que foi somente a partir de 1934, ano de sua expulsão da Associação Psicanalítica Internacional, que o autor passou a utilizar esta denominação ao seu corpo teórico.

(1859-1941), filósofo francês que postulou um conceito de *élan vital*, entendido como uma força criativa, “um princípio vital criador” (p. 59); e finalmente Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), “propagador de um pensamento que pode ser caracterizado como o naturalismo utópico” (p. 59).

Sobre esses três autores, vale dizer que a idéia de uma alma universal defendida por Giordano Bruno encontra-se, no pensamento de Reich, em suas postulações sobre uma energia – que denominou *orgone* – presente em toda a natureza e que, segundo suas pesquisas a partir do final da década de 1930, seria responsável pela própria origem da vida. Sobre Bérqson, sua ideia de um princípio vital criativo é declaradamente uma referência para o pensamento de Reich. Recapitulando o início de seus estudos como aluno de medicina na Universidade de Viena, aponta para o fato de que durante algum tempo foi considerado por seus colegas “um bergsoniano maluco” (1942/1975a, p. 30). Já Rousseau é apontado por Albertini (2003) como um autor a quem Reich, “além do estilo iconoclasta” se aproxima por “atribuir os problemas humanos a circunstâncias sociais” (p. 83). Além disso, a ideia rousseauiana de que a natureza “tudo faz do melhor modo” (Rousseau, 1762/1999, p. 70), se aproxima bastante, como vimos acima, das ideias de Reich.

A vida humana natural é livre e espontânea. O contato do ser humano com sua natureza primária é fonte de prazer e produtividade. Essas são as ideias que vão com o tempo se sofisticando no pensamento de Reich. No prefácio à 3ª edição da versão inglesa do livro *Psicologia de Massas do Fascismo*, escrito em 1942, o autor afirma que ao estabelecer contato com aquilo que passou a chamar de “cerne biológico”, “sob condições favoráveis, o homem é um animal racional essencialmente honesto, trabalhador, cooperativo, que ama e, tendo motivos, odeia” (1933/1946/2001b, p. XVI).

Nosso exame sobre a visão de potência no pensamento de Reich não poderia, além do que já foi até aqui mencionado, prescindir de uma breve análise sobre a relação entre a teoria do orgasmo e outra importante contribuição reichiana ao pensamento psicanalítico: a noção de caráter. Como

veremos, aliada às ideias até aqui expostas, a teoria do caráter desempenhará um papel importante na nossa reflexão sobre o conceito de potência em Reich e o desempenho esportivo.

2.2. Potência e Caráter

Por meio do trabalho de Oliveira e Silva (2001) sabemos que as primeiras referências de Reich ao termo e ao conceito de caráter se encontram em um texto datado de 1922, intitulado *Two Narcissistic Types* (1922/ 1975e), “ainda que apenas vinculadas a concepção de uma neurose de caráter” (Oliveira e Silva, 2001, p. 56). Em seguida, o conceito seria examinado em maior detalhe no livro publicado em 1925, *O Caráter Impulsivo* (1925/2009). Segundo Oliveira e Silva (2001):

Reich, nesses textos, define o conceito de caráter de várias maneiras: comenta o seu modo de manifestação, discute clínica e metapsicologicamente os processos que o formam, e indica sua relação com a neurose e com a técnica terapêutica. Caráter, então, seria a dimensão total das atitudes e ações individuais em relação ao mundo. Sua formação estaria ligada aos processos de identificação, de desenvolvimento psicosssexual, à receptividade do ego-prazer às restrições e à relação entre ideal de ego e o ego – constituindo-se de elementos do ideal de ego incorporados pelo ego, deixando operar como crítica, para assumir a condição de identidade (p. 135).

O desenvolvimento da noção de caráter no pensamento de Reich está, em certa medida, diretamente relacionado ao seu empenho em solucionar certas lacunas encontradas por ele na técnica terapêutica. Segundo Matthiesen (2007), em 1924 Reich é nomeado diretor do Seminário de Técnica Psicanalítica de Viena, posição em que se manteve até 1930. Em relação a esta função desempenhada por Reich, Makari (2008), traz uma interessante perspectiva:

Com os seminários técnicos de Viena como seu campo de provas e tendo o Ambulatório como base, as visões de Reich eram apresentadas aos estudantes. Candidatos no Instituto de Viena passaram por seu seminário, incluindo aqueles cujas futuras teorias se inspiraram no pensamento de Reich: Anna Freud, Heinz Hartmann, Robert Walder, Ernst Kris. Reich se tornou o mestre indiscutível da técnica, o guru dos seminários técnicos e o homem a quem Freud aparentemente chamou de "o fundador da técnica moderna" (p. 396, aspas originais).

Ao longo dos últimos anos da década de 1920, escreve quatro artigos sobre a teoria do caráter e sobre a teoria da técnica analítica que ficou conhecida como “análise do caráter”. No ano de 1933, esses artigos passaram a compor o que pode ser entendido como o *magnum opus* de Reich sobre o tema: o livro a *Análise do Caráter* (1933/2001a).

Embora seja bastante interessante a análise sobre o desenvolvimento do conceito de caráter no pensamento de Reich, iremos, a título de objetividade, concentrar nossa atenção em suas relações com o conceito focalizado no presente estudo, a potência orgástica. Essa relação se desenvolve com o tempo, em paralelo ao processo de esclarecimento sobre a teoria do orgasmo. Segundo Reich, ambos os conceitos “em poucos anos, tornaram-se em uma unidade inseparável” (1942/1975a, p. 111).

Para esclarecer essa relação, iremos extrair alguns trechos do texto *O Caráter Genital e o Caráter Neurótico*, publicado pela primeira vez em 1929, depois passando a compor o capítulo VIII da edição de *Análise do Caráter*, de 1933. Já no subtítulo – *a função econômico-sexual da couraça de caráter* - temos uma noção da intenção de Reich com esse texto. Apontando o caráter como um “*mecanismo de defesa narcísico*” (p. 165, itálicos originais), Reich explica que o caráter possui a função de servir “essencialmente como uma proteção do ego” (p. 165). Em relação a isso, define

que essa proteção não se refere apenas à proteção contra as restrições encontradas no mundo externo, como também se mostra um mecanismo de defesa contra a satisfação dos impulsos internos. Para isso, propõe, tal como nos mostra Wagner (2004), “um casamento do caráter com o Ego e o Id” (p. 55). Topograficamente, seguia a ideia freudiana de que o ego seria uma parte do Id, no texto definido como “organismo psíquico”, que “emerge como parte especial dele e intervém entre essas necessidades primitivas, por um lado e o mundo exterior, por outro (p. 166-167).

Vale mencionar que na visão reichiana, a última função citada – a de proteção contra os estímulos internos – se sobressai diante a necessidade de defesa contra o mundo. Em suas palavras: “temos que salientar que essa proteção contra o mundo externo, que motivou a formação do caráter, definitivamente não constitui, mais tarde, a principal função do caráter” (p. 167).

Seguindo nessa linha, atesta que “a formação do caráter origina-se e é motivada pela necessidade de evitar os perigos implicados na satisfação das pulsões” (p. 169). Assim, a função principal do caráter seria a de absorver, em si próprio – portanto, narcisicamente – os estímulos advindos das pulsões libidinais.

Wagner (1996) elucida de modo bastante claro essa função econômica do caráter:

Como formação total, o caráter tem a função de decidir os destinos das pulsões: uma parte delas será utilizada na manutenção do próprio caráter, enquanto a outra parte deverá ser gratificada (diretamente e também de forma sublimada). Quando essas últimas pulsões não são gratificadas nem sublimadas e são, portanto, impedidas de seguir seu curso, desviam-se dos obstáculos e emergem na forma de *sintomas*. (p. 99; itálico original)

Com base na leitura econômica da função do caráter, Reich, como se poderia imaginar, associa o caráter à noção de potência orgástica. A partir dessa associação atribui às estruturas

capazes de satisfação a denominação de “caráter genital”, em contraponto ao que seria o “caráter neurótico”. Em suas palavras:

O caráter neurótico sofre uma crescente estase da libido precisamente porque seus meios de satisfação não são adequados às necessidades do aparelho pulsional; ao passo que o caráter genital é governado por uma firme alternância entre tensão e satisfação adequada da libido (p. 171).

Entende que estes dois “tipos” pretendem representar pólos opostos entre a saúde e a doença. De acordo com o seu entendimento, “os caracteres reais representam uma mistura, e se a economia da libido é ou não permitida depende apenas em que medida o caráter se aproxima de um ou de outro tipo básico” (p. 172).

A partir deste trecho, apresenta observações a respeito das diferenças entre um e outro pólo. Em relação a isso, três aspectos se mostram essenciais para a discussão da presente pesquisa.

O primeiro se refere à relação que Reich estabelece entre o Ego e o caráter. O autor entende que no pólo genital desse *continuum* entre saúde e doença (Almeida, 2012), “no que toca aos empenhos genitais, o ego não se opõe ao id” (p. 175). Atribui a ideia de “flexibilidade” ao caráter genital, dizendo que:

Uma vez que o ego está sob apenas uma pequena pressão, tanto do id como do superego – basicamente por causa da satisfação sexual -, ele não precisa se defender do id, como acontece com o caráter neurótico. Requer apenas pequenas quantidades de contra-investimentos e tem, conseqüentemente, ampla energia livre para experimentar e atuar no mundo; a atuação e a experiência são intensas e livre de fluxo (p. 175)

Sob esse prisma, entende-se que o caráter neurótico, por utilizar parte de sua energia na manutenção de sua estrutura defensiva que, ao contrário do caráter genital, é rígida e torna o indivíduo incapaz “de se abrir a alguma experiência particular como de se fechar completamente a outras experiências em que seria racionalmente justificado fazê-lo” (p. 177), possui dificuldade em se entregar integralmente àquilo que faz, de modo que busca compensações de natureza narcísica. Entendido como uma estrutura incapaz de “se dar” (p. 177) e em que “só metade da personalidade toma parte na experiência” (p. 178), temos que a noção desse *continuum* entre um pólo saudável, genital, e outro doente, neurótico, representa, em certa medida, as considerações de Reich já mencionadas a respeito do mecanismo sublimatório do aparelho psíquico.

Um segundo aspecto merecedor de atenção diz respeito à noção de *couraça*. Segundo Almeida (2012), “a costura entre ego-caráter-resistência-defesa-couraça forma um complexo que se permite falar de ‘encouraçamento do caráter do ego contra o mundo exterior e o id’ (Reich, 1933/2001, p. 60)” (p. 72). Grosso modo, temos que a noção de couraça faz referência ao processo de enrijecimento ao qual o caráter é submetido à medida que o ego não satisfaz as demandas pulsionais do id. Seguindo esse raciocínio, Almeida (2012) reflete que “parece que o pensador [Reich] equipara as funções da couraça às da resistência do caráter” (p. 73). Por isso que, ao mencionar o caráter genital, Reich afirma que “o ego do caráter genital também apresenta uma couraça, mas ele a controla, não está à sua mercê. A couraça é flexível o bastante para se adaptar às mais diversas experiências” (p. 175).

Por fim, precisamos mencionar que no conjunto do pensamento de Reich a respeito de caráter haveríamos de considerar suas formulações sobre o seu processo de formação, que implicaria na ideia de que em meio a essa intrincada “costura” podemos encontrar outros “tipos” de formação caracterológica que escapam à polarização entre caráter neurótico-caráter genital. Se considerarmos a noção de caráter a partir de sua função defensiva e sua íntima relação com a potência, veremos,

como já foi apontado no estudo do texto de 1924, que o estágio do desenvolvimento da libido em que ocorreu a repressão, assim como a forma como se deu essa repressão, conforme nos apontam Oliveira e Silva (2001) e Almeida (2012), são cruciais para a formação do caráter. Em meio a esse complexo conjunto de influências, Oliveira e Silva (2001) nos esclarece que “quando a inibição da pulsão se deu de forma defeituosa, geralmente muito tardia ou traumática” (p. 65), criam-se as condições para um caráter cuja característica mais marcante seria o de ser “dominado pela pulsão, donde surge seu nome – impulsivo” (Oliveira e Silva, 2001, p. 64-65). Almeida (2012), por sua vez, nos ensina que “o impacto de uma frustração intensa e imprevista contra uma pulsão já inteiramente desenvolvida” (p. 119), geraria a formação de “uma estrutura de caráter não formada, que é o oposto da exigência de encorajamento suficiente contra os mundos interno e externo.” (Reich, 1933/2001a, p. 157). Contrário à inibição do caráter neurótico e inadequado do ponto de vista de “um desenvolvimento egóico integrado e dirigido à realidade” (Oliveira e Silva, 2001, p. 65) do caráter genital, o impulsivo seria marcado por comportamentos contraditórios, em que “toda organização libidinal está dilacerada entre a decepção e os sentimentos de culpa” (Reich, 1925/2009, p. 53).

Também, à medida que o pensamento reichiano envereda para o campo social e político, um outro tipo caracterológico emerge, sendo esse oriundo de circunstâncias em que “um organismo cuja mobilidade natural foi continuamente dificultada, desde o berço, desenvolve formas artificiais de movimento” (Reich, 1949/2001a, p. 461), acarretando naquilo que Reich denominou de “peste emocional. O autor alega que a peste emocional acomete o indivíduo “quando as expressões autorreguladoras naturais da vida são suprimidas desde o nascimento” (p. 461). Também, alerta que “os efeitos da peste emocional podem ser vistos no organismo humano, bem como na vida social” (p. 461), corroborando com a noção de que mais do que uma formação individual, o caráter seria fruto

de uma estrutura social, política e econômica. Ampliando ainda mais essa visão, e talvez evidenciando a escolha do uso do termo “peste”, denuncia que

De vez em quando, ela se transforma em epidemia, como qualquer outra doença contagiosa, como a peste bubônica ou cólera. Explosões epidêmicas da peste emocional manifestam-se em irrupções violentas e disseminadas de sadismo e criminalidade, em pequena e grande escala (p. 461).

Como exemplo, Reich afirma terem sido a “Santa Inquisição” Católica da idade média e o fascismo europeu do início do século XX como exemplo dessas explosões epidêmicas. Dadoun (1991), nos esclarece que

o tipo *pestilento*, que nada mais é, deixando de lado toda condenação polêmica, que o ‘homem pequeno’ (o ‘zé-ninguém’, que aparece em algumas edições portuguesas de Reich) de todos os dias, afetado pela *peste emocional*, pagando o preço – e, sobretudo, sendo obrigado a pagar – de sua frustração sexual, de sua resistência caracterial à própria vida, entrando no temível jogo de amor impossível ou muito difícil, e da morte tão prazenteiramente administrada (p. 107, aspas originais; itálicos originais)

De acordo com Reich (1949/2001a) “O indivíduo com peste emocional não se contenta com uma atitude passiva – distingue-se do caráter neurótico por uma atividade social mais ou menos destruidora da vida” (p. 467). Em sua concepção, esse “caráter pestilento” (Dadoun, 1991) se diferenciaria do neurótico (inibido) por possuir uma alta carga de energia disponível. Seria também

diferente do impulsivo, uma vez que “tem *sua própria técnica em seu próprio campo*, sua *própria ‘coerência’*, por assim dizer, que parece ‘lógica’” (Reich, 1949/2001a, p. 468, itálicos originais; aspas originais). E, finalmente, representaria talvez o real oposto do caráter genital, uma vez que, para Reich, no sujeito acometido pela peste emocional, “como no caráter genital, o pensamento corresponde às ações, mas há uma diferença significativa, isto é, as conclusões não resultam do pensamento. São sempre *predeterminadas* pelo seu problema emocional” (Reich, 1949/2001a, p. 468, itálico original). Contrário à inibição do neurótico e à desorganização e ambivalência do impulsivo, e oposto à coerência e orientação à vida do genital, o pestilento apresenta uma postura ativa de combate ao livre fluxo da vitalidade, em si e nos outros, pois “é *emocionalmente* importante para ele que *tanto o recalque como as pulsões secundárias continuem a existir*” (Reich, 1949/2001a, p. 468, itálicos originais). Essa oposição à vida denunciada por Reich é fruto do medo, que leva o ser acometido da peste “a praticar ações perigosas quando seu sistema social é seriamente ameaçado” (Reich, 1949/2001a, p. 468). A título de menção, vale frisar o quanto Reich atribuía à peste emocional toda sorte de perseguições, difamações e exclusões sofridas por ele no decorrer de sua vida como médico psicanalista e pesquisador.

O caráter, por representar o conjunto total do comportamento do indivíduo, por servir como anteparo ao ego em sua mediação entre as exigências pulsionais internas e as demandas repressoras do mundo civilizado, se enrijece na mesma medida em que permite, ou não, satisfação pulsional. Deixando de lado as implicações relacionadas a como Reich atribui essa formação a uma ordem social moralista, dominadora e perversa, acreditamos ser importante evidenciar o quanto as noções de caráter e de couraça contribuem para nossa reflexão a respeito da visão de potência em Reich. O que observamos no artigo de 1929 é ainda mais um indício do quanto Reich associa a capacidade de satisfação genital à capacidade de entrega do ser humano em tudo quanto faz.

Em nosso intento com a presente pesquisa, acreditamos que o conceito freudiano de ego, além de ter sido fielmente apropriado por Reich nas suas teorizações a respeito das noções de caráter e couraça, apresenta alguns detalhes relativos à sua formulação que precisam ser evidenciados, por nos trazer valiosas contribuições.

No que se refere à descrição do conceito, temos, na forma como Freud o apresentou em 1923, com a publicação de *Das Ich und das Es* (O Ego e o Id), “A importância funcional do ego é expressa pelo fato de que normalmente lhe é atribuído o governo sobre as abordagens à motilidade” (1923/1993c, p. 27). Em nota de rodapé inserida em 1927, Freud esclarece que o ego “deriva em última instância de sensações corporais, principalmente das que partem da superfície do corpo” (p. 27-28; nota de rodapé). Desse modo, tem-se que “o ego é sobretudo uma essência-corpo; não é somente uma essência-superfície, senão, ele mesmo, a projeção de uma superfície” (p. 27). Embora seja uma instância que emerge e se diferencia do id, o ego possui uma porção significativa mergulhada no inconsciente. Justamente em função desse ponto foi possível Reich entender o caráter como uma estrutura defensiva automática, que nos neuróticos foge ao domínio, por residirem na porção do ego que permanece inconsciente.

O ego, por ser a instância que media a relação entre o id e o mundo, sofre de acordo com o grau de conflito apresentado pela relação entre essas duas dimensões. Assim, entendido como sendo um ego corporal, e tendo Reich entendido que a neurose implica, em maior ou menor grau, na rigidez do encouraçamento deste ego, a repressão da satisfação genital, que põe o ego em conflito com o id e sob o jugo do superego (ideal de ego, instâncias morais, etc.) não apenas gera um caráter rígido, como produz um ego – corporal – limitado em suas possibilidades de movimento.

A título de exemplo, traremos um trecho de um texto, publicado, segundo Matthiesen (2007), em 1945, que apresenta de modo claro essa relação entre o que já podemos assinalar como

impotência orgástica e a restrição da mobilidade. Referindo-se às crianças que encontrou em uma viagem à Rússia, realizada em 1929, Reich comenta:

A luta contra os impulsos sexuais exige muita energia, atenção, autodomínio; como as energias vegetativas deixam de ser investidas no mundo exterior e na satisfação instintiva, a criança perde o vigor motriz, a agilidade, a coragem e o sentido do real, torna-se “inibida”. No centro desta inibição, está sempre uma inibição da motricidade, da corrida, do salto, da agitação, em suma, da atividade muscular (Reich, 1945/1975g, p. 40-41).

A relação do ego com a noção de potência orgástica é interessante de se analisar. No texto de 1927 *Die Funktion des Orgasmus*, Reich alerta para o fato de que para um indivíduo orgasticamente potente, durante o ato sexual, “o ego está *integralmente* absorvido pela percepção de prazer e integra-se nele sem dispersão” (p. 54; itálico original). No texto de 1929 sobre os caracteres genital e neurótico, o autor atesta que para o indivíduo potente orgasticamente, “no ato sexual com o objeto amado, o ego quase deixa de existir, com exceção de sua função de percepção” (p. 175-176). Assim, considera-se que o ego da pessoa potente, que é pouco pressionado pelas exigências instintivas do id, e pouco enrijecido pelas pressões do superego, move-se com naturalidade, entregue ao prazer de sentir-se inteiro em cada experiência. Esse raciocínio, acrescido da noção de uma unidade funcional antitética entre soma e psique, trará novas nuances para nossas considerações sobre o desempenho esportivo.

3. POTÊNCIA ESPORTIVA

“Be water, my friend”

Bruce Lee

Após termos apresentado o processo de constituição da visão de Reich sobre potência, acrescido de algumas considerações a respeito dessa enquanto potência vital, é chegado o momento de iniciarmos nossa tentativa de estabelecer uma base comum de compreensão entre esta visão e o desempenho esportivo. Ressaltamos, da forma como expusemos durante a problematização deste trabalho, que um de nossos intentos é o de procurar apontar para elementos que, na visão Reich e com o auxílio de alguns de seus comentadores, elucidem e sustentem a compreensão sobre os processos psicológicos que influenciam o desempenho esportivo. Além disso, partimos do pressuposto de que a teoria reichiana, em especial sua particular maneira de considerar o termo potência, pode contribuir para a compreensão sobre *como* o estado psicológico impede e/ou facilita o desempenho esportivo.

Com base na visão de potência orgástica como potência vital, podemos trazer elementos importantes para a compreensão do sentido e das possíveis influências que são exercidas sobre o desempenho esportivo. Tanto quanto analisar a relação de um indivíduo com seu trabalho, aspecto esse bastante detalhado por Reich, será possível, no caso do Esporte, refletir sobre o que está *em* jogo, quando o atleta está *no* jogo.

Para isso, neste trecho da dissertação procuraremos ser cuidadosos na apresentação do nosso pensamento, que obedecerá a seguinte sequência: primeiramente, traremos novas considerações sobre o desempenho esportivo, complementando aquilo que já apresentamos na introdução. Em seguida, faremos considerações sobre alguns estudos que mencionam a existência de estados de presença e entrega e sua influência na obtenção de altos níveis de desempenho, ponderando sobre como a descrição de tais estados se aproxima da visão de potência em Reich. Após termos feito isso, retornaremos aos escritos de Reich, apresentando trechos de sua obra em que a atividade esportiva é mencionada ou tomada por exemplo, como forma de refletir sobre sua abordagem ao tema do Esporte. Faremos isso como forma de contrastar as implicações desta perspectiva com a discussão

que estamos propondo. Ao final deste capítulo iremos incluir elementos que possibilitem uma visão mais ampla sobre a interferência dos estados psíquicos no desempenho, de modo a criar o caminho para o capítulo final, no qual buscaremos ampliar nossa discussão para além da visão reichiana de potência, fazendo para isso uso da noção de “encontros potentes”, formulada por Albertini (1997).

3.1. Observações complementares sobre o desempenho esportivo

Ainda que já no início deste trabalho tenhamos apresentado nossas considerações sobre a conceituação de desempenho esportivo, pensamos ser importante retomar algumas de suas partes no sentido de estender um pouco mais nosso raciocínio sobre este tema, trazendo novos elementos para a questão da concepção reichiana de potência na compreensão do desempenho esportivo.

A partir daquilo que foi exposto na problematização da pesquisa, podemos resumidamente dizer que o desempenho esportivo é um fenômeno complexo e com múltiplas variáveis, constituindo-se como um tema importante para os estudos sobre o Esporte, entendido neste trabalho como uma atividade que visa à obtenção de vitória via ações motoras voluntárias, vigorosas e/ou complexas, inseridas em contextos institucionalizados de disputa, que em função disso demandam uma preparação especial. Esta perspectiva se alinha à de Schüler Duden-Sport (1987), citado por Kiss e Bohme (1999) que contribui com a seguinte definição de desempenho esportivo: “Desempenho esportivo é a execução ótima de uma tarefa de movimento” (p. 62), assim como a de Knudson e Morrison (2002), que de modo amplo definem desempenho esportivo como “a eficiência dos movimentos de uma pessoa na conquista de um objetivo” (p. 5).

Porém, como também já apontamos, buscar compreender o desempenho esportivo não se resume a entender os meios pelos quais se obtém a vitória. Retomando a contribuição de Justus (2010), “desempenho excede a concepção reducionista de vitória. Seu significado se relaciona à

proximidade maior da perfeição” (p. 14). Essa perfeição seria, no pensamento dessa autora, a expressão máxima das “performances individuais e de grupo” (p. 14)

Além disso, o fator temporal se mostra como elemento fundamental para sua compreensão. Assim, o desempenho deve ser entendido como a expressão de uma condição do indivíduo em determinado instante no tempo (Kiss et al. 2004).

De modo simplificado, podemos então dizer que, dada as informações dispostas, o desempenho esportivo requer um tipo de análise que tenha por base sua produtividade, sua forma, seu contexto e o momento em que ocorre.

O aspecto da produtividade talvez seja o mais simples de se entender. Vitória ou derrota, acerto ou erro. Varia de acordo com o resultado e com o grau de acerto e erro relativos às decisões e aos movimentos intencionais. No entanto, conforme alerta Vilar e colaboradores (2012):

há uma emergente crítica quanto aos métodos de análise de desempenho por parte de alguns cientistas no que diz respeito à necessidade de se ter princípios teóricos e dados empíricos que ajudem a melhor explicar como um desempenho bem sucedido é alcançado (p. 2).

Ainda que o autor acima citado faça referência aos elementos objetivos que levam o desempenho esportivo ser bem sucedido, fica-nos a impressão sobre a carência de maneiras de se compreender quais são os fatores presentes em desempenhos de alto nível e, principalmente, como esses fatores conduzem os atletas a atingi-los.

No que diz respeito à forma, alguns pontos merecem ser destacados. A maneira com a qual um desempenho ocorre não se refere apenas aos seus aspectos estéticos, a se os gestos são “bonitos” ou “elegantes”. De acordo com Gaiarsa (1984a): “A eficiência do gesto é medida por três critérios básicos: se ele alcança sua finalidade, quanta energia ele custa, qual sua organização interna” (p.

17). Assim, a finalidade seria entendida como a produtividade do gesto, enquanto o gasto energético (seu aspecto econômico) e a organização interna (seu aspecto coordenativo) fariam referência à forma.

Segundo Greco (2007), “o ato motor é resultado da ação e interação de uma série de capacidade físicas, em adequação com os demais componentes do rendimento esportivo” (p. 36). Esses fatores fazem referência a duas classes de capacidade físicas, as motoras e as coordenativas. As capacidades motoras, segundo esse autor, são “determinadas fundamentalmente pelos processos energéticos” (p. 37). São representadas pela força e pela resistência.

Já as coordenativas são “determinadas fundamentalmente pelos processos psicomotores de condução e regulação do movimento” (p. 37). Acrescenta ainda que “coordenar significa, etimologicamente, ‘ordenar junto’. No esporte, esta característica se agrega à função de harmonização dos processos parciais do movimento, que, tendo em vista o objetivo da ação, permitem que este seja alcançado com o menor gasto energético possível” (p. 41, aspas originais). Há muita discussão ainda sobre os diferentes tipos de capacidades coordenativas, sendo que cada modelo teórico apresenta uma lista e uma abordagem próprias (Greco, 2007). No entanto, o que se faz necessário entender para este trabalho é que a coordenação dos movimentos se refere ao grau de organização interna destes, isto é, à forma com que as diferentes porções do corpo que participam do movimento se harmonizam, em prol do resultado e do mínimo consumo de energia. Portanto, considera-se dizer que a forma do desempenho faz referência à sua harmonia e economia.

No que se refere ao contexto e ao aspecto temporal, podemos entender que o desempenho não se basta ao que é realizado nas competições. Havendo a necessidade de uma “preparação especial” (Gomes & Zakharov 2003, p. 27) entendemos que o que é feito nos treinos pode também ser considerado como um tipo de desempenho esportivo, que se relaciona com o “quando” ele acontece. Mais ainda, durante o período de um treino ou competição, o desempenho, em sua forma

e produtividade, sofre oscilações. Sem dúvida, ao relacionarmos o momento – ou a situação – do desempenho, aos outros fatores, teremos uma dimensão mais adequada do seu nível de expressão.

Por exemplo, as alcunhas “leão de treino” e “leão de jogo” são bastante comuns no meio esportivo, fazendo referência aos casos em que atletas ou equipes apresentam altos graus de oscilação de desempenho em diferentes contextos. No primeiro caso, temos o atleta ou equipe que apresenta um maior nível de expressão do seu desempenho durante o processo de preparação (treinos), sendo que nas situações de competição esse grau de expressão oscila negativamente (diminui), impedindo ou dificultando a obtenção do resultado. Inversamente, no segundo caso temos o exemplo em que a diminuição dessa expressão se dá nos treinos, oscilando positivamente nas competições. Porém, em função da menor expressão durante a preparação, a prontidão para se atingir níveis superiores de desempenho tende a ficar comprometida.

Sob o ponto de vista do contexto competitivo, o nível e o tipo da competição são elementos a se levar em conta. Feijó (1998), nos auxilia dizendo que “a ideia tradicional descreve competição desportiva como sendo o jogo entre adversários, com a intenção de se selecionar o melhor” (p. 89). Esta “seleção”, portanto, se dá por meio de formas ou tipos distintos de disputa, implicando em uma categorização das diferentes modalidades esportivas. Tais categorias mudam de acordo com o modelo teórico ou segundo as capacidades privilegiadas em cada abordagem. Lamas (2010), por exemplo, faz as seguintes considerações:

Em uma das abordagens possíveis de categorização das modalidades esportivas, estas são classificadas como condicionantes ou cognitivas. As primeiras têm seu desempenho fortemente dependente do desempenho em uma ou mais das capacidades condicionantes (i.e. força, velocidade,

resistência e flexibilidade) e capacidades coordenativas. Já os esportes ditos cognitivos têm maior dependência das decisões tomadas, usualmente com forte restrição espaço-temporal, e as capacidades condicionantes atuam como subsídio para que estas decisões tomadas sejam expressas com qualidade através de um gesto esportivo realizado bem executado. (p. 2-3)

De modo simplista, iremos esclarecer apenas que esta seleção (competição) pode ser realizada entre indivíduos e grupos, configurando o que conhecemos como modalidades esportivas individuais e coletivas. Também, outro aspecto do tipo de competição se refere à forma de disputa; se entre pares ou se entre opositores. No primeiro caso, estamos mencionando aquelas modalidades - como por exemplo a natação, atletismo ou remo - em que não há oposição, isto é, em que os atletas ou equipes competem lado-a-lado – ou alternadamente - contra o tempo, a distância, a altura etc., ou mesmo quando competem em busca da perfeição de gestos e “figuras” gestuais, cuja precisão é julgada por árbitros, como no caso da ginástica, do salto ornamental ou do nado sincronizado. Já os últimos dizem respeito às modalidades em que há oposição de forças, ou seja, em que dois atletas ou duas equipes competem, uma contra a outra, ou em busca de submeter o adversário ou superá-lo em pontuação, como no caso das lutas, do futebol, do basquete etc., ou com a intenção de atingir um determinado número de pontos antes do adversário, como por exemplo no caso do tênis e do vôlei. Citamos esses exemplos apenas como forma de demonstrar que o tipo de competição implica em uma enorme quantidade de variáveis, de modo que qualquer leitura psicológica rigorosa a respeito do desempenho esportivo em cada um desses tipos demanda uma análise sobre sua especificidade e seu impacto no comportamento de seus praticantes. No entanto, esse não é nosso objetivo. Pelo contrário, a análise psicológica que estamos propondo visa contribuir como

arcabouço teórico que sirva à análise da prática esportiva de modo geral, e que possa – eventualmente – contribuir para estudos mais aprofundados e específicos à cada modalidade.

Em relação ao nível da competição, é importante de se fazer notar que independentemente do nível em que se pratica tais modalidades, a mesma lógica competitiva se aplica. A conceituação sobre Esporte que apresentamos não faz referência a um nível específico de competitividade, mas a um modo de prática física que possui uma lógica, a da competição institucionalizada. Pode-se competir na escola ou nos Jogos Olímpicos; nos “contras” do futebol de várzea ou na Copa do Mundo, e a lógica continuará a mesma. O que irá diferir são os elementos presentes na constituição deste “sistema aberto” (Kiss et al., 2004) a que nos referimos como desempenho esportivo. Já dando indícios sobre nossa linha de raciocínio, o que irá diferir na sua compreensão são os elementos presentes no *campo* em que este desempenho acontece.

No que se refere ao nível de competição, resolvemos eleger como foco principal de nossa discussão aquilo que se entende por “alto rendimento”, ou “performance de excelência”, fazendo referência às competições de mais alto nível de desempenho. Utilizamos para esse fim estudos sobre atletas envolvidos nesses níveis de competição. Pressupomos, entretanto, que ao tratarmos dos eventos que representam de fato a busca pelos limites técnicos (motores), físicos, tecnológicos, cognitivos e emocionais do ser humano, estaremos contribuindo, dadas as devidas proporções e ponderações, para compreender o desempenho esportivo que ocorre em outras esferas menos expressivas, ou menos espetaculares, de competição.

3.2. Potência, estados ideais e desempenho esportivo

Dado que o desempenho é abordado como a expressão de habilidades motoras em determinado tempo e contexto, podemos entender que tanto os treinos como as competições, compreendidos como situações de desempenho esportivo, ocorrem em meio a um espaço de possibilidades que permitem ou não essa expressão, constituindo portanto um sistema aberto a influências de diferentes tipos e origens. Cria-se assim um “espectro” de possibilidades ao desempenho de uma pessoa, limitado, por um lado, pela expressão máxima das habilidades e, por outro, pela contenção ou inexpressão dessas habilidades. Apresentaremos a seguir alguns estudos que procuram descrever a existência de estados psíquicos ideais para a obtenção de altos níveis de expressão do desempenho, procurando em seguida reconsiderá-los sob a visão de potência no pensamento de Reich.

Moraguès (2003), por exemplo, em seu estudo psicanalítico sobre o desempenho esportivo, apresenta reflexões que aproximam seu pensamento dessa noção de um espectro de possíveis graus de expressão do desempenho. Em suas palavras, de um lado, há o *contradesempenho*, entendido como a

repetição da impossibilidade de realizar, durante a competição, prestações ou resultados já obtidos no treinamento. Isso pode ser igualmente a impossibilidade – sempre aparentemente incompreensível – de realizar, efetuar ou obter certas atuações, ações ou provas específicas por vezes mesmo no treinamento (p. 8)

De outro lado, podemos considerar a noção de um *estado de desempenho*, “graças ao qual otimizam [os atletas] ao máximo as suas potencialidades psico-corporais e que condicionam os resultados excepcionais” (Moraguès, 2003, p. 21).

Em uma ponta, temos os elementos limitantes do desempenho, partindo do princípio de serem limitações a um tipo de habilidade e/ou desempenho já expressos anteriormente por um atleta ou equipe, e que se apresentam no momento do jogo ou do treino e impedem sua expressão. Na outra ponta, temos um estado ótimo de convergência das potencialidades que permite apresentações sublimes e extraordinárias, configurando aquilo a que os espectadores costumam chamar de “brilho” ou, como já mencionamos no início e iremos detalhar agora, os estudiosos da psicologia do esporte costumam denominar “estados ótimos”, “zona” ou “fluxo”.

Ruiz & Hanin (2003) definem estes estados “ótimos” como: “estados que proveem as melhores condições internas, resultando em total envolvimento na tarefa e o melhor recrutamento e utilização dos recursos possível” (p. 230). Os mesmos autores também atestam que a compreensão e reprodução destes estados representam estratégias “importantes para a conquista consistente de desempenhos bem sucedidos” (p. 230).

A teoria a respeito da “zona individual de funcionamento ótimo” (IZOF – *Individual Zones of Optimal Functioning*), é caracterizada, segundo McCune (2006): “pela intersecção de um nível ótimo de excitação e máxima performance” (p. 4). Foi criada a partir da “Teoria do U Invertido”, no qual o rendimento de um sujeito aumenta até um certo grau específico e particular de estimulação, passando a diminuir à medida que o mesmo estímulo cresce. De acordo com Ruiz & Hanin (2003), estes estados são descritos pelos atletas como estados nos quais há “alta motivação, energia e concentração” (p. 239).

Já Ducasse & Chamalidis (2009), se referem a esta “zona” como um estado no qual o atleta vivencia “a plenitude total de suas condições técnicas, físicas e mentais, momentos mágicos de harmonia entre corpo e mente, nos quais tudo acontece naturalmente, tudo é fácil, tudo dá certo” (p. 54).

Privette & Landsman (1983b), contribuem com o termo “peak performance” (pico de desempenho), definindo-o como um “comportamento que vai além do nível no qual uma pessoa normalmente funciona” (p. 195). Afirmam ser esta uma experiência positiva – prazerosa - e compreendida segundo uma visão holística do comportamento humano, sustentando ainda que “é sugerido que os humanos universalmente possuem potenciais que, sob certas condições, resultam em funcionamento superior” (p. 195). Em situações de pico a pessoa seria “mais eficiente, criativa, produtiva ou de alguma maneira melhor do que seu comportamento habitual” (Privette, 1983a, p. 1361). Assim, um pico de desempenho “é um alto *nível* de funcionamento, mais que um *tipo* de atividade” (Privette, 1983a, p. 1361, *itálicos originais*).

Em uma perspectiva sistêmica, Scaglia (2003), traz a noção de “estado de jogo”, se referindo “a condição de absorção (concentração) em que o jogador se encontra ao ser envolvido e se envolver com o jogo. É o estado de jogo que garante a condição de entrega total do jogador ao jogo” (p. 152).

Jackson e Csikszentmihaly (1999) fazem uso do termo *flow* (fluxo, fluidez), se referindo a um “estado de consciência onde o indivíduo se torna totalmente absorvido no que faz...é a experiência harmônica onde o corpo e a mente trabalham juntas sem esforço” (p. 5).

Em relação a esses conceitos, há quem destaque o seu aspecto ocasional e não replicável por meio da vontade. Ducasse & Chamalidis (2009), por exemplo, apontam: “A experiência mostra que os picos de boa-forma acontecem sobretudo quando não esperamos...as qualidades que cumprem

um papel na zona (confiança, concentração, boas sensações, lucidez, inspiração) crescem desde que não sejam forçadas” (p. 58). Ruiz & Hanin (2003) indicam a transitoriedade deste estado e das estratégias usadas por atletas para atingi-lo, sugerindo que “o que foi ótimo para um atleta antes da competição, pode não ser ótimo durante a competição” (p. 240). Em outra perspectiva, Scaglia e colaboradores (2013) nos remete à ideia de um “ambiente de jogo” necessário para este tipo de estado, no qual se exige “nada menos que entrega de corpo inteiro” (p. 149). Privette (1983a), contribui com a variabilidade de ocorrência dos picos de performance, considerando que esses podem ocorrer “isolados como eventos de uma-vez-na-vida, ou podem ocorrer com frequência ou, em raras instâncias, continuamente” (p. 1362).

Seguindo o percurso de nosso trabalho, já se pode observar o quanto as descrições acima se aproximam da visão reichiana sobre potência. Se compreendermos que essa concepção implica na ideia de que “viver na plenitude é se abandonar ao que se faz” (Reich 1952/1999, p. 41) podemos ter uma ideia do quanto essa perspectiva se aproxima do que exemplificamos acima. Alinhado ao que apresentamos, poderíamos colocá-la como um modelo possível de interpretação destes estados de desempenho que permitem o livre fluxo das capacidades e recursos nas mais variadas modalidades de ações humanas, como, por exemplo, o desempenho esportivo.

Da mesma forma, a obra reichiana nos permite compreender que também o aspecto ocasional, transitório e de difícil replicação, encontrados nos outros modelos, também compõe sua visão a respeito da potência. Nas palavras de Reich (1952/1999): “o orgasmo acontece quando tem que acontecer e não quando ele ou ela o desejam. Você não pode ‘querer’ um orgasmo e ‘obté-lo’ como quem obtém uma cerveja num botequim” (p. 43, aspas originais). Aqui precisamos levar em conta, como já discutimos, que quando Reich menciona o orgasmo ele também se refere à capacidade de entrega do ser humano à tudo que faz, como por exemplo quando diz que a pessoa

potente “mergulha ativamente em tudo o que faz, seja amar uma mulher ou um homem, seja montar uma organização ou executar um trabalho” (Reich, 1952/1999, p. 44).

Assim, poderíamos já considerar que nessa articulação entre estados “ótimos” e a visão de “potência vital” reside implicitamente a ideia de que a potência está diretamente relacionada ao aumento no desempenho, se pensarmos que em grande parte das vezes os altos níveis de desempenho expressos pelos mais excepcionais atletas dependem em certa medida de um estado como esses que estamos descrevendo.

Porém, vale, em função do rigor de nossa reflexão, ponderar que o resultado esportivo, a vitória, nem sempre é obtida tendo esse estado potente como um de seus elementos. Isto é, nossa proposta não é a de afirmar categoricamente que altos desempenhos esportivos precisam de uma experiência de potência para ocorrer, o que significaria dizer que todos os resultados superiores observados no esporte dependem de uma sensação de entrega, de presença, de potência. Esse tipo de afirmação não condiz com o que estamos tentando propor, uma vez que, como veremos mais adiante, a compreensão sobre os fatores que influenciam o desempenho esportivo vai muito além do estabelecimento de uma relação direta entre a visão de potência em Reich e a vitória.

No entanto, precisamos levar em consideração que a absorção, a entrega, a presença, mencionadas tanto nas descrições de Reich sobre a potência como nas dos estudiosos sobre esses estados ideais de desempenho, ainda que não garantam o êxito esportivo, podem aumentar sua probabilidade de ocorrência, assim como sua manutenção. Privette (1983a), por exemplo, afirma que “tanto os picos de experiência¹¹ como os picos de desempenho incluem uma alta magnitude, ou

¹¹ Obs: *Peak Experiences*. De acordo com Privette (1983a), Maslow (1962) a descreve como “momentos da mais alta felicidade e realização” (p. 69). Segundo a mesma autora, Laski (1962) ampliou o conceito como uma experiência “caracterizada por ser alegre, transitória, inesperada, rara, valorizada e extraordinária ao ponto de ser frequentemente vista como derivada de fonte sobrenatural” (p. 5)

alto nível, de alegria e/ou performance” (p. 1364). A autora também afirma que um fator comum aos “picos de experiência”, aos de “flow” e aos picos de desempenho é a “absorção, atenção ou foco claro” (p. 1366), nos trazendo mais uma pista sobre como o prazer, a sensação de fluidez e presença estão relacionados com o alto desempenho. Ericsson e Starke (2003), se referindo à capacidade de tomada de decisão em atletas de elite, corroboram com a ideia de que o conceito de “zona” também está relacionado à excelência no esporte.

Também Harmison (2011) esclarece que dentre os aspectos presentes relacionados a situações de picos de desempenho se destacam o “estar energizado e ainda relaxado” (p. 4), assim como “estar totalmente concentrado” (p. 4). Alerta para o fato de que este “estado ideal” é sentido como algo positivo, alegre. Em contraste, afirma que

em outro sentido, os estados mentais tipicamente associados a pobres desempenhos no esporte parecem ser marcados por sentimentos de dúvida, falta de concentração, distração, estar exageradamente focado no resultado ou placar da competição e se sentir pouco excitado ou em demasia (p. 5)

Esses indícios contribuem para a compreensão sobre o quanto a visão de potência em Reich se aproxima da descrição que é feita desses estados psíquicos, que segundo os autores citados são importantes para o alto desempenho. Mais adiante iremos refletir sobre as implicações desta visão de potência em Reich à luz da noção de encontros potentes, e conseqüentemente teremos uma percepção mais clara sobre o grau de complexidade que esta relação entre potência-desempenho pode adquirir.

Antes, porém, iremos apresentar algumas menções que Reich faz ao universo esportivo, inclusive como forma de contrastar sua abordagem à nossa leitura sobre o tema.

3.3. Reich, potência, reatividade e o Esporte

Pensamos ser interessante apresentar trechos da obra de Reich em que o autor menciona ou toma de exemplo o Esporte ou a prática esportiva. A partir de suas palavras, procuraremos apresentar as nuances e contrastes de abordagem ao tema em relação ao que estamos propondo.

Vale dizer que não é de nosso conhecimento nenhum texto em que Reich tivesse se debruçado exclusivamente sobre o tema do Esporte. Em relação à sua vida pessoal, sabemos, com base em Sharaf (1983) e Placzek (1981), que Reich foi uma pessoa ativa, dotada de grande vitalidade, que apreciava atividades ao ar livre como esquiar e caminhar na natureza. Contudo, não podemos dizer sobre o quanto a atividade esportiva esteve presente na sua vida. Por esses motivos seria incoerente dizer que o autor possuía uma opinião cabal ou definitiva sobre o tema, ou mesmo que tinha experiência e conhecimento suficientes para isso. À título de ilustração, os trechos que encontramos, e que dispostos a seguir em ordem cronológica, trazem nuances interessantes a respeito do tipo de discussão que pretendemos apresentar nesta nossa tentativa de aproximar o pensamento de Reich do Esporte.

A primeira menção ao Esporte se encontra no artigo *O Caráter Genital e o Caráter Neurótico* (1929). Como dissemos anteriormente, esse artigo trata basicamente da descrição e distinção entre dois tipos de caracteres que ocupam lados opostos de um *continuum*, relativos à noção de potência orgástica. Nele, Reich aponta o seguinte

Nem o trabalho realizado como dever neurótico compulsivo nem qualquer outra forma de formação reativa é capaz de ligar toda a angústia de estase. Consideremos, por exemplo, a excessiva atividade motora do caráter histérico feminino ou a hiperagilidade e inquietação do alpinista neurótico. Ambos têm um sistema muscular sobrecarregado de libido insatisfeita; ambos estão continuamente lutando pelo objeto: a histérica, de maneira indisfarçada; o alpinista, de maneira simbólica (montanha = mulher = mãe). É verdade que a motilidade deles consome uma certa quantidade de libido; ao mesmo tempo, contudo, aumenta a tensão visto que isso não lhes proporciona uma satisfação definitiva. Por isso, inevitavelmente, a jovem tem ataques de histeria, enquanto o alpinista neurótico deve tentar subir montanhas cada vez mais extenuantes e perigosas para dominar sua estase. (Reich, 1929/1933/2001a, p. 184)

Essas considerações feitas por Reich fazem referência a ideia, já mencionada por nós, de que a sublimação de uma carga de libido represada no organismo não pode ser plenamente satisfeita por meio de nenhuma outra atividade que não pelo orgasmo. Da mesma maneira, deixa subentendido que a entrega de uma pessoa potente a uma dada atividade pode ser fonte de satisfação. Assim, opostamente ao que seria o prazer de uma escalada por parte de um alpinista potente (ou *genital*), no caso de um alpinista *neurótico* a prática esportiva representaria um exemplo de atividade reativa¹², na qual se busca uma descarga aceita socialmente (o esporte) em detrimento de outra reprimida pela moralidade (orgasmo).

¹² De acordo com Laplanche e Pontalis (1988), a formação reativa seria “a atitude ou hábito psicológico de sentido oposto a um desejo recalado e constituído em reação contra ele” (p. 258). Em termos econômicos, seria “um contra investimento de um elemento consciente, de força igual e de direção oposta ao investimento inconsciente” (p. 258). Segundo o que já expusemos sobre a potência vital no pensamento de Reich, o autor entendia que a sublimação - ou o desvio de libido represada para fins sociais, produtivos - só é possível quando o sujeito é capaz de satisfazer, ou descarregar, sua estase pulsional. Quando isso não é possível, a libido represada pode passar a ser utilizada em favor da repressão, reagindo diretamente contra a pulsão que a originou. A esse mecanismo a psicanálise dá o nome de “formação reativa”.

Em 1930, ano seguinte à publicação do artigo mencionado acima, encontramos no texto *A fobia infantil e a formação do caráter* outra menção ao tema do Esporte. Esse artigo de Reich não foi focalizado em nossa discussão sobre potência. No entanto, em um breve trecho o autor faz uma consideração sobre a prática esportiva que merece ser apresentado. Ainda que Dadoun (1991) alerte que Reich “faz análise caracterial – e não caracterologia analítica” (p. 105), nesse artigo, entre outros temas, Reich nos apresenta o “caráter fálico-narcisista”. Como afirma, tal tipologia “resultou da necessidade de definir formas de caráter que ficam entre aquelas da neurose compulsiva e as da histeria” (Reich, 1930/1933/2001a, p. 208).

No item em que trata do caráter fálico-narcisista, que em sua acepção se trata de um tipo de caráter que “permanece na fase fálica – na verdade, exagera suas manifestações -; mas faz isso com a intenção *de se proteger contra um retrocesso às fases anal e passiva*” (Reich, 1930/1933/2001a, p. 212, *itálicos originais*), Reich alega o seguinte

Em casos de insanidade moral, homossexualidade ativa e sadismo fálico, bem como em formas sublimadas desses tipos – por exemplo, *atletas profissionais* – esta defesa é bem sucedida; as tendências evitadas de homossexualidade anal e passiva são apenas expressas em alguns excessos” (p. 212-2013, *itálicos nossos*)

Considerando que “o caráter é determinado não por aquilo que evita, mas pela maneira como o faz e pelas forças pulsionais que o ego utiliza para esse fim” (p. 212), aqui temos Reich atribuindo à prática esportiva – profissional – uma forma sublimada de descarregar impulsos anais e passivos. Para o autor, portanto, o vigor físico, a competição e a agressividade seriam meios pelos quais esses impulsos pré-genitais poderiam ser encaminhados e, assim, descarregados.

Em seu livro intitulado *Psicologia de Massas do Fascismo* (1933/1946), encontramos outra consideração a respeito do fenômeno Esportivo. Esse texto de Reich data de 1933, tendo sido alterado e novamente publicado em inglês em 1946 (Matthiesen, 2007). No início do texto, quando no item em que discorre sobre a “Repressão Social da Repressão Sexual” (p. 23), Reich afirma o seguinte

A energia psíquica das massas que assistem, entusiasmadas, a um jogo de futebol, ou a um musical barato, em meio a gargalhadas, não poderia ser de novo reprimida se conseguisse libertar-se das suas cadeias e seguir os caminhos que conduzem aos objetivos racionais do movimento pela liberdade (p. 30-31)

Nesse trecho Reich aborda o Esporte em sua inserção social, ou melhor, sua função social. Seria assim possível interpretá-lo de modo tal que nos fizesse lembrar da máxima marxista sobre a religião ser o “ópio do povo”, atribuída muitas vezes também ao futebol. Apontando o espetáculo esportivo como meio de “distrair” o povo, poderíamos entender que Reich analisa o esporte como uma atividade “reativa”, que substitui a possibilidade de satisfação pulsional plena e portanto, como vimos, impede a luta em busca da liberdade. No entanto, sob outra perspectiva, seria possível entender o inverso. Se considerarmos que as tais “gargalhadas” e o “entusiasmo” de um público podem também ser vistos como a expressão de satisfação e prazer de um povo diante espetáculos dramáticos – como no caso do teatro musical ou do futebol – e que “os caminhos que conduzem aos objetivos racionais do movimento pela liberdade” (Reich, 1933, p. 31) seriam impedidos por meio da repressão de tais manifestações de satisfação, seria possível entender que a arte e, talvez, o Esporte, podem também ser concebidos como meios sublimatórios de expressão pulsional, capazes

de conduzir ao prazer e à satisfação aqueles que dele disfrutam, seja como espectadores ou, quem sabe, praticantes de tais atividades.

Uma última menção que vale ser apresentada se encontra no texto *O Combate Sexual da Juventude* (1932). De acordo com Matthiesen (2007), esse texto foi originalmente publicado em 1932, tendo sido mais tarde revisado e postumamente integrado ao título *Children of the Future* (1984). Nele, ao tecer suas considerações sobre as implicações da abstinência na produtividade do trabalho – especialmente entre os jovens – Reich alega que

Muitas pessoas recomendam o esporte como possibilidade de desvio dos interesses sexuais. É certamente verdade que o esporte, até um certo grau e por um certo tempo, remedeia as dificuldades, porque o aumento do trabalho muscular absorve energia sexual. Mas aqueles que, tal como os conselheiros médicos da juventude dos centros de consulta sexual, viram o grande desfile de esportistas, grande e fortes, vir-se queixar aos vinte e cinco, vinte e oito, trinta anos de perturbações sexuais e de outra forma de doença nervosa compreendem imediatamente que todos aqueles que suportam na sua juventude a continência aparentemente sem dificuldades, expõem-se ulteriormente aos mais sérios perigos (p. 64).

Aqui temos Reich apontando os perigos apresentados pela atividade esportiva realizada em substituição à uma imperiosa necessidade de satisfação genital direta. Ainda que considere, como já o havia feito no texto de 1929, que a prática esportiva “absorve” (descarrega) parte da tensão sexual acumulada, o autor atesta que tais atividades não garantem por completo sua descarga, incorrendo portanto em “sérios perigos” para a saúde de seus praticantes.

Assim, com base nesses breves exemplos, podemos perceber que as opiniões de Reich a respeito da prática esportiva indicam um certo conservadorismo, ainda que mantenha em aberto a possibilidade para outras interpretações. No entanto, o que vale a pena identificar a partir desses trechos é o quanto o pensamento de Reich se organiza em torno de uma escala polarizada. Não necessariamente entre ações ou atividades potentes e impotentes, mas sim num espectro relativo à maneira e às intenções – conscientes ou não – que condicionam e conduzem sujeitos e povos a realizar uma dada atividade. Como já mencionamos, boa parte do pensamento do autor se orienta pela compreensão sobre *como*, e com quais objetivos, as ações são realizadas. Assim, em conjunto a toda nossa discussão sobre o “como” ser um elemento fundamental em nossa abordagem ao desempenho, Reich nos traz temos exemplos interessantes, pautados no Esporte, a respeito dessa escala em meio à qual a atividade humana acontece.

3.4. A questão do espectro

Tomando por base o que expusemos sobre o desempenho esportivo e o quanto esse pode ser considerado a partir de um espectro limitado por um lado pelo “estado de desempenho” e por outro pelo “contradesempenho” (Moraguès, 2003), associados às considerações já apresentadas sobre o quanto os estados potentes – de presença e entrega ao que se faz – estão relacionados com desempenhos superiores, poderíamos ser levados a dizer, aos moldes da polarização que Reich efetua entre a saúde (potência) e a doença (neurose), que o desempenho esportivo seguiria a mesma ordem, sendo o estado de desempenho determinado pela experiência de potência e o contradesempenho pela experiência reativa. Essa seria uma solução mais simples, talvez até mais fácil, de abordar a questão. No entanto, há outros elementos, relativos à própria obra de Reich e de alguns de seus comentadores, que merecem ser dispostos no sentido de termos uma visão ao mesmo

tempo mais ampla e aprofundada sobre essa relação entre potência, formação reativa e o desempenho esportivo.

No que se refere à reatividade, ainda que Reich a considere como “apenas um dos mecanismos da base de reação neurótica” (1929/1933/2001a, p. 185), é marcante em seu pensamento a forte presença deste mecanismo nas suas descrições sobre o caráter neurótico (Albertini, 2003). Assim, poderíamos supor que em alguns casos o empenho e vigor aplicados na preparação e conquista de resultados esportivos teriam como fonte energética (pulsional) o reservatório de libido represada que não consegue ser satisfeita. Se entendermos que para Reich “na formação reativa, o ego está o tempo todo ocupado consigo; é o seu próprio monitor rigoroso” (1929/1933/2001a, p. 182), entenderíamos que a reatividade dificultaria a possibilidade de entrega, e conseqüentemente diminuiria a probabilidade de êxito em quaisquer atividades humanas, tal como o autor afirma: “os desempenhos reativos, se não falham por completo, apresentam, muitas vezes, melhoras incríveis na transformação em sublimações” (1929/1933/2001a, p. 182). Desse modo, seria coerente se admitir que, à luz do pensamento reichiano, os estados ideais mencionados como facilitadores do desempenho esportivo são incompatíveis com a reatividade.

Por outro lado, seria igualmente correto afirmar que a experiência potente, em que há sublimação e portanto “as energias do ego são livres para atuar” (Reich, 1929/1933/2001a, p. 182), permitiram diretamente a entrega, a presença e conseqüentemente o êxito, pelo fato de, segundo Reich (1929/1933/2001a, p. 182) “o homem que sublima se aproxima mais de suas capacidades que o homem que trabalha de modo reativo” (p. 182). Como já dissemos, para Reich a sublimação só é possível a quem consegue se satisfazer genitalmente. Isto é, a sublimação depende da potência. Sendo assim, sua abordagem econômica ao tema, na qual “a sublimação flui livremente” (Reich, 1929/1933/2001a, p. 181), de modo que “o homem que sublima *quer* realizar as coisas e obtém prazer de seu trabalho” (Reich, 1929/1933/2001a, p. 181, *itálicos originais*), se aproxima de maneira

bastante clara ao que descrevemos sobre os “estados de desempenho”, “zonas ótimas”, “*flow*”, “picos de desempenho” e “picos de experiência”.

Não seria de todo estranho, em função do que até o momento apresentamos, chegar a essa conclusão. Afinal, essa polarização é bastante clara no pensamento reichiano. Ainda que afirme que “a variedade das formas de caráter reais entre os dois tipos principais [neurótico e genital] é infundável” (Reich, 1929/1933/2001a, p. 185) o viés estrutural, apoiado em distinções de cunho quantitativo, é o dominante em seu pensamento. Sobre esse aspecto normativo, Dadoun (1991), comenta que para Reich “tudo o que é negativo se acumula no polo neurótico, tudo o que é positivo no polo genital” (p. 99). Poderíamos muito bem associar diretamente o que apresentamos sobre fluidez, presença e entrega às considerações de Reich sobre o caráter genital ou mesmo a experiência potente, assim como por outro lado associar suas descrições sobre a reatividade às barreiras que impedem a expressão do desempenho e geram o contradesempenho.

No entanto, ao mesmo tempo, seria um tanto simplista fazer esta conclusão. Não apenas porque é possível encontrar na própria obra de Reich comentários que trariam novas nuances a essa perspectiva um tanto rígida e classificatória, como também porque ao longo dos anos alguns dos comentadores e estudiosos do pensamento reichiano contribuíram com reflexões que de certa maneira relativizam essa tentativa de estabelecer categoricamente uma classificação polarizada entre “estruturas” reativas e “estruturas” genitais e/ou sadias. Assim, se nos apoiarmos no pensamento de Reich, porém sem nos apegarmos às suas tendências normativas e valorativas, tal como nos apontam Dadoun (1991), ou mesmo Sharaf (1983), estaremos não apenas honrando sua obra, como também contribuindo para sua expansão.

Um dos riscos em se tomar de forma irrefletida esse elemento polarizador que se cria ao conceber estruturas sadias em oposição a estruturas doentes é o de não se considerar a ampla gama de possibilidades de existência presentes no espaço que se observa entre um e outro desses polos.

Sobre esse aspecto, Sharaf (1983), apresenta uma analogia bastante interessante

Eu também acredito que Reich menosprezou a ampla gama de funcionamento possível dentro daquilo que classificou como estado de impotência orgástica. Pode-se ser mais ou menos produtivo, feliz, amoroso sob essas condições. Para usar uma analogia, foi como se Reich tivesse descoberto que a maioria esmagadora das pessoas fosse cega. Primeiro ele defendeu um tratamento para abordar a cegueira, então nos anos seguintes para sua prevenção. Ele não estava especialmente preocupado com a ampla gama de variações entre as pessoas cegas e sua capacidade para trabalhar, amar, ouvir ou sentir gostos. Mais, ele via na ênfase que em geral se tinha sobre essas variações uma evasão do tema da cegueira (p. 104-105).

Assim, de nossa parte não seria correto deixar de considerar que, mesmo podendo haver relações diretas entre o que estabelecemos como estados ideais de desempenho e a potência, associadas às descrições de Reich sobre a relação entre potência e expressão das capacidades (produtividade), há uma ampla variação de possibilidades existentes no interior deste espectro entre o sadio e o doente que precisam ser levadas em consideração.

Como já mencionamos anteriormente, o próprio Reich afirma que a maior parte das pessoas apresenta uma “mistura” entre os caracteres neuróticos e genitais, e que “a diferença entre os tipos de caráter neurótico e genital deve ser concebida do modo mais elástico possível” (Reich, 1929/1933/2001a, p. 185). Nesse sentido, podemos aproveitar a contribuição de Almeida (2012), na qual “a saúde e a doença poderiam ser pensadas não como únicos dois polos possíveis, mas como extremos de um *continuum*, no qual há uma constante dinâmica durante a formação do indivíduo e

por toda sua vida” (p. 70, itálico original). Essa ideia de um *continuum*, já por nós mencionada, nos ajuda entender que para além de elementos estruturais e traços fixos da personalidade uma pessoa, o que precisamos entender é que essa distância entre o doente e o saudável proporciona a criação de um espaço de variadas possibilidades, percorrido constantemente por uma mesma pessoa, seja durante seu desenvolvimento, ao longo de sua vida e - porque não? - nas diversas situações de desempenho.

Igualmente, mesmo Reich (1933/2001a) alegando que “em geral as realizações reativas são socialmente menos bem sucedidas que as sublimadas” (p. 181), não podemos afirmar que o desempenho potente tenha mais chances de êxito que o reativo. Em compensação, somos levados a pensar que tanto o empenho reativo quanto a entrega potente não são características isoladas e definitivas de pessoas distintas, mas sim coabitam no íntimo de todos nós enquanto possíveis meios de ação e reação ao ambiente. Uma mesma pessoa pode apresentar comportamentos reativos em um momento e se permitir a entrega em outro, dadas as diferentes circunstâncias nas quais se envolve. Um atleta pode esforçar-se em busca de reconhecimento¹³ num treino, num clube ou numa competição, para mais adiante entregar-se à plena presença em outro dia, outro torneio, defendendo outra instituição, sendo orientado por um diferente treinador ou integrando uma diferente equipe. Outro atleta pode iniciar um jogo ferozmente empenhado em buscar recompensas secundárias (narcísicas) para logo em seguida, após obter este reconhecimento, conseguir relaxar e entregar-se à expressão de todo o seu potencial.

Procuraremos abordar dessa maneira nossa proposição a respeito dos processos pelos quais os estados psíquicos perturbam ou facilitam o desempenho. Não incorrendo em questões normativas

¹³ De acordo com Reich (1929/1933/2001a) “o sentimento de impotência força o ego a fazer compensações narcísicas” (p. 178). A busca pelo reconhecimento, em quaisquer áreas do desempenho humano, poderia ser interpretada como uma maneira de obter essa compensação.

ou estruturais sobre a personalidade, algo um tanto comum num ambiente onde aos psicólogos do esporte recaem constantes solicitações sobre pareceres a respeito do “perfil” de atletas ou equipes, demandando para isso a busca por “traços” e “características” ideais dos que obtém sucesso, para então serem replicados e desenvolvidos em outros menos vencedores. Mas sim procurando entender o quão maleável é a experiência humana, e o quanto ela, envolvida e dedicada a um fenômeno tão complexo e de múltiplas facetas como o desempenho esportivo, precisa ser considerada com mais atenção e cuidado. Em resumo, esta é nossa proposição. Iremos aprofunda-la no próximo capítulo. Antes, no entanto, é necessário apresentarmos em maiores detalhes algumas considerações sobre outro aspecto fundamental do desempenho esportivo, que como veremos possui grandes possibilidades de integração com o pensamento reichiano. O movimento.

3.5. A questão do movimento

Em primeiro lugar, faz-se o alerta de que é preciso ter cuidado na “tradução” da teoria reichiana para fins de cunho mais práticos, em especial os que dizem respeito à relação soma-psíqué (Matthiensen, 1996). Seria ingênuo acreditarmos que por ter Reich desenvolvido um corpo teórico que integra os fenômenos psíquicos aos físicos, uma transposição direta de suas postulações à compreensão do desempenho esportivo seria o bastante. Tal como aponta Matthiesen (1997): “nem sempre tudo o que existe no mundo corporal pode ser visto à luz da teoria reichiana” (p. 31). Temos consciência dos desafios a serem enfrentados ao propormos esse diálogo entre as duas áreas. No entanto, nos impele a percepção de que, de acordo com o que foi exposto até o momento, tal

articulação não só é possível, como também pode ser fértil e promissora em termos de seu potencial de contribuição à área esportiva.

Gaertner (2002), ao comentar sobre a coerência em se trazer os fenômenos do desempenho esportivo à luz psicologia somática, à qual considera “as propostas que integram o campo da sobreposição entre terapias somáticas e psicoterapias” (p. 89), afirma o seguinte

O entendimento de que o corpo, as expressões, a postura e os gestos traduzem o inconsciente e as emoções é outra contribuição relevante da psicologia somática e pode ser aplicada a uma compreensão mais plena da qualidade do movimento no campo esportivo. Uma leitura psicodinâmica de base reichiana pode contribuir e somar esforços nesta forma de entendimento (p. 192-193)

Sobre o movimento humano, Wagner (2006), apresenta a ideia de que o esporte é uma forma sublimada dos “impulsos caçadores e guerreiros em competições não-mortais” (p. 30). Essa perspectiva é similar à de Bayer (1986), que também associa a prática esportiva a uma espécie de descarga sublimada da agressividade autorizada pela sociedade, dizendo que

a agressividade como destruição do outro se vê sublimada pela competição esportiva, situação de enfrentamento que permite entrar em rivalidade com outros e assim liquidar de forma substitutiva as reparações de problemas vividos anteriormente e reprimidas no presente nas esferas íntimas do inconsciente (p. 62)

Desse modo, os movimentos presentes na prática esportiva seriam compostos também por representantes simbólicos – sublimados - de impulsos agressivos. Para Reich, o poder de sublimação, como vimos, é proporcional ao grau de potência. De acordo com o autor, o ego da

pessoa potente, por ser pouco pressionado pelos impulsos do id – pelo fato de satisfazê-los periodicamente – “sublima a agressão natural, bem como partes da libido pré-genital, em realizações sociais” (Reich, 1933/2001a, p. 175). Nesse sentido podemos entender a prática esportiva como uma dessas “realizações sociais” afetadas pelo grau de potência.

Em sendo o ego o governante dos movimentos, seria possível pensar que o desempenho esportivo é diretamente influenciado pela potência – na ótica reichiana – experienciada pelo atleta e/ou equipe. Para completar, precisamos percorrer o sentido oposto. Imaginando o caso de circunstâncias pouco propícias à experiência potente, a agressividade, ao invés de fluir na direção da realidade e “alimentar” a intensidade dos movimentos, permanece sufocada na pessoa cujo ego, pressionado pelo id e pelo superego, se contrai. A agressividade, reprimida, volta-se contra a própria pessoa de modo que “bloqueia parcialmente a motricidade” (Reich, 1933/2001a, p. 153).

A respeito dessa questão da motricidade ser afetada por processos psíquicos, precisamos nos aprofundar em algumas considerações, inclusive para demonstrar – como já comentamos anteriormente – o quanto o viés biológico se encontra presente no pensamento reichiano e, conseqüentemente, evidenciar a utilidade dessa perspectiva em nossas reflexões sobre a influência do psiquismo no desempenho esportivo.

Para Reich (1942/1975a), a técnica de análise do caráter consistia em “de maneira firme e sistemática, isolar uma das outras as atitudes de caráter entrelaçadas e desmascará-las, uma por uma, como funções de defesa em termos da sua significação e eficácia imediata” (p. 254). Em linha com a psicanálise de Freud, Reich visava “liberar os afetos que, em dado momento, estiveram sujeitos a severa inibição e fixação” (p. 254). O que passou a observar, então, foi que “tratando essas emoções liberadas como mecanismos psíquicos de defesa, conseguimos enfim restaurar no paciente a sua motilidade sexual e sensibilidade biológica. Assim, *dissolvendo atitudes crônicas de caráter, produzimos reações no sistema nervoso vegetativo*” (p. 254, itálicos originais). Esse tipo de

observação levou Reich a desenvolver a ideia de que “as atitudes musculares e as atitudes de caráter têm a mesma função no mecanismo psíquico: podem substituir-se e podem influenciar-se mutuamente. Basicamente, não podem separar-se. São equivalentes na sua função” (p. 230, 231). Como base nessas observações, Reich rumou no sentido do estabelecimento de ideias a respeito do “*funcionamento unitário das sensações psíquicas mais altas até as reações biológicas mais profundas*” (p. 247, itálicos originais). Pois foi essa percepção que levou Reich a se empenhar na busca por evidências que comprovassem, empiricamente, a estreita relação entre os fenômenos psíquicos e somáticos. De acordo com Almeida (2012) foi a partir da segunda metade da década de 1930 que Reich,

munido de conhecimentos advindos de sua formação médica e psicanalítica, iniciou uma série de experimentos no laboratório de fisiologia da Universidade de Oslo. A partir desse arsenal teórico-técnico-experimental, desenvolveu uma terapêutica que batizou de Vegetoterapia Carátero-Analítica, denominação que traduz a união da análise do caráter – desenvolvida em solo psicanalítico – com técnicas que visam intervir no funcionamento do sistema vegetativo...nessa segunda metade da década de 30, o corpo é solicitado a adentrar o campo de atuação clínica, no qual Reich inaugura uma abordagem própria, com técnicas específicas” (p. 15)

Vale lembrar que Reich faz o alerta de não estar propondo a criação de uma analogia entre mente e corpo. “Seria errado falar na ‘transferência’ de conceitos fisiológicos para a esfera psíquica, porque o que temos não é uma analogia, e sim uma identidade real: a unidade da função psíquica e somática” (Reich, 1935/1945/2001a, p. 315, aspas originais). Assim, as noções anteriores a respeito

de caráter e couraça passaram a ser compreendidas também em seus aspectos somáticos, constituindo aquilo que ficou conhecido como “couraça muscular”. De acordo com Almeida (2012), a primeira aparição deste termo na obra de Reich se deu em um texto de 1934 intitulado *O orgasmo como uma descarga eletrofisiológica*. Segundo Matthiesen (2007) este texto, primeiramente publicado em 1934 no *Zeitschrift für politische Psychologie und Sexualökonomie* passou a compor, em 1982, o 1º capítulo do livro *The Bioelectrical Investigations of Sexuality and Anxiety* (Reich, 1982). O que talvez seja importante mencionar é que o percurso do pensamento de Reich permitiu que ele desenvolvesse um corpo teórico e epistemológico no qual os fenômenos físicos e psíquicos são vistos como a mesma coisa, ou pelo menos como reflexos de uma mesma coisa. Essa mesma coisa, seguindo na linha do já citado “monismo energético”, seria a vida, a vitalidade e energia do organismo, compondo – consequentemente - sua visão de uma potência vital. Assim, seguindo esse raciocínio, a visão de potência em Reich se torna intimamente conectada com a capacidade – ou habilidade – do homem se movimentar. Para Reich, “todo aumento de tônus muscular e enrijecimento é uma indicação de que uma excitação vegetativa, angústia ou sensação sexual foi bloqueada e ligada” (1935/1945/2001a, p. 315). Da mesma forma, “a rigidez psíquica e a rigidez somática não são manifestações análogas, mas funcionalmente idênticas” (1935/1945/2001a, p. 320). Temos, portanto, que os processos defensivos de enrijecimento e relaxamento que mencionamos a respeito dos caracteres genital e neurótico passaram a ser vistos, na trajetória do pensamento reichiano, não como analogias, mas como processos reais, nos quais o corpo se endurece e se flexibiliza de acordo com sua capacidade de satisfação.

Essa irrupção no campo biológico (Reich, 1942/1975a) empregada por Reich nos permite, à luz dos objetivos dessa investigação, acrescentar ainda mais elementos para a compreensão de como os processos psíquicos interferem nos processos motores e, consequentemente, no desempenho esportivo.

Vale lembrar, então, que a instância psíquica em que esses processos de contração (enrijecimento) e relaxamento (expansão) ocorrem é o ego, governante dos movimentos. Mais ainda, é preciso compreender que, para Reich, “a diferença entre a couraça do caráter neurótico e couraça do caráter genital reside no fato de que, na primeira, a rigidez muscular é crônica e automática, ao passo que, na segunda, pode ser usada ou dispensada conforme a vontade” (1935/1945/2001a, p. 321). Sendo assim, se o desempenho esportivo é em parte fruto da execução “ótima” de movimentos, na qual a motricidade é um dos fatores condicionantes, seria plausível entendermos que a possibilidade de um bom desempenho fica prejudicada, ou pelo menos diminuída, em função do enrijecimento provocado por uma situação na qual o ego se vê diante da necessidade de se defender de algum conflito ou situação ameaçadora.

Sobre esse aspecto, Wagner (2001) novamente contribui para a discussão, apresentando a ideia de que alguns erros cometidos na prática esportiva podem ser entendidos como *atos falhos*¹⁴, vistos pelo autor como a “expressão corporal de um conflito psíquico” (p. S111). Considerando que o caráter é a forma pela qual mantemos a coerência e a constância de nosso funcionamento – estando aí incluídos nossos movimentos – entende que “o erro, o engano, enfim, o ato falho, revela um lapso momentâneo do caráter. Na falha do caráter, o inconsciente se manifesta em ato corpóreo, imprevisível para a consciência” (p. S112). Assim, em momentos em que o incremento de tensão aumenta a intensidade do conflito, este rompe a barreira da repressão e se realiza em gesto, em contradesempenho. Importante notar que, se analisarmos com um pouco mais de rigor esses apontamentos, observamos que não apenas os erros ou maus desempenhos, como também algumas

¹⁴ De acordo com Laplanche e Pontalis (1988) em torno da noção de ato falhos reúnem-se “não apenas ações *strictu sensu*, mas toda a espécie de erros, de *lapsos* na palavra e no funcionamento psíquico”. (p. 33, itálicos originais). Via de regra, um ato falho é uma ação por meio da qual um desejo inconsciente penetra o bloqueio do recalque e se realiza no mundo à revelia do sujeito, resultando ser o ato falho, no que diz respeito à descarga dos desejos reprimidos, um ato bem sucedido.

lesões, câibras, etc. podem ser vistas como expressões de conflitos, como sintomas que se expressam pelo movimento, ou por sua restrição, podendo causar diferentes resultados, opostos ou alheios aos motivados conscientemente.

Num outro sentido, porém, seria igualmente possível creditar a mesma dinâmica aos acertos incríveis de alguns atletas, que de acordo com o que expomos podem ser entendidos como os “picos” de desempenho. Sobre isso temos um curioso exemplo extraído de um texto de Freud de 1901, intitulado *Psicopatologia da Vida Cotidiana* (Freud, 1901/1993d), no qual o autor comenta sobre um dia em que, caminhando diante um quarto de sua casa “obedecendo a um impulso repentino lancei um de meus chinelos contra a parede, de modo que derrubei uma pequena e linda Vênus de mármore” (p. 166, 167). Procurando interpretar essa ação como um “ato de sacrifício” (p. 167) ou uma oferenda em prol da recuperação de sua filha mais velha que se encontrava doente, Freud ainda considera que “tampouco esta vez pude entender minha decisão súbita, minha destreza, e o fato de não haver alcançado nenhum outro dos objetos que tão próximos estavam” (p. 167).

Para seguir com esse raciocínio precisamos primeiro considerar, como fizemos, que altíssimos níveis de desempenho podem também ocorrer de modo reativo, como uma busca por compensações secundárias, e não sublimatórias. A agressividade, desse modo, não fluiria de forma sublimada, mas seria empenhada contra si própria em uma preparação neurótica e compulsiva, assim como seria expressa na maneira belicosa como alguns atletas abordam sua prática. Como ilustração disso, temos o ditado “a dor é temporária, o orgulho é para sempre” como uma frase bastante utilizada em modalidades esportivas que demandam grande esforço e vigor, como triathlon e maratonas. Ao mesmo tempo, os “gritos de guerra”, aliados à violência de certas modalidades esportivas – tanto dos atletas como de suas torcidas -, podem ser também interpretados não como uma sublimação de impulsos guerreiros, mas também como reatividades.

Se considerarmos essa relação entre uma intenção voluntária, à qual o conflito se opõe e se expressa corporalmente, Moraguès (2003) afirma que o contradesempenho, enquanto uma força que se manifesta “contra” o desempenho,

evidencia a distância entre o “querer” da vontade consciente e um outro “querer” que a ele se opõe. É na manifestação corporal que este último expressa sua oposição. O eu “quer”, mas “não pode”, da mesma forma que o corpo “não pode”, ou parece desobedecer, e “não quer” (p. 8, aspas originais)

Segundo Gaiarsa (1984a), “qualquer movimento pode ser feito de muitas maneiras diferentes” (p. 17). Essa afirmação se refere à *técnica* do movimento, entendida por Greco (2007) como “a interpretação, no tempo, espaço e situação, do meio instrumental operativo inerente à concretização da resposta para a solução de tarefas¹⁵ ou problemas motores¹⁶” (p. 55). Bayer (1986) acrescenta a essa noção dizendo ser a técnica “a utilização e a transformação da motricidade para alcançar que esta seja cada vez mais adaptada às exigências do jogo” (p. 150). Se entendermos que a técnica esportiva é uma “interpretação”, que acarreta na “transformação” da motricidade, podemos sugerir que estas “respostas” variam de acordo com o que o atleta vivencia numa partida ou sessão de treinamento, adaptando-se e conseguindo solucionar, em maior ou menor grau, as “tarefas” ou os “problemas motores” que lhe são apresentados. Variando de acordo com a maneira como o atleta percebe e sente o ambiente, sua motricidade, expressa pela tensão ou relaxamento de seu ego – governante de seus movimentos – transforma-se segundo a interpretação dada pelo atleta à situação

¹⁵ “Tarefa Motora” faz referência aos movimentos de modalidades em que um movimento é repetido ou executado dentro de um padrão “fechado”, tais como no atletismo, natação, etc. (Greco, 2007)

¹⁶ “Problemas Motores” se referem às atividades que demandam constante adaptação motriz em prol de um objetivo, sendo mais comuns em modalidades “abertas” como futebol, vôlei, tênis, basquete, etc. (Greco, 2007)

ou às exigências da disputa, o que pode leva-lo a realizar os movimentos das mais diversas formas, podendo ser estas acertadas – adaptadas às demandas do momento - ou não.

Se pensarmos, tal como nos aponta Wagner (1996) que o caráter é um “fantástico amortecedor de impactos” (p. 100), e que este caráter se reflete somaticamente em contrações musculares, que servem à inibição (Reich, 1942/1975a), seria coerente, como já citamos nas palavras do próprio Reich, compreender que ao amortecer – por meio do enrijecimento - os impactos dos impulsos inibidos, o corpo deixa de utilizar, ou passa a utilizar de modo mais limitado, a variedade de possibilidades existentes em seu repertório motor. Portanto, não seria lícito pensar nisso como uma possível explicação para a oscilação observada em atletas e/ou equipes que, mesmo envolvidas em competições de alto nível, apresentam variações drásticas de desempenho? Não seria oportuno apontar que erros às vezes tão incríveis, ou mesmo acertos excepcionais, que tanto de uma forma como da outra indicam um desvio considerável do desempenho médio de um atleta, poderiam ser condicionadas por esses processos?

Outro elemento que se relaciona com isso diz respeito à atividade do pensamento durante a execução de algum movimento. De acordo com Barreto (2007)

O sistema locomotor é um bom exemplo do modo como capacidades involuntárias se conjugam com nossa vontade consciente, o que...mostra haver diferentes graus de composição entre a sabedoria do corpo e a ação consciente do sujeito. Podemos tomar como exemplos práticas artísticas e esportivas que requerem um alto refinamento das habilidades motoras como dança, artes marciais e várias modalidades de ginásticas. Em casos como estes, embora se trate de um aprendizado voluntário, este aprendizado se dá sobre capacidades autônomas do corpo, certamente muito anteriores ao indivíduo, sem as quais não pode ocorrer. Ou seja, ele se treina para que seu corpo aja sem que precise pensar em como fazê-lo (p. 187-188).

Em concordância a esse aspecto temos também Moraguès (2003), afirmando que uma das principais constantes para se atingir o alto desempenho “é colocada por esses atletas [de alto nível] como a condição de acesso a esse estado [de desempenho] e a sua manutenção: não se deve pensar, e sobretudo não pensar no que o corpo faz ou deveria fazer” (p. 25).

Se colocarmos as citações feitas acima em perspectiva com o que já mencionamos a respeito da visão reichiana de potência, podemos admitir que o “não-pensar” necessário ao alto desempenho esportivo se assemelha à descrição que Reich faz sobre o comportamento do ego de “absorção integral”, ou mesmo da mera manutenção de suas funções perceptivas, em que o ego praticamente deixa de existir. Em contrapartida, da mesma forma como aponta que “quanto mais a imaginação tem de funcionar para identificar o objeto real com o objeto primitivo, mais a satisfação perde em intensidade” (Reich, 1927, 19__ __, p. 55), o pensar leva o atleta a perder o “benefício da eficácia corporal própria a esse ‘estado’ [de desempenho]” (Moraguès, 2003, p. 26).

Oliveira e Goodman (2004) vem em nosso auxílio propondo que “automaticidade presumivelmente invoca um mínimo processamento cognitivo mas são bastante relacionados com alto níveis de desempenhos motores” (p. 315). Os autores caracterizam o automatismo como “processos não conscientes” (p. 316) e indicam que as adaptações promovidas pela atividade automatizada implicam em “mais estabilidade e economia de esforço” (p. 316).

Gaiarsa (1984b), por exemplo, corrobora para esse raciocínio nos lembrando que “só quando não se tiver nenhum pensamento na cabeça – só quando for INCONSCIENTE! – é que se vai acertar naquilo que se pretende acertar” (p. 159, letras maiúsculas originais). O pensamento, então, poderia ser entendido como fruto da necessidade compulsiva de manterem vivas as representações, reanimando assim os conflitos e com isso limitando a intensidade, a precisão e a graça dos movimentos.

Sobre esta questão do automatismo do movimento, algumas considerações precisam ser feitas. Como já dissemos, o alto desempenho, a vitória, pode também ser alcançada de maneira reativa. Os “automatismos”, então, seriam referentes aos padrões de reação que o caráter de uma pessoa desenvolveu ao longo de sua vida.

Desse modo, as respostas e adaptações motoras, assim como parte do desenvolvimento do gesto técnico, podem ficar, em função desses automatismos, mais restritas desde o ponto de vista de seu repertório. Conforme Reich (1945/1981) “na medida que as forças biológicas da criança não podem mais se voltar inteiramente para o mundo exterior e para a satisfação dos impulsos, ela também perde força motriz, a mobilidade, a coragem e o sentido da realidade” (p. 278). Assim, é presumível se entender que esta inibição motora não apenas restringe a amplitude de repertório motor que uma criança pode adquirir ao longo de sua vida, conforme considera Reich, como também pode levar um atleta, num dado momento, ver-se restrito em termo da disponibilidade de seu repertório na execução de movimentos com vistas a solução dos problemas motores inerentes ao desenvolvimento e aperfeiçoamento das condições necessárias para o alto desempenho. Não obstante, mesmo assim seria possível alguém atingir um alto desempenho.

De acordo com Greco (2007), “os gestos técnicos são ‘ferramentas’ que o atleta possui para resolver tarefas e problemas em esportes” (p. 55, aspas originais). Assim, não seria adequado pensar que a tensão criada por uma circunstância inadequada, ou a intensa atividade mental decorrente da mesma, restringe o repertório disponível destas “ferramentas”, interferindo negativamente na organização de soluções para os problemas apresentados pelas competições?

Sem dúvida nossa intenção é a de associar a ideia do “não-pensar” à da entrega, da presença, relativa à visão reichiana de potência, da mesma forma que procuramos evidenciar o quanto a noção de Reich a respeito de uma “unidade funcional” entre o corpo e a mente nos auxilia a compreender os processos pelos quais o psiquismo afeta a motricidade.

Com base nessa perspectiva, e sem incorrer em classificações a respeito de um “tipo” ideal de pessoa, que reuniria qualidades facilitadoras para a obtenção desse estado ideal – potência – que estamos examinando, poderíamos pensar, ao invés de “caráteres” ou “personalidades” ou “tipos” potentes e impotentes, em *situações potentes e situações impotentes*. Também, para não correremos o risco de mesmo assim tornar nossa reflexão um tanto rígida e normativa em torno dessas duas situações, poderíamos supor que, em linha com a ideia de um *continuum* (Almeida, 2012), ambas representariam lados contrários de um espaço dentro do qual o desempenho ocorre. Da mesma forma, apesar de termos – ainda que com muito cuidado – tentado associar a ideia de estados ideais – potentes – à um aumento da probabilidade de se obter um desempenho superior, iremos nos abster, por ora, de questões relacionadas à vitória. Como vimos, não seria possível atribuir a um ou outro estado a garantia do excelente desempenho ou mesmo da conquista esportiva. Por isso, procuraremos nos concentrar apenas em uma descrição de como, à luz do que expusemos até o momento, podemos considerar o desempenho esportivo em relação à sua forma – movimento – em situações que ocupam este espaço entre a potência e a impotência.

Em situações impotentes o corpo de uma pessoa, enrijecido e desvitalizado, não conseguiria, ou apenas com muito esforço – o que seria, em termos econômicos, ineficiente – movimentar-se de maneira harmônica e coordenada. Pelo pensamento estar ativo com representações dos impulsos que não estão sendo sublimados por meio da movimentação inerente à atividade esportiva, essa pessoa teria dificuldade de entrar na “zona”, de absorver-se na tarefa motora que está realizando, o que interfere na sua tomada de decisão (Ericsson & Starke, 2003). Situações impotentes podem nessa perspectiva levar à diminuição da coordenação motora. Como vimos, pelo fato dos automatismos relacionados ao alto desempenho serem em sua maioria processados e realizados de modo inconsciente (espontâneo), a *ocupação consigo mesmo* apontada por Reich (1929/1933/2001a) limita a utilização do repertório motor. O aspecto reativo da impotência, a que

Reich dá a qualidade de ser “espasmódica” (Reich, 1929/1933/2001a, p. 181), associada a ideia de que o contradesempenho ocorre em meio a uma luta entre desejos conscientes e de outra ordem (Moraguès, 2006) poderiam também nos ajudar a entender essa dificuldade em manter a harmonia e fluidez dos movimentos.

Por outro lado, em situações potentes esse mesmo corpo – em outro momento – sentiria o livre fluxo de sua vitalidade – potência – podendo tornar-se harmônico e sincrônico (qualidade rítmica), sendo capaz, portanto, de fazer uso de todo o seu repertório motor já desenvolvido e, mais ainda, criar. De acordo com Gaiarsa (1984b): “A rigor, somos, queiramos ou não, CRIAÇÃO CONTÍNUA” (P. 96-97, letras maiúsculas originais). Em uma situação potente o ego, pouco enrijecido e bastante vitalizado, se torna capaz de governar a mobilidade sem as restrições e enrijecimentos necessários à repressão, absorvendo-se inteiramente na tarefa e mantendo apenas sua função perceptiva, não se ocupando em pensamentos e se entregando ao momento e ao prazer que ele proporciona. Considerando que “nosso corpo, atuado pelos músculos, comporta-se como uma substância plástica cuja forma varia continuamente em função do grau, da extensão e da distribuição da rigidez muscular” (Gaiarsa, 1995, p. 31) em uma situação potente o corpo perde uma forma rígida definida– defensiva - e se abre à possibilidade da criação, da exploração de seu potencial coordenativo, de modo que os gestos ficam fluidos. Precisamente por isso, a capacidade de solucionar os problemas motores inerentes à atividade esportiva se amplia, ganha em seu potencial criativo. A sublimação dos impulsos agressivos e a união das diferentes partes do corpo de forma coordenada contribui para sua graciosidade, para sua beleza, sem contudo perder em vigor. Os automatismos, ainda que entendidos como uma característica do caráter inibido, em uma situação potente se mostram como a livre expressão da inconsciência, tal como nos alertou Gaiarsa (1984b). Ou como nos ensina Diassetz T. Suzuki no prefácio ao clássico *A Arte Cavalheiresca do Arqueiro Zen* (Herrigel, 1975): “a meta do arqueiro não é apenas atingir o alvo; a espada não é

empunhada para derrotar o adversário; o dançarino não dança unicamente com a finalidade de executar movimentos harmoniosos. O que eles pretendem, antes de tudo, é harmonizar o consciente com o inconsciente” (p. 10). Essa observação, referente à filosofia zen, nos remete às considerações do ator Bruce Lee (1940-1973) a respeito das artes marciais, e que de certa maneira corrobora e resume tudo aquilo que estamos tentando dizer sobre essa relação entre a potência em Reich – ou a situação potente – e o movimento, no esporte ou em outras ações humanas. Em uma entrevista disponível na internet (cuja data e origem não puderam ser verificadas) o ator chinês diz: *“esvazie sua mente. Seja sem forma, seja sem contorno. Como a água. Você põe água em um copo e ela vira o copo. Você põe água em uma garrafa e ela se torna a garrafa. Você a põe em uma xícara e ela se torna a xícara. Agora, a água pode fluir, ou pode destruir. Seja água meu amigo”*

Assim, poderíamos concluir nosso intento de criar uma leitura possível sobre o desempenho esportivo à luz da visão reichiana de potência. Ao estabelecermos nossos argumentos em torno da ideia de que em diferentes situações o corpo age – ou reage – de modo diferente, diminuindo ou aumentando sua potência, sua possibilidade de entrega, e com isso tendo um maior ou menor aproveitamento de seus recursos, que por sua vez implicariam em oscilações positivas ou negativas do desempenho, teríamos aqui chegado a um ponto interessante para definirmos nossas conclusões e darmos por encerrado nosso trabalho. No entanto, se assim fosse teríamos nos absterido de considerar em maior profundidade alguns detalhes presentes naquilo que até agora apresentamos. Se nosso objetivo era o de demonstrar como os fatores psicológicos interferem no desempenho, pudemos verificar como isso se dá sob a ótica reichiana. Porém, parar por aqui deixaria o trabalho incompleto. Isso porque se levarmos em conta que grande parte da nossa argumentação se refere à influência dos aspectos inconscientes no desempenho esportivo, precisamos procurar esclarecer como esses aspectos inconscientes exercem influência sobre a potência e o desempenho, indo ainda mais ao fundo daquilo que expusemos até agora. Para isso, contudo, será necessário ir além de

Reich. Como já dissemos, se nos apegarmos apenas às noções reichianas, nas formas com as quais ele desenvolveu sua obra, não somente estaríamos incorrendo no risco de tornar este um trabalho normativo a respeito da polarização entre situações potentes e impotentes e seu impacto no desempenho, como também não teríamos contribuído para a expansão das teorias criadas e desenvolvidas por Reich. Evitando ser “indolentes”, conforme epígrafe ao primeiro capítulo, precisamos seguir adiante.

Assim, no sentido de explorar mais a fundo a influência dos elementos inconscientes na potência, e portanto no desempenho esportivo, precisaremos contar com a contribuição original de Albertini (1997) sobre os *encontros potentes*.

4. ENCONTROS ESPORTIVOS

“As possibilidades de felicidade

São egoístas, meu amor

Viver a liberdade, amar de verdade

Só se for a dois”

Cazuza

4.1. Encontros potentes

A noção de *encontros potentes*, formulada por Albertini (1997), atesta o seguinte: “não é correto supor a existência de ‘indivíduo potente’, pois Reich está focalizando um potencial humano, o potencial orgástico, que é dependente tanto do desenvolvimento pessoal quanto de um encontro satisfatório com o outro” (p. 62, aspas originais). Essa afirmação adquire sentido ao pensarmos que, mesmo se considerarmos como absolutos os postulados de Reich, que implicam no risco de uma “normatização” do conceito de saúde, tal como nos aponta Camara (2009) e Dadoun (1991), dificilmente podemos pensar na possibilidade de se haver um indivíduo capaz de ser potente – no sentido reichiano –, seja no ato sexual ou na vida em geral, a toda hora, junto a qualquer pessoa e em qualquer tipo de situação.

Desse modo, “o prazer, o orgasmo, está reservado para quem consegue se entregar. Nesse sentido, a vida só pode ser realmente vivida com plena presença” (1997, p. 63). Aqui Albertini (1997) está alinhado com o que Reich defende quanto à potência orgástica, ou mesmo ao caráter genital, enquanto uma capacidade ou estrutura de personalidade que possibilita a entrega àquilo que se realiza.

No entanto, se levarmos em consideração a profundidade dessa contribuição, entenderemos que será preciso fazer uma revisão sobre o que Reich atribui ao individual, e o que delega ao encontro. Ao examinarmos as implicações da ideia dos encontros potentes, somos remetidos a reavaliar o conjunto do pensamento de Reich sobre o tema. Não para refutá-lo, mas sim para redimensioná-lo à luz dessa nova contribuição, para atualizá-lo de acordo com a noção de que a capacidade de “se dar”, de se satisfazer e com isso ser capaz de uma atuação inteira e potente diante da vida, é relativa não apenas ao desenvolvimento individual de alguém que atinge o *poder* de ser *potente*, como é algo, em grande medida, dependente da qualidade “orgástica” dos encontros.

Qualidade esta que não se pode reproduzir voluntariamente, uma vez que reside em circunstâncias únicas e específicas que propiciam o encontro orgástico.

Até aqui já havíamos dado certos indícios de que essa visão estruturalista, valorativa e normativa presente no pensamento de Reich não estava de acordo com nossa abordagem à potência, ainda que nossa intenção fosse examiná-la sob a ótica desse autor. Iremos, portanto, com base nessa formulação a respeito dos encontros potentes, explorar em maiores detalhes os processos por meio dos quais, em nossa opinião, a visão de potência em Reich se amplia e ganha novas dimensões quando acrescida de um olhar que supera essa abordagem estruturalista, na qual é a personalidade da pessoa, isolada do seu meio, que determina a sua capacidade ou não de satisfação. Como vimos, ainda que o autor aceitasse uma certa singularidade nos traços de caráter de cada pessoa, a noção de estrutura está sempre presente. Como se a potência fosse uma capacidade exclusiva do sujeito. E como se fosse – conforme observamos nos textos de apresentação do conceito – passível de ser desenvolvida, ou mesmo, segundo uma visão energética “monista”, resgatada nesse sujeito de modo isolado, pela análise e/ou trabalhos corporais, partindo do pressuposto de que os processos que levam à descarga ou à inibição estão relacionados apenas ao tipo (estrutura) de caráter desse sujeito. Sem dúvida Reich foi além do setting clínico, e tudo o que mencionamos a respeito de seu empenho preventivo atesta que o autor compreendeu que as questões do caráter iam além do sujeito, da sua biologia e a da criação a que havia sido submetido. Mesmo assim, é preciso chamar a atenção para a ausência de considerações em sua obra sobre aspectos da experiência humana que transcendem o campo classificatório das estruturas de caráter. E é essa necessidade, a dizer, a demanda por um olhar que vá além do sujeito e sua estrutura libidinal, que a noção de encontros potentes visa atender.

De qualquer maneira, vale mencionar alguns vestígios em Reich que apontam nessa direção dos encontros potentes. Como exemplo, podemos citar o tema da “compatibilidade” entre amantes, presentes em alguns de seus textos. Em 1930, no texto *Maturidade Sexual, Abstinência, Moral*

Conjugal, Reich aponta para a importância de se encontrar um “parceiro adequado para a vida sexual” (Reich, 1930/1945/1981, p. 40). Em 1934, no texto *O orgasmo como uma descarga eletrofisiológica* (Reich, 1934/1982) afirma que “o fato de que existe uma compatibilidade sexual entre certos homens e mulheres é um formidável fenômeno que até agora permanece completamente sem explicação e tem sido meramente glorificado pelo misticismo” (p. 6). Em 1945, no capítulo VII do livro *A Revolução Sexual*, alega que

a relação sexual entre duas pessoas pressupõe que se realiza uma harmonização dos ritmos sexuais, que os parceiros cheguem a conhecer minuciosamente aos poucos desejos sexuais raramente conscientes, mas sempre presentes, pois somente então ficarão garantidas a satisfação correspondente e a ordem da economia sexual duráveis (Reich, 1945/1981, p. 154)

Ainda que faça uma distante alusão ao raciocínio que pretendemos propor, Reich não avança na compreensão a respeito do que condiciona essa compatibilidade, ou mesmo quais fatores tornam ou não um ou outro parceiro “adequado”. Isso fica evidente no texto de 1934, onde logo em seguida a citação que fizemos acima ele alerta que “a real natureza desta harmonia [entre parceiros], no entanto, permanece sem explicação”¹⁷ (p. 7). Também no texto de 1945, mesmo levando em conta a necessidade de harmonização entre parceiros, Reich reafirma sua visão estruturalista, dizendo que

¹⁷ Sobre essa afirmação, no próprio texto Reich explica, em nota de rodapé, que foi a partir de 1939 que esse “contato biossexual” passou a ser compreendido como “função de contato de dois campos de excitação orgonótica” (Reich, 1934/1982, p. 7 – nota de rodapé). Como as teorias da orgonomia não foram abordadas neste nosso estudo, mencionamos essa nota apenas a título de curiosidade.

“a capacidade para uma relação sexual permanente em primeiro lugar demanda a *potência orgástica integral dos parceiros sexuais, isto é, nenhuma perturbação da relação entre sexualidade carinhosa e sensual*” (p. 155, itálicos originais).

Talvez a evidência mais próxima sobre a ideia de encontros potentes que podemos encontrar na obra de Reich se encontra no texto *O assassinato de Cristo* (1952/1999), onde considera que “o contato orgástico *acontece* ao organismo, não há necessidade de ‘fazê-lo’. Ele ocorre espontaneamente ao contato com certos organismos e não ocorre ao contato com outros” (p. 43-44, itálicos originais; aspas originais). Essa noção se alinha com a ideia reichiana de “abandono recíproco” (Reich, 1952/1999, p. 40). Porém, ainda assim Reich mantém o viés estrutural de seu pensamento. Logo no início desse texto, por exemplo, ele confirma essa perspectiva, diferenciando tipos capazes e incapazes de entrega à fusão amorosa, dizendo que “o desejo de se fundir com outro organismo no abraço genital é tão forte no organismo encorajado como no não encorajado” (p. 37).

A contribuição de Albertini (1997), então, parece vir preencher uma lacuna no sentido de relativizar a importância da estrutura na potência ou, quem sabe, ampliar a visão que se possui sobre a potência no pensamento de Reich, na mesma medida em que denuncia suas limitações. Pelo menos, serve para acrescentar novos detalhes à maneira como esta estrutura, inevitavelmente inserida em um campo relacional, vive ou não essa potência. A questão que propomos, portanto, é a de que a potência, ao invés de ser uma capacidade desenvolvida ou adquirida na ou pela estrutura, é algo que não a compõe, uma vez que na estrutura ela existe apenas como *potencial*, como *possibilidade*. Nesse sentido, quem determinaria a realização da potência (satisfação) não seriam as estruturas, mas sim os encontros. Essa indicação nos oferece contribuições muito interessantes a respeito de pensar – como já mencionamos anteriormente – que a potência é um fenômeno que habita a *situação*, o *momento*. Albertini (1997) contribui para esse raciocínio: “o encontro realizador

pode ocorrer numa fase do relacionamento e não ocorrer em outra, dada a incontrolável dinâmica, tanto dos indivíduos como dos relacionamentos humanos” (p. 62).

A noção de encontros potentes no entanto não exclui o aspecto estrutural da formulação sobre potência. Afinal, o potencial orgástico é dependente tanto do encontro satisfatório quanto do “desenvolvimento pessoal” (Albertini, 1997, p. 62). Essa noção indica o deslocamento do lugar de potência previamente estabelecido por Reich. Para esse último a potência existe em cada pessoa como capacidade, cabendo a cada um desenvolver – com ou sem ajuda – os meios para se permitir o seu livre fluxo. Ou mesmo, na visão reichiana, caberia à sociedade criar os meios para que cada indivíduo pudesse desenvolvê-la (a potência). Já a concepção de encontros deposita a potência no encontro, na relação. É o que ocorre – momentaneamente – em uma relação que irá, ou não, permitir o livre fluxo da vitalidade.

Indo ainda além, Albertini (1997) apresenta o raciocínio que sustenta essa posição, completando que os encontros potentes seriam aqueles “nos quais a dimensão erótica, emocional e inconsciente presente favorece a expressão sexual dos amantes” (p. 62). Ainda que breve, essa passagem nos dá o indício da importância de se compreender a influência da instância inconsciente na expressão da potência, de modo a abrir caminho para que possamos explorar como essa atua no sentido de despertar, a partir da dinâmica relacional, a possibilidade, ou não, de potência.

Somos então levados a considerar que para além do desenvolvimento individual, as experiências de presença e entrega que alguém registra ao longo da vida são condicionadas, ou mesmo delimitadas, por um *campo*, para todos os efeitos de ordem *transferencial*, que em função de suas particularidades permite ou não a ocorrência do livre fluxo da libido em direção ao(s) objeto(s) e, portanto, possibilita a entrega, a presença, a potência.

Sendo um conceito de extrema importância na teoria e prática psicanalíticas (Wagner, 2004), a noção de transferência se mostra fundamental para prosseguirmos em nosso intento. Isso porque,

como vimos, se acrescentarmos a noção de encontros potentes à visão reichiana de potência, compreender as características transferenciais dos encontros se torna essencial para ser possível dimensionar seu nível orgástico, isto é, sua potência. Tendo em vista que ninguém se torna potente de modo definitivo, tampouco indefinidamente, e que a entrega e presença de uma pessoa naquilo que faz depende em grande medida das circunstâncias, do ambiente em que realiza suas ações, então precisamos deter nosso olhar nos modos pelos quais o fenômeno transferencial incide nas ações humanas.

De acordo com Laplanche e Pontalis (1988) a transferência é um fenômeno que, em psicanálise, é entendido como “o processo pelo qual os desejos inconscientes se atualizam sobre determinados objetos no quadro de um certo tipo de relação estabelecida com eles e, eminentemente, no quadro da relação analítica” (p. 668). Em relação ao sentido do termo em alemão, na forma como foi concebido por Freud, Hans (1996) nos auxilia esclarecendo que o termo *Übertragung* (transferência) “evoca um ‘arco de ligação’ que mantém interligados dois pontos” (p. 413, aspas originais), e nos ensinando que se trata de um

conceito amplo, envolve questões tão diversas como as técnicas de manejo e diagnóstico, a compreensão da atualização da cena edípica, o papel da repetição nos mecanismos de resistência e a transferência negativa. Entretanto, cabe ressaltar que ao longo de todo o percurso teórico freudiano o termo mantém as características linguísticas descritas acima: ‘interligar a origem e a chegada; o passado e o presente; o longe e o perto’; ‘maleabilidade e reversibilidade’; e ‘manter o material inato (rigidez do esquema transposto)’ (p. 418-419, aspas originais)

O autor alerta para a ideia do termo fazer referência ao ato de “transportar” algo de um ponto ao outro – ou de um tempo ao outro -, ao mesmo tempo em que a distância entre o ponto de partida

e o ponto de destino permanece ativada, “mantendo acesa a relação entre o passado e o presente” (p. 420), tal como se o tempo se desdobrasse em si próprio e pelo presente brotasse o passado, sendo possível também, na direção inversa, o presente reavivar e remodelar o passado.

Ramirez (2003), vem também ao nosso auxílio afirmando que a transferência “não é apenas uma repetição de padrões antigos – ou o deslocamento indevido, por assim dizer – de uma ligação libidinal do passado sobre uma pessoa atual” (p. 65). Sendo um fenômeno no qual a ligação entre passado e presente permanece acesa, “a transferência deve, portanto, ser entendida como um entre.” (p. 65). Mas avisa que

este intermédio indica não apenas a proximidade de um e outro, mas uma certa distância entre os dois. Uma certa distância, não no sentido de um ponto mediano e estável, justa medida entre um e outro, que seria encontrado, mas sim no sentido de um jogo de proximidade e distância... (p. 65).

Esse jogo, em que o sujeito “enreda e se enreda em um outro que também deseja (inconscientemente) enredar e se enredar em seu outro” (Wagner, 2004, p. 125), é jogado naquilo que é conhecido como *campo transferencial*.

Formulação teórica creditada a Fabio Herrmann (1991), a “Teoria dos Campos” faz alusão à ideia de que um campo constitui “o conjunto de determinações inaparentes que dotam de sentido qualquer relação humana” (p. 28). Assim, temos que o campo “sustenta significativamente as relações que nele ocorrem” (Herrmann, 1991, p. 28). É nesse campo que ocorre o *jogo transferencial*. Vale também notar que, em função de sua maleabilidade, cada campo comporta um tipo particular de jogo em um determinado momento de uma relação.

Loffredo (2010), contribui dizendo ser este um “espaço *dramático*” (p. 145, itálico original) por meio do qual os desejos e impulsos inconscientes encontrariam um palco para sua atualização e expressão. Segundo a mesma autora, associar o conceito de transferência ao termo “campo” seria apropriado por “comportar teoricamente a dinâmica mutante das personagens em cena” (Loffredo, 2010, p. 145).

Outro aspecto sobre conceito de transferência diz respeito ao fato deste ser um conceito que transcende o campo clínico. Ainda que seu aparecimento na psicanálise tenha se dado em torno da relação analítica, relativa ao par analista-paciente, a partir de sua teorização foi possível extrapolar o conceito para as relações interpessoais e grupais de modo amplo e irrestrito, traço esse que acrescenta ainda mais sentido ao termo “campo transferencial”¹⁸. Vivemos, como nos ensina Wagner (2004), “mergulhados em um oceano transferencial” (p. 135), o que nos conduz à ideia de que a transferência, para além de ser um fenômeno específico da relação a dois, é algo que de forma sutil, discreta e um tanto artilosa, condiciona profundamente a maneira como nos portamos diante do mundo, e de como o mundo se porta diante de nós, nos convidando para diferentes jogos relacionais, que por sua vez são vividas em múltiplos *campos*. Como nos alerta Herrmann (2001): “Qualquer pessoa, em qualquer momento de sua vida, mora num campo, na verdade, mora em vários campos ao mesmo tempo” (p. 54).

Tais jogos, importante que se diga, funcionam circularmente, trazendo ainda outra dimensão para o aspecto totalizante da transferência, entendida como criadora e modeladora de campos. Como aponta Wagner (2004), “a transferência se apresenta como uma excelente via (não uma alameda, mas uma avenida, aliás de *mão dupla*) de realização afetiva” (p. 126, itálicos nossos).

¹⁸ Encontramos em Freud um indício desta extrapolação no texto *Sobre a Psicologia do Colegial* (1914), onde, ao refletir sobre a relação dos alunos com seus professores, alerta que “transferimos para eles [professores] o respeito e as expectativas ligadas ao pai onisciente de nossa infância e depois começamos a trata-los como a nosso pai em casa” (Freud, 1914/1994, p. 250).

Assim, é como se pudéssemos dizer que os campos, por sustentarem significativamente as relações, ditam as regras do jogo relacional, que por sua vez instituem uma modalidade, um tipo específico de relação, que varia com o tempo e com a mutabilidade dos campos, dos contextos, dos significados. Dada essa característica “mutante” dos campos transferenciais, relativa a essa “incontrolável dinâmica” que ela nos apresenta, conforme nos aponta Albertini (1997), temos que, segundo Wagner (2004):

Na transferência, o transferido não se restringe a um ou outro elemento, a este ou aquele desejo, mas diz respeito a toda uma modalidade de relação. Por isso, ao falarmos de transferência, devemos subentender sempre a situação transferencial, a dinâmica ou complexo transferenciais (p. 124).

Para irmos adiante com essas considerações é essencial tecer alguns comentários sobre a relação entre potência e transferência. Da mesma forma que Reich concebe a noção de potência orgástica como a capacidade de eliminar a estase da libido, ou seja, a capacidade de descarregar um acúmulo de libido represada, a transferência é, também, em seu aspecto econômico, “a busca de descarga da energia ligada a um complexo” (Wagner, 2004, p. 144). Se entendermos que a transferência, em seus elementos representacionais, consiste na atualização de desejos inconscientes, agrupados na forma de complexos, compreenderemos que a transferência consiste em uma estratégia do psiquismo voltada à tentativa de descarregar a estase criada por esses desejos reprimidos. Porém, a transferência visa à descarga sem, contudo, tornar consciente os conteúdos representacionais, em função do seu caráter censurável, o que em primeira instância levou-os a serem reprimidos (Wagner, 2004). Importante mencionar, portanto, que mesmo tendo um objetivo correlato ao da potência orgástica, a transferência, exatamente por manter reprimida a representação à qual a energia que se pretende descarregar está ligada, é entendida como uma forma inadequada

de satisfação pulsional. Nas palavras de Wagner (2004): “pensando a transferência como atuação (inconsciente) de um complexo, mesmo que algo se realize e se descarregue, não podemos falar em uma realização (energética) bem-sucedida” (p. 151).

Esse aspecto nos leva a compreender sob outro prisma o que Reich aponta como a transferência “autêntica” que propicia o orgasmo, em detrimento de “uma busca neurótica do objeto primitivo” (Reich, 1927/19___, p. 54), que leva à diminuição da satisfação e, conseqüentemente, diminui a intensidade do orgasmo. Nesse sentido, podemos compreender que a realização orgástica depende de um campo transferencial um tanto específico que, como vimos, faz referência a toda uma sorte de particularidades relativas à dinâmica dos relacionamentos e dos elementos que influenciam a sua ocorrência e mutabilidade. Cria-se, portanto, um espectro, ou mesmo uma escala, em meio a qual a possibilidade de se haver descarga genuína, potente, nos encontros se configura e adquire maior ou menor intensidade. Por ser a sustentação de significado das relações e principalmente pela maneira como cada um de seus integrantes o percebe, o sente e lhe atribui significado, o campo determina a gama de possibilidades para os jogos transferenciais - que constituem a relação - serem satisfatórios, serem mais, ou menos, orgásticos.

Do mesmo modo, ao refletirmos sobre a ideia de que a satisfação pulsional (a potência) implica na “*capacidade de concentração momentânea de toda a personalidade na experiência genital*” (Reich, 1927/19___. P. 54, itálicos originais) fazendo referência à capacidade de um ser humano concentrar sua personalidade em tudo o que faz na vida em geral, e que essa concentração depende de um ambiente propício para que ocorra, lançamos luz sobre a possibilidade já comentada de considerar a noção da potência em Reich como algo relativo ao campo transferencial, momentâneo, em que os encontros acontecem.

Trazendo essas considerações para o âmbito esportivo, somos levados a dizer que a potência, assim como o desempenho, não é afetada apenas pelas condições psíquicas individuais e isoladas

do meio. Não nos basta indicar que tanto os erros como as grandes atuações dependem da potência individual do atleta, que em função da liberdade do seu caráter pode, ou não, executar movimentos também de forma livre com vistas a um objetivo específico. São as circunstâncias, ou melhor, são as formas como o campo transferencial é percebido e sentido que condicionam a possibilidade de se haver potência nos encontros e, portanto, uma maior probabilidade de aumento no desempenho. Assim, o que está *em jogo* quando se está *no jogo* é o jogo relacional, que conforme os jogos esportivos dependem de um campo específico para ocorrer. O que está em jogo, então, é a dinâmica inconsciente de forças que buscam expressão e satisfação, envolvendo e se envolvendo em campos propícios que definem modos (modalidades) de jogo. Se entendermos que o campo é o contexto, é o contorno de significado, podemos dizer que o jogo é o que acontece, são as ações que surgem desse contorno. A relação de influência mútua entre os contornos e os atos estabelece a variação de grau da possibilidade de potência.

Com base nisso, podemos compreender o aspecto caleidoscópico dos grupos. A chegada de um novo jogador, a saída de um antigo, a ascensão à equipe titular, a troca de capitão ou qualquer outra mudança e/ou perturbação na rede de vínculos estabelecida pelo grupo transforma o campo transferencial, de modo que mesmo com leves mudanças, ele assume uma diferente composição. Há atletas que são mantidos no grupo por diferentes motivos, mas que de certa maneira cumprem uma função na rede de relacionamento. Há casos, por exemplo, em que atletas permanecem no grupo por terem mais experiência, porém em função da idade pouco jogam, cumprindo a função de servir como esteio emocional da equipe. Há grupos que se desestabilizam após o corte de um determinado atleta, assim como há aqueles cuja coesão aumenta sobremaneira a partir de exclusão de outro. Trocas de treinadores e demais profissionais que atuam junto ao atleta ou à equipe, ou mudanças no corpo gestor de uma dada instituição obedecem a dinâmica de incidir sobre o campo

e transformar seu significado. Ao percebermos que uma dada configuração de campo permite ou não a potência de um indivíduo ou de um grupo, entendemos o grau de sensibilidade da rede transferencial que se cria em uma equipe esportiva.

Sem dúvida, esse tipo de afirmação não é necessariamente inédito no meio esportivo. São bastante comuns menções à importância da coesão, do *esprit de cors* na obtenção de desempenhos superiores. Naturalmente, uma leitura mais específica demandaria a discriminação e os traços particulares existentes nos diferentes tipos de modalidade. Porém, esse olhar relacional não se refere especialmente apenas às interações e vínculos que são estabelecidos entre atletas e seu grupo esportivo, mas sim, acompanhando o processo transferencial, transcendem-no e aludem à noção de que a potência habita o que há entre o atleta e seu entorno de modo geral, sem restrições. Isso nos leva a entender que também em modalidades individuais essa mesma lógica se aplica, uma vez que, ainda que atue sozinho na disputa, um atleta se desenvolve, se prepara e compete em meio a um conjunto de relações que influenciam seu potencial de entrega. Associados aos expectadores, patrocinadores, gestores, jornalistas, família, amigos e todas as outras figuras que atuam no cenário esportivo e na vida de um atleta, temos, de modo específico, treinadores, preparadores físicos, nutricionistas, fisioterapeutas, psicólogos, médicos, companheiros de treino e um sem número de outras relações que compõe a teia em meio à qual um atleta treina e participa de competições. À exemplo das modalidades coletivas, e seguindo em nossa linha de raciocínio, quaisquer mudanças ou perturbações nesse campo relacional implica em variações na possibilidade de uma experiência potente.

Portanto, cabe-nos a crítica quanto ao teor individual com o qual a atividade esportiva ainda é muitas vezes abordada, tanto em modalidades individuais como coletivas. Seja na busca por grandes “salvadores” de grupos e instituições esportivas, na demasiada atenção ao “talento” de

certos atletas, nas premiações individuais em atividades coletivas, ou na maneira limitada como muitos meios de comunicação aborda o desempenho esportivo, o que se observa é que, mesmo compreendendo a importância do elemento grupal – relacional, transferencial – no incremento da possibilidade de desempenho, existe ainda no senso comum uma lógica que sobrepõe o fator individual ao coletivo, relacional. Isto é, há uma fixação na expressão individual do desempenho – talento – em detrimento da compreensão sobre os elementos de campo que o favorecem, como se o desempenho fosse algo isolado do contexto no qual ele ocorre.

Há ainda uma grande contribuição que podemos fazer a esta noção de encontros potentes. Acrescido ao que já discutimos sobre a influência do campo transferencial na satisfação pulsional, vem em grande auxílio à nossa discussão as formulações apresentadas por Winnicott (1975) sobre os *objetos transicionais*, ou mesmo os *fenômenos transicionais*, que fazem referência à noção de um *espaço transicional*. Trazer estes conceitos à baila de nossa discussão permitirá uma melhor compreensão sobre a relação desta *zona intermediária* - vivida na transferência - com a potência. Da mesma forma, será possível entender de maneira mais ampla a função deste “entre” na formação da personalidade – caráter – e, portanto, na capacidade de uma pessoa estabelecer contato com a realidade. Se entendermos, tal como já citamos, que o contato com a realidade depende do grau de satisfação pulsional, então o que estamos dizendo é o quanto esta “realidade” a que nos referimos nada mais é do que o que ocorre neste “entre”. Ainda mais, ao seguirmos nessa lógica, entenderemos que se é o “entre” que permite a satisfação, é também nesse “entre” que a satisfação ocorre, o que corrobora com nossa proposição de um deslocamento do lugar da potência do indivíduo para o campo relacional.

Winnicott (1975) estabelece como fenômeno transicional uma “área intermediária de experiência, (...), entre a atividade criativa primária e a projeção do que foi introjetado” (p. 14). Por

considerar que o desenvolvimento humano se dá no processo de separação do bebê e da criança dos seus cuidadores, isto é, no processo em que há a diferenciação entre aquilo que é interno e o que é externo, esta zona intermediária

trata-se de uma área que não é disputada, porque nenhuma reivindicação é feita em seu nome, exceto que ela exista como lugar de repouso para o indivíduo empenhado na perpétua tarefa humana de manter as realidades interna e externa separadas, ainda que inter-relacionadas (p. 15).

Os fenômenos transicionais são aqueles que permitem a saída da criança de um estado total de dependência da mãe/cuidador(a). É por meio do uso de objetos que esta “transição” é possível, por representarem “a transição do bebê de um estado em que ele está fundido com a mãe para um estado em que está em relação com ela como algo externo e separado” (Winnicott, 1975, p. 30). À medida que se apropria de um objeto que não é ele, um objeto “não-eu”, o bebê se torna capaz de iniciar o processo de constituição de sua sensação de si-mesmo, a qual Winnicott designa *self*. Portanto, é nesse lugar intermediário, que representa tanto o mundo externo como o interno, que a criança encontra meios de ir em direção ao mundo, e portanto, à independência e à realidade, ao mesmo tempo em que se constrói enquanto ser único, indivisível e real. Nas palavras de Safra (2005): “a mãe, ao se colocar no lugar onde o bebê, com sua ação, a cria, permite que o self da criança aconteça. Ela dá campo para que o querer do bebê surja como função de alguém existente” (p. 98).

Importante ressaltar que esses fenômenos não se resumem ao desenvolvimento, ou mesmo durante os primeiros estágios da infância. Segundo Winnicott (1975)

na saúde, o objeto transicional não ‘vai para dentro’; tampouco o sentimento a seu respeito necessariamente sofre repressão. Não é esquecido e não é pranteado. Perde o significado, e isso se deve ao fato de que os fenômenos transicionais se tornam difusos, se espalharam por todo território intermediário entre a ‘realidade psíquica’ e ‘o mundo externo, tal como percebido por duas pessoas em comum’, isto é, por todo o campo cultural (p. 19, aspas originais)

Essas ideias contribuem para nossa análise a respeito da importância de se considerar a potência como uma possibilidade que habita e ocorre nesse intermédio, configurando um campo onde as relações são jogadas num ciclo constante e simultâneo de transferência. À luz do que já vimos, esta zona intermediária, “indispensável para que se inicie um relacionamento entre o bebe e o mundo” (Winnicott, 2000, p. 329), é o espaço que configura a relação do sujeito com o mundo, significando-o e sendo significado por ele, que é exatamente o que mencionamos anteriormente ser o campo transferencial.

Curioso para nossa análise, Winnicott faz uso do termo “brincar” como a ação criativa deste espaço, que se amplia à medida em que o fenômeno transicional se difunde no mundo. Importante fazer notar, porém, que o verbo “to play”, usado na versão em inglês e traduzido para “brincar” em português, possui sentidos que se perdem - ou se ocultam - na tradução, como por exemplo a noção de “jogar”. Assim, o “jogo” winnicottiano pode ser entendido como a ampliação deste espaço transicional, a que ele também denomina – de forma ainda mais interessante para esta dissertação – *espaço potencial*. Em suas palavras: “o brincar criativo e a experiência cultural, incluindo seus desenvolvimentos mais apurados tem como posição o *espaço potencial* existente entre a mãe e o bebê” (Winnicott, 1975, p. 149, itálicos originais).

Podemos entender, portanto, que o espaço “transicional” é referente à transição do bebê de uma posição de completa dependência para outra na qual ele inicia sua apropriação do mundo, e

portanto sua diferenciação (separação) do estado de fusão primária na direção da independência (realidade). Este espaço de transição torna-se “potencial” à medida que é por meio dele que a ação da criança ocorre, por onde sua criatividade brota no ato de brincar. Significando o mundo, sendo significado por ele e significando a si. Estabelecendo contato com a realidade externa, percebendo ser agente desta e ao mesmo tempo sendo por esta afetado, o que nos ajuda a compreender esta noção de zona “intermediária” e seus múltiplos sentidos.

Seguindo em nossa reflexão, recorreremos em nosso auxílio a Safra (2005), pensador com marcantes influências winnicottianas, que contribui com a ideia de que o “fundamento da criatividade humana se encontra na capacidade de agir” (p. 97). Esse autor entende que a existência ocorre onde há ação, ou ao menos sua possibilidade. “A ação funda o self e o querer” (Safra, 2005, p. 98). Entende a ação como movimento criador, em que

o bebê cria o mundo, através de seu gesto, ao mesmo tempo em que cria a si mesmo, possibilitando iniciar o processo de personalização. O gesto cria o objeto, mas cria concomitantemente o braço ou qualquer outra parte do corpo implicada na ação criativa. Abre-se também a própria capacidade de vir a conhecer o outro e o mundo. Um único gesto se desdobra em desvelamentos de diferentes registros do self e do mundo. O gesto inaugura o criar, o conhecer e o amar (p. 102)

Essas contribuições são valiosas, na medida em que trazem ainda mais sentido à ideia de que é apenas quando estamos em relação que encontramos a possibilidade de estarmos presentes, conforme atesta a visão de potência à luz de Albertini (1997). De acordo com Safra (2005): “O interjogo entre a mãe e o bebê, que se dá pelas zonas erógenas, e o encontro que acontece pela oposição dos corpos possibilitam à criança maneiras distintas de estar no corpo e, mais tarde, no mundo” (p. 100).

Nesse trecho acima citado encontramos outra nuance interessante, fazendo com que essa perspectiva da ação como criadora do *self* contribua ainda mais com nosso intento. Entre outros aspectos deste espaço intermediário, a noção de *oposição* se relaciona à capacidade de agir do bebê. Não apenas no que tange o mundo representacional, como no físico, somático, sendo a oposição entendida como a “presença corporal que, ao se opor à criança, dá a ela a possibilidade de se apropriar de sua musculatura e também de encontrar sentido para seu movimento, para a dimensão motriz” (Safra, 2005, p. 100).

Como resumo final, vale dizer que em nossa análise entendemos que a visão de potência em Reich, que implica na capacidade de se entregar, de se estar inteiro e presente em uma dada ação, é um fenômeno que ocorre dentro de um espectro de possibilidades apresentadas pelo jogo transferencial. Portanto, a possibilidade de realização orgástica – potente - depende de um campo transferencial propício e momentâneo para ocorrer, dada a mutabilidade dos campos (significados) e dos jogos relacionais por ele constituídos. Este ambiente, por meio dos quais os encontros ocorrem criando uma escala possível à potência, é a zona intermediária por onde o ser se cria, se torna real, se realiza.

Limitado pela potência (entrega, presença), de um lado, e da impotência (inibição, repressão), de outro - aos moldes do que observamos na questão reichiana sobre os caracteres genital e neurótico - a experiência do encontro potente ocorre dentro dos limites deste espectro, que variam em grau segundo a maneira com a qual cada elemento do campo afeta e é afetado pelo mesmo. Em outras palavras, o espectro também pulsa, pois que é ampliado ou distendido de acordo com os jogos que ali acontecem. É como se pudéssemos dizer que o campo condiciona a *potência do jogo*, assim como o jogo possui a capacidade de redefinir o *potencial do campo*. Esta dinâmica pode fazer um encontro percorrer todo o espectro de possibilidades de potência – entrega - em instantes,

caracterizando assim seu aspecto pulsátil. Este espectro, nas palavras de Dadoun (1991) é “*o espaço da potência orgástica*” (p. 107, itálicos originais).

E, portanto, é o único espaço possível (potencial) para se agir, para se entregar, para jogar.

4.2. Nas curvas dos encontros esportivos

Como mencionamos ao fim da sessão anterior, é totalmente plausível trazer a este “campo” que estamos criando considerações que fazem referência ao aspecto pulsátil desses encontros. Isso porque a concepção de uma curva, relativa ao que seria a expressão gráfica do comportamento das intensidades de descarga vivido na experiência orgástica, não se perde com a noção de encontros potentes. Muito pelo contrário, adquire novos matizes e novas maneiras de ser compreendida. De acordo com Albertini (2006): “o encontro potente supõe uma pulsação, a existência de uma alternância entre os movimentos de contração e expansão” (p. 11). A potência do encontro, isto é, o seu grau orgástico, faz referência aos movimentos de tensão, carga, descarga e relaxamento que Reich observou no ato sexual amoroso e que podem ser aplicados às diferentes formas de expressão humana (Albertini, 2006). Uma música, uma poesia, uma peça teatral, uma piada e como nos aponta Wagner (2006), uma partida de futebol, apresentam o mesmo processo descrito pela curva orgástica reichiana. Nesse sentido, entendemos que essa qualidade rítmica e pulsátil, que são determinadas e sustentadas pelo campo transferencial, é a expressão do espectro possível de potência vivida nos encontros, sejam eles relativos à união amorosa, a uma reunião de amigos, a um espetáculo esportivo e ao desempenho esportivo.

Indo mais ao fundo nessa análise, novamente recorremos a Wagner (2006), que nos explica que “a partir da pulsação e ritmo biológicos, podemos arriscar uma transposição da curva orgástica para situações e produções culturais” (p. 57), completando que “o futebol e os esportes em geral

também são atividades culturais e podem, por isso, ser vistos sob a ótica da orgonomia¹⁹ e da curva orgástica” (p. 63). Desse modo, podemos trazer à baila tudo o que já expusemos sobre o impacto da potência do encontro no desempenho, pois é por meio da pulsação do jogo relacional que se abre a possibilidade de ação presente – potente – que por sua vez pode ampliar a ocorrência, e a manutenção talvez, de desempenhos superiores.

Contribuindo para essa noção, Safra (2005) diz: “A ação que encontra o outro devotado se humaniza e se transforma em gesto. Este revela a pulsação do encontro humanizador” (p. 99). No que diz respeito a esta pulsação, discorre sobre “a compreensão de que o movimento humano é aparentado com toda a vida e de que o interjogo tensão e distensão (ondas) são aspectos estéticos que presentificam o viver” (p. 108).

Wagner (2006) contribui com a explicação de que a “curva orgástica” recebeu este nome como “uma homenagem à situação que propiciou a descoberta da fórmula de funcionamento de tudo o que é vivo e, ao mesmo tempo, é o paradigma do prazer e felicidade, como aliás dizia Freud” (p. 56). Essas noções, quando associadas ao que ponderamos a respeito da relação entre o encontro e potência, e suas implicações no desempenho esportivo, nos auxiliam no sentido de oferecer uma abordagem interessante a respeito de temas como os calendários de torneios, os ciclos e os próprios métodos de preparação com vistas ao desempenho esportivo. A oscilação negativa (queda de desempenho) observada em alguns times após grandes conquistas pode ser creditada à essa qualidade pulsátil dos campos e, conseqüentemente, da potência e seu poder de influência no desempenho. Se atentarmos para a ideia de que após uma grande conquista o atleta ou a equipe pode passar por um processo de relaxamento, posterior à tensão vivida na busca por esse “ápice”

¹⁹ Para fins de esclarecimento, vale apenas mencionar que orgonomia é a denominação que Reich passou a adotar ao se referir ao conjunto de sua obra, em seus aspectos técnicos, teóricos e epistemológicos. De acordo com Wagner (2006), “Ela começou a ser formulada nos idos de 1940-1950” (p. 55).

(descarga), encontrado na conquista esportiva, seria mesmo compreensível entender a dificuldade de se ter um retorno instantâneo à uma nova tensão com vistas a uma nova busca. Ao mesmo tempo, o período de descanso ou recuperação, fundamental na preparação física em observação ao princípio da supercompensação²⁰ (Weineck, 1999), poderia ser levado em conta também sob o ponto de vista desta pulsação da potência, trazendo uma noção rítmica ao planejamento dos treinos que consideraria a possibilidade de criação de momentos mais ou menos potentes, e portanto mais ou menos proveitosos.

Seria preciso também considerar a qualidade um tanto fugaz e mutável presente nos encontros, fazendo-nos entender que “cada situação apresenta particularidades na sua curva de tensão e relaxamento” (Wagner, 2006, p. 59). Por ser o jogo relacional jogado neste campo transferencial, as possibilidades de expressão da potência dependem dos pequenos detalhes que constantemente o transformam, o reconfiguram. Essa mutabilidade, como vimos, é referente tanto aos aspectos internos como externos do sujeito, constituindo esse “entre” em que se unem as ocorrências do mundo e as maneiras pelas quais essa pessoa apreende, sente, percebe, vive e significa essas ocorrências. Isso, em contrapartida, condiciona as ações, reações, atitudes e expressões que em retorno também incidem sobre o campo, constituindo um permanente processo circular nesse palco transferencial, cujos protagonistas são os detalhes. Na medida em que cada um dos pequenos detalhes encontrados nas interações humanas acarreta na constante transformação dos sentidos atribuídos ao campo, que por sua vez expandem ou contraem a variedade de expressões – ou ações – potentes, somos levados a considerar que a compreensão sobre oscilações e manutenções de presença e/ou desempenho reside no entendimento a respeito desses pequenos detalhes.

²⁰ “Supercompensação significa recuperação acima do nível usual” (Weineck, 1999, p. 32)

O número da camisa do jogador de futebol. O primeiro acerto ou erro no início do jogo. O lugar que ocupa no ônibus que leva ao jogo. A forma com a qual o companheiro o abraça no vestiário. O que lhe é dito nesse abraço. Dar, ou não, uma entrevista no intervalo do jogo. O que se diz nessa entrevista. A forma como uma torcida se manifesta quando da entrada da equipe em campo. Contra ou a favor. O que isso significa para a história de cada atleta. A maneira do treinador apontar a escalação do time. Um lance perdido, um lance ganho. Uma notícia de jornal. Negociações contratuais. Um telefonema de incentivo da mãe. Um telefonema de incentivo do pai. Encontrar, ou não, seu amor na plateia. O patrocinador na tribuna. A sequência dos pênaltis. A sequência do revezamento. A braçadeira de capitão. No seu braço e no braço alheio. Uma dor em um lugar não habitual. A falta de dor. Um gol, uma cesta, um recorde. A posição no ranking. Sua e de seus adversários. Um adversário amigo, e um inimigo. Um vídeo motivacional. Jogar “em casa”, e fora dela. A temperatura da água da piscina. A raia em que se disputa a prova. A forma de orientação do treinador. Ser o reserva do seu amigo. O amigo que foi cortado do time no qual se é titular. Milhões de possíveis exemplos desses pequenos detalhes que exercem influência sobre o campo, e cuja percepção incide em sua significação, em seu sentido.

Pequenos exemplos de pequenos detalhes que para os mais cínicos podem parecer insignificantes, ou mesmo meras superstições, mas que em nossa visão possuem um enorme papel na composição daquilo que entendemos como campo transferencial, incidindo sobre a pulsação dos encontros, sobre sua possibilidade de potência, de entrega. Vale notar, também, que a relação que se estabelece com esses detalhes depende da maneira como cada um deles é sentido e significado pelo sujeito. Isso nos ajuda a entender como atletas oscilam e variam também em relação ao sentido que dão a este campo, e portanto como seu desempenho é impactado por ele. Há aqueles que em um dado momento da vida todos os detalhes o levam a potência, enquanto em outros momentos

não. A eleição do momento, dos fatores e a influência na potência e no desempenho dependem da maneira como o campo é sentido e vivido, e do modo bastante particular com que cada um a ele reage. E essa “escolha”, além fugir de um controle voluntário, posto que ocorre em terreno inconsciente, muda o tempo todo.

Essa leitura se apresenta como um outro olhar a respeito da maneira como muitas coisas são abordadas e feitas no Esporte, para não dizer na vida em geral. Em nossa opinião, se há uma busca constante de parte dos estudiosos e profissionais do desempenho esportivo por modelos que tragam aumentos sensíveis da margem competitiva de equipes e atletas, sob essa ótica esses pequenos detalhes não podem deixar de ser percebidos. A gestão das equipes, o processo de formação esportiva, as intervenções da psicologia, a metodologia dos treinos, para citarmos apenas alguns exemplos, poderiam assim então ser reexaminadas. Se a potência na visão reichiana implica em entrega, em presença, e que esta leva a uma maior probabilidade de incremento da utilização dos recursos psíquicos e motores em prol do aumento do desempenho, os modos e meios de se estimular esses estados de presença precisam ser considerados e melhor explorados. Não para forçosamente determiná-los, pois isso seria impraticável. Mas para aumentar a pulsação do campo, ou ao menos respeitar seus movimentos expansivos e contráteis. Para favorecer a criação de ambientes propícios ao brilho, à presença.

Pois quando a presença ocorre, afeta não apenas o atleta ou equipe, mas todos à sua volta. A apoteose (o orgasmo) que se cria em torno das façanhas atléticas, ainda que muitas vezes pervertida, serve à contemplação da humanidade em seu esplendor, sendo esse um dos motivos – senão o grande motivo - para se praticar e se assistir ao Esporte. Ao expressar o máximo de seu potencial, atletas de alto nível mostram aos demais a amplitude de possibilidades que o ser humano possui. Tantas que para muitos são sobre-humanas, divinais. Vale lembrar que a expressão “Olé!”,

oriunda da dança flamenca, das touradas e mais recentemente empregada no futebol, possui sua raiz na expressão árabe *wa-llah*, que significa literalmente “por Deus!”. Segundo Lauand (2009), esta expressão “é uma exclamação de entusiasmo ante uma beleza (ou alegria) surpreendente ou ‘excessiva’” (p. 50).

Por fim, cabe assinalar que este trabalho pretende apresentar uma leitura que integre aspectos do corpo teórico reichiano com o desempenho esportivo. Tendo como norte a tentativa de identificar o que está em jogo quando se está no jogo, à luz de Reich e de importantes contribuições de seus comentadores e outros teóricos, até onde conseguimos andar foi possível observar uma intrincada rede de interferências que circundam o desempenho humano, seja ele esportivo ou não. Uma teia dinâmica de forças que jogam umas com as outras no interior de cada um e no seio de cada relação, condicionando nossas paixões e nossos desamores, limitando ou libertando nossos gestos, afiando ou desafiando nossa vitalidade e confiança. Possibilitando nossa presença...ou não.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS: POR UMA *ARTE ESPORTIVA*

“O organismo amante deixa-se submergir na maré das sensações e levar pelo fluxo, como senhor de cada movimento, como o canoieiro experimentado tem o controle de sua embarcação, quando desce um rio encachoeirado. Do mesmo modo, um cavaleiro que sabe montar um puro-sangue deixa-se levar por sua montaria, e, assim, a domina”

Reich, 1952/1999, p. 44

Na leitura que estamos propondo, o ambiente, o contexto e as maneiras como atletas e/ou equipes o acolhem, o percebem e os sentem – e vice versa - determinam o quanto pode haver de entrega, o quanto cada um se sentirá aberto e inteiro para a experiência - seja ela referente ao treino ou à competição. É com base nesse campo sentido, subjetivo, que os movimentos podem ou não ser executados com presença, o que influencia a probabilidade destes resultarem em conquistas de alto nível, atingindo aquilo que entendemos como performance de excelência.

O prazer, o abandono de si naquilo que se faz nos torna capazes de realizar movimentos mais bem coordenados, a explorar de forma mais ampla nosso repertório motor, encontrando saídas criativas e eficientes para os “problemas” que a competição esportiva oferece. O campo, da forma como é sentido e significado, permite ou não a abertura à possibilidade de criar, de responder graciosamente às demandas da competição.

A partir do que encontramos e organizamos, acreditamos ser possível fazer leituras, por exemplo, sobre o fenômeno da “fase” de um atleta ou equipe, tão comum de se observar no futebol, ou mesmo entender porque futebolistas tendem a crer que rendem melhor “em casa” do que “fora” dela. Por qual razão alguns atletas tendem a ter um rendimento em treinos bem diferente do desempenho apresentado em competição. O impacto dos relacionamentos no rendimento individual e coletivo; a própria interferência de elementos externos como a mídia, a gestão e a torcida; histórias de superação, apresentações exuberantes e fracassos históricos podem, com base no que expusemos, também ser lidos sob essa ótica da potência. Temáticas comuns à Psicologia do Esporte, como “vontade”, “confiança”, “ansiedade”, “foco”, podem ser abordadas de modo diferente. À medida que se traz o olhar do inconsciente sobre o tema, não apenas se abre um campo de reflexão a respeito de como o desempenho ocorre e quais são seus fatores condicionantes, como também se relativiza o aspecto moralizante com o qual muitas vezes esses temas são julgados e avaliados. Assim, a “falta” de motivação ou confiança, o “descompromisso”, o “egoísmo” e tantos outros exemplos de

juízos de valor moral realizados em nome do estabelecimento de um perfil ideal – individual - para o alto desempenho passam a ser reavaliados sob a ótica do elemento subjetivo, inconsciente.

Além destes, o aprofundamento sobre questões relacionadas ao movimento humano também se mostra como possíveis caminhos a se embrenhar. A partir de um maior esclarecimento sobre a inserção da visão reichiana de potência no desenvolvimento da noção de identidade funcional entre soma-psiqué, um novo ramo de reflexões brotará da discussão sobre o funcionamento do psiquismo e sua interferência no desempenho esportivo.

No entanto, a fim de condensar toda nossa discussão em torno de algumas breves e finais considerações a respeito de possíveis desdobramentos deste trabalho, talvez seja mais adequado retornar ao preâmbulo, onde aludimos à ideia de uma “arte esportiva”, tal como se observa na filosofia das artes marciais. Se o que até agora estamos dizendo se refere à presença, seria interessante poder pensar, no que diz respeito à prática de alto desempenho, ou mesmo – e talvez principalmente – a prática escolar, na possibilidade de se desenvolver, com base no que conseguimos construir com este trabalho, modos e meios de formação que considerem a presença, a vitalidade, a potência. Não apenas como meios de se atingir a vitória. Como vimos, essa é uma afirmação um tanto difícil de se fazer. Tampouco como um modelo que vise “construir”, ou mesmo “desenvolver” atletas “capazes” de estar presentes, de se entregar à prática dos treinos e competições. Isso, como vimos, também não seria possível. Mas sim no sentido de revisitar o processo de formação esportiva e da prática esportiva em si, independente do seu nível de realização.

A leitura que estamos propondo enfatiza a inclusão do plano sensível dos encontros na mecânica agreste e dura das competições de alto nível. Especialmente pela provável relação direta entre a potência e o desempenho esportivo, seria preciso rever a forma de atuação e os paradigmas que sustentam a postura e métodos dos comandantes do processo esportivo, tendo por base essa ideia de uma maior *sensibilidade* aos detalhes que compõe as situações ou instantes que determinam

a escala possível de entrega, e portanto de expressão do desempenho. Sem esquecer da importância de gestores, cartolas e outros atores do cenário esportivo, nos sentimos capazes de apontar lacunas na maneira como os profissionais do esporte, sejam eles os treinadores, preparadores físicos, fisiologistas, fisioterapeutas, etc. abordam o corpo humano e sua relação com o psiquismo.

Nesse sentido, seria pelo menos interessante imaginar uma prática esportiva que, mesmo perseguindo os limites humanos em prol da excelência, se apoiasse nesse plano sensível, subjetivo, que leva à potência. Assim, teríamos uma atividade esportiva que iria além do resultado, não aquém dele. Serviria conjuntamente à procura pela imensa gama de possibilidades de criação e execução que levam ao alto nível, porém tendo como princípio a busca por si mesmo. Conforme Gaiarsa (1984a) nos aponta: “quando chegamos a *sentir* o movimento do braço *fazendo-se no braço* – e só então -, alcançamos o limite de controle, porque a *sensação* nos diz quando é que executamos um movimento de forma forçada, incomoda, dolorosa, pesada ou difícil” (p. 97, itálicos originais). Partindo dessa sensibilidade, o Esporte pode adquirir ares – ou status - de *arte*, conforme se entende na abordagem oriental às práticas marciais. Segundo Herrigel (1975), tendo por base o budismo – no caso da citação a seguir, do zen budismo - “todas essas artes [as marciais, e outras como as plásticas e as cênicas] pressupõe, - e, segundo sua índole, cultivam conscientemente – uma atitude espiritual” (p. 18). Sem dúvida não é nossa intenção abrir essa reflexão para elementos místicos e religiosos. Porém, não podemos deixar de notar a proximidade entre nossa discussão sobre potência ao tema da arte, na qual “o homem, o artista, a obra formam um todo.” (Herrigel, 1975, p. 57). O abandono de si mesmo, a entrega e absorção vividas no encontro potente - e nos estados ideais de desempenho – se assemelham também à experiência artística oriental em que “esquecidos por completo de nós mesmos e livres de toda intenção, nos adaptamos ao acontecer: a execução de algo exterior desenvolve-se com toda a espontaneidade, prescindindo da reflexão controladora” (Herrigel, 1975, p. 50). Nesse sentido, assim como nas artes orientais, o Esporte serviria como

caminho, e não como fim. E portanto, curiosamente, exatamente por não ser um fim, a prática esportiva “artística”, por privilegiar o abandono, pode ser mais bem sucedida.

Fica, então, o desafio a professores, técnicos, preparadores etc., assim como gestores e outros dirigentes da organização esportiva, de que a promoção destes ambientes propícios à potência depende em certa medida de uma mudança de postura e de abordagem à forma como entendem a prática esportiva. Ao contrário do que se observa no meio esportivo, o *mestre* oriental “faz com que ele [o aluno] perceba, sem insistir, como se se tratasse de algo secundário –e referindo-se à própria experiência do aluno -, que a criação autêntica só é possível num estado de desprendimento de si mesmo” (Herrigel, 1975, p. 55). Tais mestres entendem que “A FLUÊNCIA é a marca do movimento sensível, a marca do movimento que a pessoa está fazendo e que ela *sente* que está fazendo” (Gaiarsa, 1984a, p. 97-98, *itálicos originais*, *letras maiúsculas originais*).

No entanto, é preciso destacar por fim que a formação deste ambiente propício ao encontro potente não pode ser fruto de uma obra intencional, posto que surge apenas espontaneamente e é alheio à estratégias e técnicas de construção. Daí temos que a verdadeira provocação deste trabalho reside na ideia de que em relação ao impacto dos fatores psicológicos no desempenho não há muito o que se possa fazer de objetivo. Isto é, à luz do que desenrolamos ao longo desta dissertação, a influência do psiquismo no desempenho é algo um tanto difícil – quando não totalmente impossível – de se controlar ou desenvolver por meio de estratégias interventivas diretas.

Por outro lado, mesmo assim isso não significa necessariamente que *nada* possa ser feito. Sem dúvida, seria absolutamente cabível uma atuação no sentido de contestar o tradicional e grosseiro aspecto individualista com o qual se aborda certos temas no Esporte, condenando a visão simplista e moralista de que o desempenho depende apenas do empenho individual, ou ainda de um perfil específico para que possa ocorrer em alto nível. Tendo por princípio essa atuação “pedagógica” – para não dizer “militante” – a influência da psicologia se daria no sentido de auxiliar

os demais integrantes dos grupos esportivos no desenvolvimento de um novo olhar sobre o desempenho.

Da mesma maneira, a compreensão sobre a importância dos elementos constitutivos do campo transferencial e sua influência sobre o desempenho nos abre caminho para uma série de novos meios de atuação junto a este plano sensível, sofisticando a inserção do profissional da psicologia e de seus métodos de intervenção com vistas ao incremento da possibilidade de potência. Assim, talvez, uma percepção mais sensível possa exercer uma influência positiva no sentido de evitar erros e falhas de interpretação a respeito dos motivos que levam à oscilações no desempenho, do mesmo modo que essa sensibilidade poderia servir como ponto de partida para que, direta e indiretamente, o profissional da psicologia possa atuar na direção de combinar – ou promover e estimular a combinação – os elementos adequados à composição de um campo facilitador da entrega e, quem sabe, do alto desempenho.

Nesse sentido seria coerente, então, aprofundarmos a discussão em torno da questão da psicologia do esporte, sua função, seus princípios e suas possíveis influências no desempenho esportivo. A partir das contribuições que este trabalho se propôs fazer, podemos entendemos que a defesa em prol de uma arte esportiva caberia como forma de, sem perder de vista a intenção pelo resultado, transcendê-la na direção de uma busca mais profunda, mais humana talvez. Uma busca cuja essência seria a ideia de que a presença, ainda que não definitiva no sentido de garantir um alto desempenho, transforma o esporte em arte. E a arte esportiva faz a “ginga” virar “olé”.

REFERÊNCIAS

- Albertini, P. (1994). *Reich: história das idéias e formulações para a educação*. São Paulo: Ed. Ágora.
- Albertini, P. (1997). A sexualidade e o processo educativo: uma análise inspirada no referencial reichiano. In: Aquino, J. G. (org.). *Sexualidade na Escola: Alternativas Teóricas e Práticas*. São Paulo: Summus Editoria
- Albertini, P. (2003) Reich e a possibilidade do bem estar na cultura; In: *Psicologia USP*, n. 14(2), p. 61-89.
- Albertini, P. (2005). Reich discorda de Freud: uma crítica ao “mal-estar na cultura”. In Albertini, P. (org.). *Reich em diálogo com Freud: estudos sobre psicoterapia, educação e cultura*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Albertini, P. (2006, junho). A fórmula narrativa do orgasmo. *Língua Portuguesa* (I), p. 11-14.
- Albertini, P., Machado, T.L., Siqueira, F.Z., Tomé, L.A. (2007, maio/ago): Reich e o Movimento da Higiene Mental. In: *Psicologia em Estudo: Maringá*, v. 12(2), p. 393-401.
- Albertini, P. (2012). Wilhelm Reich: a ciência como militância; In: Almeida, J; Bader, W. (org.). *Pensamento Alemão no Século XX*. São Paulo: Cosac-Naify.
- Almeida, B.H.P (2012). *A noção de couraça na obra de Wilhelm Reich: origens e considerações sobre o desenvolvimento humano*. Mestrado, IPUSP, São Paulo.
- Ávila, D.C. (2010). *Reich, Espinosa e a Educação*. Mestrado, IPUSP, São Paulo.
- Barbanti, V.J. (2002). Manifestações da Força Motora no Esporte de Rendimento. In: Barbanti, V.J. (org.). *Esporte e Atividade Física: Interação entre rendimento e saúde*. Barueri: Editora Manole
- Barbanti, V. J. (2006). O que é Esporte? In: *Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde*, v. 11, n. 1, p. 54-58

- Barreto, A.V.B. (2007). *A Luta Encarnada: corpo, poder e resistência nas obras de Foucault e Reich*. Doutorado, PUC-SP. São Paulo.
- Bayer, C. (1986). *La Enseñanza de los Juegos Deportivos Colectivos*. Barcelona: Editorial Hispano Europea
- Bichara, V. E. A. (2003). *O movimento humano numa visão reichiana: repensando a educação física escolar*. Dissertação de Mestrado, Centro de Desportos, Universidade Federal de Santa Catarina.
- Boadella, D. (1985). *Nos caminhos de Reich*. São Paulo: Ed. Summus.
- Câmara, M.V.A (2009). Wilhelm Reich: Dados Biográficos e Orientações Básicas; In: Albertini, P.; Freitas, L. V. (Org.). *Jung e Reich: articulando conceitos e práticas* (pp. 108- 125). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Dadoun, R. (1991). *Cem Flores para Wilhelm Reich*. São Paulo: Editora Moraes
- Dias, M.H. (2009). *Sobre o Esporte de Alto Rendimento: Reflexões a partir da Psicanálise e da Utopia*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Ducasse, F., Chamalidis, M. (2009). *Cabeça de Campeão*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra/ Comitê Olímpico Brasileiro
- Ericsson, K.A., Charness, N. (1994). Expert performance: it's structure and acquisition. In: *American Psychologist*, v. 49, n. 8, p. 725-747.
- Ericsson, K. A., Starkes, J. L. (2003). *Expert performance in sports: advances in research on sport expertise*. Champaign, IL: Human Kinetics
- Feijó, O. G. (1998). *Psicologia para o esporte: corpo e movimento*. Rio de Janeiro: Ed. Shape.
- Ferenczi, S. (1993a). Psicanálise dos Hábitos Sexuais. In *Obras Completas: Sandor Ferenczi* (Álvaro Cabral, trad., Vol. III, pp. 327 – 359). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1925)

Ferenczi, S. (1993b). Thalassa: Ensaio Geral sobre a Teoria da Genitalidade. In *Obras Completas: Sandor Ferenczi* (Álvaro Cabral, trad. Vol. III, pp. 255 – 325). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1924).

Freud, S. (1992). Três ensayos de teoria sexual. In *Sigmund Freud Obras Completas* (J. L. Etcheverry, trad., Vol. VII, pp. 109 – 224). Buenos Aires: Amorrortu Ed. (Trabalho original publicado em 1905)

Freud, S. (1993a). La moral sexual “cultural” y la nervosidad moderna. In *Sigmund Freud Obras Completas* (J. L. Etcheverry, trad., Vol. IX, pp. 159 – 181). Buenos Aires: Amorrortu Ed. (Trabalho original publicado em 1908)

Freud, S. (1993b). Más allá del principio de placer. In *Sigmund Freud Obras Completas* (J. L. Etcheverry, trad. Vol. XVIII, pp. 1 – 62). Buenos Aires: Amorrortu Ed. (Trabalho original publicado em 1920)

Freud, S. (1993c). El yo y el ello. In *Sigmund Freud Obras Completas* (J. L. Etcheverry, trad. Vol. XIX, pp. 1 – 66). Buenos Aires: Amorrortu Ed. (Trabalho original publicado em 1923)

Freud, S. (1993d). Psicopatología de la vida cotidiana. In *Sigmund Freud Obras Completas* (J. L. Etcheverry, trad. Vol. VI, Buenos Aires: Amorrortu Ed. (Trabalho original publicado em 1901)

Freud, S. (1994). Sobre la psicología del colegial. In *Sigmund Freud Obras Completas* (J. L. Etcheverry, trad. Vol. XIII, pp. 247-250). Buenos Aires: Amorrortu Ed. (Trabalho original publicado em 1914)

Freud, S. (2006). Além do princípio do prazer. In *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, trad. Vol. XVIII, pp. 12-75). Rio de Janeiro: Imago. (trabalho original publicado em 1920)

Gaiarsa, J. A. (1984a). *Organização das posições e movimentos corporais: futebol 2001*. São Paulo: Summus Editorial.

Gaiarsa, J. A. (1984b). *Couraça muscular do caráter: Wilhelm Reich*. São Paulo: Ágora.

Gaiarsa, J. A. (1995). *A estátua e a bailarina*. São Paulo: Ícone.

- Gaertner, G. (2002). *Psicologia somática aplicada ao esporte de alto rendimento*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Gaertner, G. (2007). Metaexperiências no campo esportivo: Fluxo e Meditação. In: G. Gaertner (org.). *Psicologia e ciências do esporte*. Curitiba: Juruá
- Gomes, A. C. & Zakharov, A. A. (2003). *Ciência do treinamento desportivo*. Rio de Janeiro; Grupo Palestra Editora
- Gumbrecht, H.U. (2005). *Elogio da beleza atlética*. São Paulo: Editora Shwarcz
- Hans, L. (1996). *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago
- Herrigel, E. (1975). *A arte cavalheiresca do arqueiro zen*. São Paulo: Pensamento.
- Herrmann, F. (1991). *Andaimos do real: O método da Psicanálise*. São Paulo: Ed. Brasiliense
- Herrmann, F. (2001). *Introdução à teoria dos campos*. São Paulo: Casa do Psicólogo
- Hoffmann, S.J., Harris, J.C. (2002). *Cinesiologia: o estudo da atividade física*. São Paulo: Artmed Editora
- Jackson, S.A, Csikszentmihaly, M. (1999). *Flow in sports: the keys to optimal experiences and performances*. Champaign, IL: Human Kinetics
- Justus, F. (2010). *O Impacto do estresse no desempenho técnico de atletas profissionais de futebol de campo*. Dissertação de Mestrado, Depto de Educação Física, Universidade Federal do Paraná, Curitiba.
- Kiss, M. A. D., Bohme, M. T. S. (1999). Laboratório de desempenho esportivo: LADESP. In: *Revista Paulista de Educação Física*, 13(especial), p. 62-68.
- Kiss, M. A. D., Böhme, M. T. S., Mansoldo, A. C., Degaki, E. & Regazzini, M. (2004). Desempenho e talento esportivos. In: *Revista Paulista de Educação Física*, v. 18, p. 89-100.
- Knudson, D. V., Morrison, C. S. (2002). *Qualitative analysis of human movement*. Champaign, IL: Human Kinetics.

- Lamas, L. (2010). *A tomada de decisão no esporte*. Departamento de Pós-Graduação e Extensão. Valinhos, SP: Anhanguera Educacional.
- Lauand, J. (2009). Olé! – O Belo e Deus. In: *Notandum Libro*, n. 13, p. 50-52.
- Loffredo, A.M. (2010). Interpretação e ficção I. In: Herrmann, L.; Barone, L.M.C. (Org.). *Interpretação e cura* (p. 137-150). São Paulo: Casa do Psicólogo
- McCune, J. (2006). *An Investigation of flow and IZOF utilizing the FSS-2*. Dissertação de Mestrado (Master of Science). Faculty of Graduate School, University of Missouri-Columbia
- Makari, G. (2008). *Revolution in Mind: the creation of psychoanalysis*. New York: HarperPerennial
- Matthiesen, S. Q. (1996). *A Educação do Corpo e as Práticas Corporais Alternativas: Reich, Bertherat e Antiginástica*. Mestrado, PUC-SP, São Paulo.
- Matthiesen, S.Q. (1997). Limites entre o Psíquico e o Somático: Wilhelm Reich e Thérésè Bertherat. In *Encontro Comemorativo do Centenário de Wilhelm Reich*, São Paulo.
- Matthiesen, S. Q. (2007). *Organização Bibliográfica da Obra de Wilhelm Reich*. São Paulo: Ed. Annablume.
- Moraes, D.F.L (2011). *Ensaio Psicanalítico para uma Metapsicologia do Leitor Literário: Uma Leitura de Água Viva de Clarice Lispector*. Mestrado, IPUSP, São Paulo.
- Moraguès, J.L. (2003). *Psicologia do desempenho: Corpo Pulsional & Corpo Mocional*. São Paulo: Ed. Escuta
- Oliveira e Silva, J. R. (2001). *O desenvolvimento da noção de caráter no pensamento de Reich*. Mestrado, IPUSP, São Paulo.
- Oliveira e Silva, J. R. (2009). Reich e a Psicanálise: O Encontro. In P. Albertini; L. V. Freitas. (Org.). *Jung e Reich: articulando conceitos e práticas* (p. 108- 125). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

Placzek, B. R. (Ed.). (1981). *Record of a friendship: the correspondence of Wilhelm Reich and A. S. Neill*. New York: Farrar, Straus and Giroux.

Pontalis, J-B; Laplanche, J. (1988). *Vocabulário de Psicanálise*. São Paulo: Ed. Martins Fontes.

Ramalho, S.A. (2001). *Psicologia de Massas do Fascismo: Reich e o desenvolvimento do pensamento crítico*. Mestrado, IPUSP, São Paulo.

Ramirez, F.A. (2003). *Transferência em Jogo: Considerações psicanalíticas sobre o 'inter-dito' em Pedagogia do Esporte*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas

Rego, R. A. (2005). *Psicanálise e Biologia: uma discussão da pulsão de morte em Freud e Reich*. Doutorado, IPUSP, São Paulo.

Reich, W. (19__). *Psicopatologia e Sociologia da Vida Sexual*. São Paulo: Ed. Global. (Trabalho original publicado em 1927)

Reich, W. (1975a). *A função do orgasmo*. São Paulo: Ed. Brasiliense. (Trabalho original publicado em 1942)

Reich, W. (1975b). On Genitality: From the Standpoint of Psychoanalytic Prognosis and Therapy. In: *Early Writings, v.1*. New York: Ed. Farrar, Straus and Giroux. (Trabalho original publicado em 1924).

Reich, W. (1975c). Further Remarks on Therapeutic Significance of Genital Libido. In: *Early Writings, v.1*. New York: Ed. Farrar, Straus and Giroux. (Trabalho original publicado em 1925)

Reich, W. (1975d). Drive and libido concepts from Forel to Jung. In: *Early Writings, v.1*. New York: Ed. Farrar, Straus and Giroux. (Trabalho original publicado em 1922)

Reich, W. (1975e). Two narcissistic types. In: *Early Writings, v.1*. New York: Ed. Farrar, Straus and Giroux. (Trabalho original publicado em 1922)

Reich, W. (1975f). Os pais como educadores: a compulsão a educar e suas causas. In Conselho central dos jardins de infância de Berlim, V. Schmidt, W. Reich. *Elementos para uma pedagogia anti-autoritária*. Porto: Ed. Escorpião. (Trabalho original publicado em 1926)

- Reich, W. (1975g). Os jardins de infância na Rússia Soviética. In Conselho central dos jardins de infância de Berlim, V. Schmidt, W. Reich. *Elementos para uma pedagogia anti-autoritária*. Porto: Ed. Escorpião. (Trabalho original não encontrado)
- Reich, W. (1981). *A revolução sexual* (8º ed.). Rio de Janeiro: Zahar Editores. (trabalho original publicado em 1945)
- Reich, W. (1982). The orgasm as an electrophysiological discharge. In *The bioelectrical investigations of sexuality and anxiety*. New York: Ed. Farrar, Straus and Giroux. (trabalho original publicado em 1934)
- Reich, W. (1986). *O Combate Sexual da Juventude*. São Paulo: Edições Epopéia. (trabalho original publicado em 1932)
- Reich, W. (1996). *Paixão de Juventude*. São Paulo: Editora Brasiliense
- Reich, W. (1999). *O Assassinato de Cristo*. São Paulo: Ed. Martins Fontes. (trabalho original publicado em 1952)
- Reich, W. (2001a). *Análise do caráter*. São Paulo: Ed. Martins Fontes (trabalho original publicado em 1933)
- Reich, W. (2001b). *Psicologia de Massas do Fascismo*. São Paulo: Ed. Martins Fontes. (trabalho original publicado em 1933)
- Reich, W. (2003). *Éter, Deus e o Diabo*. São Paulo: Ed. Martins Fontes. (trabalho original publicado em 1949)
- Reich, W. (2009). *O Caráter Impulsivo*. São Paulo: Ed. Martins Fontes. (trabalho original publicado em 1925)
- Rouanet, S. P. (1989). *Teoria Crítica e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- Roudinesco, E.; Plon, M. (1998). *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Rousseau, J.J. (1999). *Emílio ou Da Educação*. São Paulo: Ed. Martins Fontes. (trabalho original publicado em 1762)

- Ruiz, M.C., Hanin, Y.L. (2003). Athletes' self perception of optimal states in karate: An Application of the IZOF Model. In: *Revista de Psicologia del Deporte*, v. 13, n. 2, p 229-244.
- Safra, G. (2005). *A Face Estética do Self*. São Paulo: Editora São Marcos/Idéias & Letras
- Samulski, D. M. (2002). *Psicologia do Esporte*. Barueri: Editora Manole
- Samulski, D. M. (2007). Áreas de atuação da psicologia do esporte. In: Brandão, M. R., Machado, A.A. (org). *Coleção psicologia do esporte e do exercício*. São Paulo: Editora Atheneu
- Silva, L. R. R. (2006). *Desempenho esportivo: treinamento com crianças e adolescentes*. São Paulo: Phorte Editora
- Scaglia, A. J. (2003). *O Futebol e os jogos/brincadeiras de bola com os pés: Todos semelhantes, todos diferentes*. Tese de Doutorado, Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.
- Scaglia, A.; Reverdito, R. S.; Galatti, L. (2013). Ambiente de jogo e ambiente de aprendizagem no processo de ensino dos jogos esportivos coletivos: desafios no ensino e na aprendizagem dos jogos esportivos coletivos. In: Nascimento, J. V.; Ramos, V.; Tavares, F. (Orgs.). *Jogos desportivos: formação e investigação*. Florianópolis: UDESC. (Coleção temas em movimento; 4), p. 133-170.
- Sharaf, M. (1983). *Fury on earth: a biography of Wilhelm Reich*. Nova Iorque: Ed. Da Capo Press
- Tubino, M. J. G. (2006). *O que é esporte?* São Paulo: Ed. Brasiliense.
- Wagner, C. M. (1996). *Freud e Reich: continuidade ou ruptura?* São Paulo: Ed. Summus
- Wagner, C.M. (2001). O ato falho nos esportes: alguns apontamentos. In: *Motriz*, 7(1 - Supl.), p. S111-S112.
- Wagner, C.M. (2004). *A Transferência na clínica reichiana*. São Paulo: Casa do Psicólogo
- Wagner, C.M. (2006). *Futebol e orgasmo: ensaio sobre orgonomia e futebol*. São Paulo: do Autor
- Weinberg, R. S.; Gould, D. (2001). *Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício*. São Paulo: Artmed.

Weineck, J. (1999). *Treinamento ideal*. Barueri: Ed. Manole

Winnicott, D.W. (1975). *O Brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago (trabalho original publicado em 1971)

Winnicott, D.W. (2000). *Da pediatria à Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago (trabalho original publicado em 1958)